EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

A UNIÃO

131 Anos
Patrimônio da Paraíba

Ano CXXXI Número 299 | R$ 4,00

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 12 de janeiro de 2025

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106

Assinado de forma digital por EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICACAO S A
EPC:09366790000106
Dados: 2025.01.10 23:46:36 -03'00'

TEMPERATURA ELEVADA

Aluguéis para a alta temporada geram conflitos em condomínios

Grande rotatividade nas moradias provoca discussão entre vizinhos e até judicialização de casos. *Página 7*

Foto: Carlos Rodrigo

Frota de veículos aumenta 33% em oito anos, em JP

Moradores reclamam do tráfego intenso na capital, nos últimos anos, enquanto governos realizam obras de mobilidade para melhorar o trânsito. *Página 5*

Memórias

Foto: Carlos Rodrigo

Aprendizado diário em busca do melhor jornalismo n'A União

Do início da carreira, em Sapé, até a chegada em João Pessoa, Giovanni Meireles conta como perseguiu o sonho de escrever e contar histórias do dia a dia, sem abrir mão do texto bem feito e da procura pela verdade.

Páginas 14 e 15

Três partidas acontecem, hoje, pelo Campeonato Paraibano 2025

Botafogo-PB enfrenta o Nacional, no Almeidão, às 16h, enquanto o Treze encara o Auto Esporte, e o Pombal joga contra o Esporte.

Página 24

Relatório aponta intensa mortandade de corais no Litoral nordestino, em 2024

Balanço do projeto Coral Vivo indica que o fenômeno El Niño impulsionou novo episódio de branqueamento dos recifes.

Página 20

A participação paraibana na luta liberal de Frei Caneca

Duzentos anos após a morte do religioso pernambucano, é possível detalhar parte do itinerário de sua campanha republicana durante passagem pelo estado, com apoio de tropas locais. Crítico do imperador português D. Pedro I, ele apoiou a Confederação do Equador, em 1824, movimento pela independência do Brasil, mas acabou preso e condenado à morte.

Página 25

Imagem: Tônio

EPC prepara novos projetos em ano repleto de mudanças para o público

Celebrando seis anos de criação neste mês, a Empresa Paraibana de Comunicação investe em expansão e modernização de suas mídias, reforçando o compromisso com a qualidade.

Página 8

■ "O Terceirão juntou-se ao patrimônio das igrejas, do sagrado e da praça dos Poderes para aviventar o que resta do Centro, enchê-lo de passos e de tributos espirituais".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Posso imaginar que a poesia também se prefigura como um passeio. Um passeio pela pele das palavras, pelos novelos do mundo, pela substância dos sentimentos e das emoções".

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Assine o Jornal A União agora: (83) 3218.6500 circulacao@epc.pb.gov.br

Editorial

A passos largos

No dia 6 deste mês, o governador João Azevêdo (PSB) protagonizou um dos atos democráticos por excelência: a prestação de contas ao povo paraibano, elencando as principais realizações de sua gestão em 2024, no campo político-administrativo. Quem não esteve presente no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, local da exposição, teve acesso a essas informações por meio da revista *Paraíba da Gente*, lançada naquela ocasião.

João Azevêdo destacou, por exemplo, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) — o maior do país —, e a conquista, pelo quarto ano consecutivo, do *rating* A pela Secretaria do Tesouro Nacional (STN) e *rating* AAA pela Standard &Poor's Financial Services (S&P Global Ratings). Tais distinções atestam que a Paraíba se mantém equilibrada e sustentável, do ponto de vista fiscal, condições que tornam o estado um ambiente propício a negócios.

O governo paraibano gerencia hoje mais de 600 obras, praticamente em todos os municípios, mobilizando recursos da ordem de R$ 5,3 bilhões, sendo que, desse total, nada menos que R$ 4,7 bilhões são recursos próprios, ou seja, oriundos do Tesouro Estadual. O resultado de tão grande volume de investimentos podem ser observados, por exemplo, em João Pessoa, na forma da Ponte das Três Ruas e do Arco Metropolitano.

O elenco total de obras não pode ser descrito neste espaço, no entanto, tomando a área de Saúde como espelho, destaque-se as construções dos Hospitais da Mulher de João Pessoa e de Campina Grande, além do Hospital de Trauma do Sertão, em Patos. No plano educacional, estão sendo construídas ou reformadas escolas em várias cidades, e estão em execução o Centro de Convenções de Campina Grande e a Vila Olímpica de Guarabira.

Pois bem. Caso não haja adiamento da programação, o povo paraibano tomará ciência, nesta segunda-feira (13), de outro surpreendente conjunto de obras, a ser concluídos até o fim do mandato de João Azevêdo em 2026. O gestor socialista mantém em segredo as novas realizações, mas, diante do que já foi e do que será feito, a expectativa é de um avanço administrativo histórico na Paraíba, levando-se em conta o total de empreendimentos.

O mais significativo de todo esse esforço em prol do desenvolvimento da Paraíba é a melhoria das condições de vida da população, de uma maneira geral, progresso esse que deve acontecer com ênfase no social e em consonância com a preservação do meio ambiente. A meta a ser alcançada, portanto, observando-se o programa de governo socialista, é um estado economicamente próspero, porém com o maior índice possível de justiça social.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Os pretensos "donos do mundo"

Quando o gigante da tecnologia Meta, dono do Facebook, Treads e Instagram, anunciou uma mudança radical em sua política de moderação de conteúdo, encerrando seu programa de *fact-checking* (verificação digital), nos Estados Unidos, substituindo por um sistema de "Notas da Comunidade", surpreendeu porque revelou um realinhamento com a extrema direita trumpista. Mark Zuckerberg capitulou diante da ameaça de prisão feita presidente eleito dos EUA e decidiu seguir o modelo de outro grande comandante do mercado das *big techs* americanas, Elon Musk, um declarado inimigo do Brasil legal. Isso faz com que eles se julguem "donos do mundo", quando liberam suas plataformas para espalhar mentiras afrontando legislações nacionais, apoiados no falso argumento da "liberdade de expressão". Na sua comunicação, Zuckerberg já adiantou que a medida será iniciada nos Estados Unidos, mas poderá ser adotada em outros países.

Percebe-se uma explícita intenção de buscar uma hegemonia global. Esse posicionamento político-tecnológico ameaça a democracia, os direitos humanos e a mídia independente, ao abandonar a checagem dos fatos publicados nas redes sociais. Urge, então, que os governos e a sociedade civil reajam fortalecendo as políticas de regulação digital, a exemplo do que fez a União Européia quando implementou o Código de Prática contra a Desinformação, estabelecendo parcerias com empresas de tecnologia para controlar a disseminação de *fake news* e garantir a transparência das plataformas.

No pronunciamento de Mark Zuckerberg ficou muito claro que dirigia críticas ao Brasil, quando declarou: "países da América Latina têm 'tribunais secretos' que podem ordenar que empresas silenciosamente retirem conteúdos de plataformas". Os proprietários das *big techs* americanas procuram, assim, desempenhar papel importante nas discussões geopolíticas, como fizeram no ano passado banindo o TikTok, nos Estados Unidos e Elon Musk exercendo pressão sobre as decisões do Supremo Tribunal Federal no Brasil.

O que se torna inquestionável é a decisão da Meta em se colocar politicamente no cenário internacional na conformidade do discurso produzido por Trump, sinalizando que "não aceitará a soberania dos países sobre o funcionamento do ambiente digital", como afirma o secretário de Políticas Digitais do Governo Federal, João Brant, adiantando, inclusive, que a nova política é um "convite para o ativismo da extrema direita".

O ministro Alexandre de Moraes nos tranquiliza: "Aqui no Brasil, a nossa Justiça Eleitoral e o nosso STF, ambos já demonstraram que aqui é uma terra que tem lei. As redes sociais não são terra sem lei. No Brasil, [as redes sociais] só continuarão a operar se respeitarem a legislação brasileira. Independentemente de bravatas de dirigentes irresponsáveis das *big techs*". Mas é assim que tem de ser. As plataformas digitais não podem se dá ao direito de disseminar discursos de ódio, racismo, homofóbicos, misóginos e antidemocráticos, sem que sejam responsabilizadas pelo compartilhamento de conteúdos falsos e violentos.

É, cada vez mais, necessário acelerar a regulamentação das redes sociais no Brasil, de forma a evitar que esses americanos, magnatas da tecnologia, imaginem que podem desrespeitar o Estado de Direito e as autoridades de nosso país. Esses bilionários da internet têm um projeto de dominação global. A nossa soberania tem que ser resguardada.

> **Urge, então, que os governos e a sociedade civil reajam fortalecendo as políticas de regulação digital**
>
> Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel

Trilha do verão

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Trincheirão, pode ser?

Sem formar ostensivamente no bloco dos saudosistas e, seja como for, respeitando-os, Cícero Lucena, o piranhense que pela quarta vez administra a terceira mais antiga capital do Brasil, não parece estranho a essa (para nós riquíssima) peculiaridade histórica de João Pessoa.

Deve-se à primeira gestão de Cícero a ocupação do espaço aberto pela cobertura do viaduto, entre a antiga sede central do Cabo Branco e a Biblioteca, com a construção do primeiro e mais popular shopping da cidade. A ideia não prometia muito, salvo acomodar o mais vulnerável dos comércios, o ambulante, tendo em vista a "limpeza" e reativação do Ponto de Cem Réis. Resultado: não apenas salvou do abandono total o ponto mais frequentado da cidade, que mudou de clientela ou de classe social sem perder o direito ou a consagração de principal praça histórica da cidade. Isto é, da cidade que vem de Martim Leitão, avistada para cá do Rio Jaguaribe.

O Terceirão juntou-se ao patrimônio das igrejas, do sagrado e da praça dos Poderes para aviventar o que resta do Centro, enchê-lo de passos e de tributos espirituais.

Acreditando nesse incentivo, no êxito desse empreendimento, surgem os herdeiros de João Medeiros e se associam aos Maias convertendo duas mansões aristocráticas, tudo o que sobrava delas, para construírem e instalarem o Shopping Tambiá. Novo resultado: revasculizou-se o equivalente a todo o antigo Tambiá de casas fechadas ou prestes a isso. A Santo Elias, via principal entre a Lagoa e o shopping, de antigas cadeiras nas calçadas, obriga a Prefeitura a tratá-la como passarela de rico para a mais populosa e agitada das classes sociais.

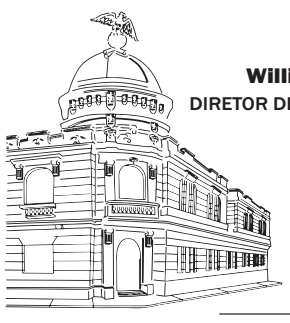
Eu era iniciante na bancada de imprensa da Assembleia, a da Praça Pedro Américo/Aristides Lobo, em 1956/57, quando a pauta dos debates já pugnava pela limpeza moral e social da Silva Jardim. Silva Jardim, simbolizando todo o bairro, era o antro de puteiros no cotidiano da tribuna, inadmissível como vizinho do Poder Legislativo, o poder "mais representativo das nossas elites morais e sociais". Lembro que apenas um dos deputados replicou a discriminação: o deputado Barreto Sobrinho. Cercada das melhores referências, atrás do Palácio, da Assembleia, dos Correios, da B. Rohan, era uma rua por onde não podiam transitar famílias. E já se via o bairro morto, como morta está hoje a venerável rua das Trincheiras.

Vem Cícero, não sei de qual mandato, e reabre o amplo e vasto prédio da 4.400, um antigo templo de consumo sem distinção de classes, na B. Rohan. Era a versão II do Terceirão. Gabaritou as ruas paralelas e seus cruzamentos e temos, hoje, um comércio de salto alto liderado pela Riachuelo e adjacências. Comércio de aviamento, de tecidos, de confecções onde minha filha Cibele vem comprar a chita e outros mimos do seu gosto que não coincide com o da Normandia, onde vive.

Estranhei que durante a última campanha Cícero não rememorasse esses passos tão práticos, efetivos, de indiscutíveis resultados para a história da cidade na sua propaganda. Ele, que é político, certamente achou que não daria voto. Mas ainda espero, mesmo assim, que as Trincheiras, continuação da Rua Direita, antiga saída para o Sul, com a sua belíssima Balaustrada, ganhe o seu Terceirão. Ou, mais propriamente, o seu Trincheirão. Pa

> **O Terceirão juntou-se ao patrimônio das igrejas, do sagrado e da praça dos Poderes para aviventar o que resta do Centro**
>
> Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$385,00 / Semestral ..... R$192,50 / Número Atrasado ..... R$3,30
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Nova tecnologia coloca PB em posição de vanguarda

Aesa informará aos produtores rurais as melhores condições de plantio

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

Fotos: Divulgação/Aesa

Agência gerencia recursos hídricos com foco na oferta para o presente e para o futuro

O Governo da Paraíba anuncia, neste mês de janeiro, o lançamento do Sistema Estadual de Informações de Risco Agro-hidroclimático (Seira), tecnologia que coloca o estado na vanguarda dos estudos sobre mudanças climáticas. Em fevereiro, a Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa) realizará 23 capacitações desse novo sistema nas microrregiões do estado.

"O produtor rural vai entrar no aplicativo e vai obter informações, por exemplo, sobre qual a melhor época de plantio na sua região, melhor cultura para plantio, previsão do clima, umidade do solo, entre outros fatores. Ou seja, essa tecnologia vai dar suporte aos agricultores de todo o estado", adianta o diretor-presidente da Aesa, Porfírio Loureiro.

Ações positivas

O ano de 2024 teve avanços significativos para a Aesa, com foco na capacitação, atualização de instrumentos de gestão e ações de fiscalização. Todas essas ações consolidam a Paraíba como referência na gestão de recursos hídricos no Brasil.

Um dos principais focos da agência, no ano passado, foi o investimento em capacitação. Contemplando profissionais da Paraíba e dos outros 26 estados brasileiros, a iniciativa inclui o curso de pós-graduação em Gestão de Recursos Hídricos Sustentáveis, que já se encontra na segunda turma.

De acordo com o diretor-presidente, Porfírio Loureiro, esses cursos são ministrados pelos técnicos da Aesa. "Isso demonstra a qualificação de nossos colaboradores e parceiros da Aesa", destaca.

No ano passado, também ocorreu o 1º Encontro Regional de Comitês de Bacias Hidrográficas (Ercob). O evento, que reuniu quase 800 participantes, incluiu, na sua programação, a segunda edição do Simpósio Paraibano de Recursos Hídricos.

Gestão

Pelo quarto ano consecutivo, a Aesa atingiu a nota máxima das metas estabelecidas pela Agência Nacional das Águas (ANA), que reconheceu a excelência do órgão na gestão de recursos hídricos. O desempenho é resultado do Progestão — programa que visa fortalecer os sistemas estaduais de gerenciamento de recursos hídricos, promovendo a governança da água para garantir sua oferta em qualidade e quantidade, tanto para o presente quanto para o futuro.

"Esse programa avalia todos os instrumentos de gestão, fazendo parte do nosso planejamento estratégico. Ou seja, várias ações são pensadas para que a Paraíba tenha uma gestão de recursos hídrica cada vez mais qualificada", explica Porfírio Loureiro.

Inspeções combatem captações irregulares

No campo da fiscalização, o órgão executou ações de monitoramento/regularização de captações de água em açudes, por meio do Aesa Itinerante. A iniciativa realiza a regularização de outorgas e licenças de obras hídricas, como também a fiscalização para garantir o uso regular dos recursos hídricos.

"Diferentemente de outros órgãos gestores que só atuam após constatar um problema, somos proativos. Nós fazemos um planejamento anual de fiscalização, que inclui tanto o uso de recursos hídricos como também de segurança de barragens", diz o diretor-presidente da agência.

Equipes monitoram os reservatórios e regulam o uso da água

Uma dessas ações foi a operação de combate à retirada irregular de água ao longo do canal Acauã–Araçagi, ocorrida em outubro. As denúncias, feitas por moradores da região, apontaram que agricultores não outorgados instalaram bombas — sem autorização — dentro da faixa de segurança do canal, destinada a preservar a estrutura e permitir a manutenção do sistema de condução. No local, os técnicos da Aesa e policiais flagraram tubulações que comprovaram o desvio clandestino.

Em outra operação, a Gerência de Fiscalização da Aesa combateu irrigações irregulares e barramentos clandestinos no Riacho das Piabas, localizado no Distrito Marinho, na Zona Rural de Campina Grande. Durante a intervenção, os técnicos da Aesa, em parceria com o Ministério Público, desativaram motobombas usadas, ilegalmente, para irrigação. Além disso, identificaram e removeram barramentos improvisados com sacos de areia, que estavam desviando o curso natural do riacho.

Em 2024, a equipe de Segurança de Barragens realizou 217 fiscalizações nos reservatórios estaduais e em diversos trechos dos rios. Os principais motivos que levam às irregularidades, segundo o diretor-presidente da Aesa, é a falta de conhecimento dos pequenos produtores sobre a necessidade de regularização do uso da água.

Para mitigar a prática e conscientizar a população, a Aesa criou um instrumento chamado Alocação de Água Negociada. A partir dessa iniciativa, a equipe da Aesa auxilia os usuários no processo de regularização, que é totalmente digital. Ou seja, não há necessidade do usuário se deslocar até as gerências.

"Depois que criamos a Alocação de Água Negociada, a população diminuiu bastante os usos irregulares. Ao longo dos anos, as fiscalizações têm sido mais educativas do que punitivas", analisa Porfírio Loureiro, ao mencionar que a regularização das outorgas tem sido um instrumento efetivo.

Além disso, a equipe técnica realiza a fiscalização do uso da água bruta (sem tratamento). Em 2024, mais de mil outorgas foram emitidas, de acordo com o gestor da Aesa. "Os empresários e pequenos produtores estão fomentando e desenvolvendo o nosso estado, portanto, devemos ser um indutor desse desenvolvimento e não um empecilho", argumenta.

No ano passado, a agência também passou por uma reestruturação, criando mais duas gerências regionais para ampliar sua capilaridade. Antes, existiam gerências regionais em João Pessoa, Campina Grande, Patos e Sousa. "Ampliamos os nossos serviços para Itaporanga e Monteiro; assim, melhoramos o atendimento no estado", celebra.

Fazemos um planejamento anual de fiscalização, que inclui o uso de recursos hídricos e a segurança das barragens

Porfírio Loureiro

UN Informe DA REDAÇÃO

ÓRGÃOS SE REÚNEM PARA AMPLIAR ACESSO DA POPULAÇÃO À DOCUMENTAÇÃO BÁSICA

Garantir o direito ao acesso à documentação básica é uma prioridade. A Defensoria Pública da Paraíba (DPE-PB), junto com o Comitê Gestor Estadual de Políticas Públicas de Erradicação do Sub-registro Civil de Nascimento e Ampliação do Acesso à Documentação Básica, está empenhada na luta para ampliar e universalizar o acesso gratuito ao registro civil de nascimento, Registro Geral (RG) e Cadastro de Pessoas Físicas (CPF). "A documentação básica é essencial para o exercício da cidadania. Precisamos identificar todos os cidadãos e facilitar o acesso a esses documentos, pois eles são a porta de entrada para as políticas públicas. Nosso compromisso é garantir que, por meio das ações da Defensoria Itinerante e dos nossos núcleos espalhados pelo estado, possamos alcançar essa meta", afirma a defensora pública-geral da Paraíba, Madalena Abrantes (foto). Ela reuniu-se com o comitê gestor e os representantes da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano e da Gerência Executiva das Casas da Cidadania para um debate sobre o assunto e as estratégias para aprimorar os serviços prestados à população. "Queremos que a Defensoria esteja presente em todas as Casas da Cidadania, ampliando o atendimento e facilitando o acesso à certidão de nascimento. Muitas famílias, por questões financeiras, não conseguem emitir esse documento essencial, o que acaba impedindo a obtenção de outros registros. Nosso objetivo é garantir que as crianças saiam das maternidades já com seus documentos em mãos", completou Rosângela Costa Assunção, representante da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano.

Foto: Divulgação/DPE

FUTURO DA FUNJOPE

Circularam notícias, ontem, sobre uma provável mudança na direção da Cultural de João Pessoa (Funjope), na segunda gestão do prefeito Cícero Lucena (Progressistas). O vereador Marcílio do HBE (Republicanos) deverá assumir a presidência da entidade, mas outros nomes também estariam no páreo, como os dos ex-vereadores Bruno Farias e Raoni Mendes. Se Marcílio for mesmo nomeado,Mikika Leitão, assume o mandato de vereador.

EMPREENDER NO SALÃO

O Empreender Paraíba está participando da 39ª edição do Salão do Artesanato Paraibano, em João Pessoa, que começou na última sexta-feira (10) e segue até 2 de fevereiro. Entre os serviços oferecidos no espaço estão a abertura de inscrições para artesãs e artesãos, o balcão de atendimento e a renegociação de dívidas. Ao todo, serão destinadas 100 vagas e as inscrições acontecem até o dia 14, das 16h às 22h.

MEDALHISTAS OLÍMPICOS

Três medalhistas olímpicos estarão em Campina Grande, no próximo dia 29, participando do Fórum Estadual de Formação Esportiva. São eles: André Heller (ouro em Atenas, 2004, e prata em Pequim, 2008, pela seleção de vôlei), Lars Grael (bronze em Seul, 88, e Atlanta, 96, na vela) e Magic Paula (prata em Atlanta, 96, pela seleção de basquete). O evento é promovido pela Confederação Brasileira de Clubes (CBC), em parceria com o Governo do Paraíba.

FRANÇA E BRASIL

Estão abertas as inscrições para o Colóquio Franco-Brasileiro de Direito dos Museus e das Coleções de Arte. O evento acontecerá no dia 16 de janeiro, das 8h30 às 17h, no Plenário Ministro João Agripino Filho, na sede do Tribunal de Contas do Estado (TCE). A iniciativa faz parte de uma parceria entre o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), o TCE, o Ministério Público de Contas, a Universidade Federal da Paraíba e International Law Association.

DEMANDA POR VACINAS FOI 100% ATENDIDA EM TODO O PAÍS

O Ministério da Saúde enviou 100% da demanda de imunizantes apresentada pelos estados no último mês. Todas as vacinas do calendário básico estão com estoques abastecidos. A proteção da população é uma das pautas prioritárias do Governo Federal, que em 2023 lançou o Movimento Nacional pela Vacinação enquanto estratégia de retomada das coberturas vacinais, que apresentavam queda desde 2016.

Maria da Penha

Farmacêutica bioquímica

“Lei que leva meu nome tem salvado muitas vidas”

Foto: José Cruz/Agência Brasil

Em entrevista, ativista ressalta o que ainda pode ser aperfeiçoado na legislação de enfrentamento da violência contra a mulher

Fernando Patriota
Especial para A União

Maria da Penha Maia Fernandes é uma farmacêutica bioquímica e ativista brasileira, nascida em 1945, em Fortaleza, capital do Ceará, que se tornou símbolo da luta contra a violência doméstica no Brasil. Após sofrer duas tentativas de assassinato do seu ex-marido, que a deixou paraplégica, ela passou a se engajar, ativamente, em movimentos de defesa dos direitos das mulheres. Sua história deu origem à Lei Maria da Penha, sancionada em 2006, que estabelece mecanismos mais rigorosos para coibir a violência doméstica e familiar. Essa lei é um marco no combate à violência contra as mulheres, buscando garantir mais proteção, justiça e dignidade a elas. Maria da Penha, ao longo de sua vida, tem inspirado milhares de mulheres, em todo mundo, a denunciar abusos e a lutar por seus direitos.

Devido às duas tentativas de feminicídio, Marco Antônio Heredia Viveros, de 77 anos, colombiano, professor de Economia, naturalizado brasileiro, que atirou nas costas de Maria da Penha enquanto ela dormia, foi condenado a oito anos e seis meses de prisão. Ele já cumpriu a pena. Ficou comprovado, no processo, que Maria da Penha foi atingida por um tiro disparado pelo ex-marido e não por um assaltante. Devido a esse crime, a farmacêutica perdeu os movimentos das pernas, aos 38 anos. Nesta entrevista exclusiva, Maria da Penha fala sobre sua trajetória de vida, sobre os avanços da lei que leva o seu nome e o que ainda pode ser aperfeiçoado na legislação de enfrentamento da violência contra a mulher. Mesmo com sua história reconhecida por várias organizações internacionais, atualmente Maria da Penha enfrenta outro tipo de agressão: as mentiras fortemente espalhadas via redes sociais, que visam destruir o legado de uma das mulheres mais fortes e corajosas, quando o assunto é o combate a topo tipo de violência contra as mulheres.

A entrevista

■ *Em dezembro, foi revelado que a produtora de extrema direita Brasil Paralelo gastou, pelo menos, R$ 305 mil para impulsionar 575 anúncios, para divulgar um documentário que tenta descredibilizar sua história como uma incansável defensora dos direitos das mulheres, sobretudo, no combate à violência. Como a senhora enfrenta mais esse tipo de violência?*

Com muita indignação, pois a Lei nº 11340/2006 batizada com o meu nome é considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) uma das três leis mais avançadas do mundo no enfrentamento da violência doméstica e tem salvado muitas vidas. Esta lei tem evitado a morte de mulheres e que muitas crianças fiquem na orfandade. É inacreditável e lamentável como a misoginia ainda é presente na nossa sociedade.

■ *A Lei Maria da Penha está há mais de 18 anos em vigência. Ao longo dessas quase duas décadas, a legislação se consolidou como impulsionadora das denúncias contra os agressores. Como essa legislação pode avançar e, efetivamente, contribuir ainda mais para a diminuição dos números de todos os tipos de violência contra a mulher, principalmente o crime de feminicídio?*

Percebo que as políticas públicas que fazem com que a lei Maria da Penha saia do papel estão bem implementadas nos grandes municípios, que geralmente são as capitais. Mas a Lei precisa, a exemplo do que ocorre com o Conselho Tutelar, estar em todos os municípios, por menores que sejam, por meio da criação do Centro de Referência da Mulher nas unidades de saúde. Esses centros seriam o responsáveis por orientar a vítima e conduzi-la para uma macrorregião do seu próprio estado, onde estejam presentes a Casa Abrigo, a Delegacia da Mulher, escola para os seus filhos e até mesmo a capacitação profissional para a independência financeira da vítima. Só assim poderemos afirmar que a Lei Maria da Penha está sendo devidamente implementada em todo o território brasileiro.

“Ao retornar para casa, após quatro meses de hospitalização, quase fui eletrocutada durante um banho, sendo resgatada daquele cárcere privado por minha família

■ *Já está em vigor a Lei nº 14.994/2024, que eleva para 40 anos a pena para o crime de feminicídio — o assassinato de mulheres em contexto de violência doméstica ou de gênero. A senhora considera a publicação dessa lei como um avanço, ou poderia a legislação ser ainda mais severa?*

Sim, concordo plenamente com o aumento da pena para os autores de feminicídios. Entendo, também, ser de suma importância a desconstrução do machismo por meio da educação, a partir do Ensino Fundamental, pois nenhuma criança nasce machista, racista ou homofóbica, elas aprendem. Outra implementação importante é Lei nº 13.984/2020, que visa reeducar os agressores, desconstruindo a cultura do machismo aprendida ao longo das gerações da sua família.

■ *Como a senhora descreve a experiência que vivenciou de violência doméstica e o impacto que ela teve na sua vida?*

Foi muito dolorida, apesar das violências psicológicas e de algumas físicas que não deixavam marcas no meu corpo, como puxão de cabelos, empurrões, eu não tinha conhecimento do quão frequentemente, como sabemos hoje, as mulheres costumavam sofrer violências por parte de quem jurou amá-las e protegê-las. Acreditei na versão do agressor de que, em 29 maio de 1983, teria acontecido um assalto na nossa casa. Ao retornar para casa, após quatro meses de hospitalização, quase fui eletrocutada durante um banho, sendo resgatada daquele cárcere privado por minha família, durante uma viagem dele a trabalho. No início do ano seguinte, a Secretaria de Segurança concluiu o processo iniciado no ano anterior, baseado nos depoimentos dos vizinhos e nas contradições dos depoimentos do meu agressor, como sendo ele o autor da tentativa de homicídio contra a minha pessoa. E a notícia foi divulgada pela imprensa.

■ *O que motivou a senhora a se tornar uma ativista contra a violência doméstica, após passar por uma experiência tão dolorosa?*

Eu fiquei atordoada com esta informação e tive o apoio do movimento de mulheres que já estavam envolvidos com casos de violência contra a mulher e me integrei a esta causa. Após sucessivos adiamentos — o primeiro julgamento do meu caso aconteceu em 1991 — no qual o réu foi condenado de imediato, os seus advogados solicitaram a anulação deste julgamento ao Tribunal de Justiça do Ceará e o meu agressor saiu do Fórum em liberdade, por conta de recursos, embora tivesse sido condenado pelo Júri Popular por 6 a 1. Em 1994, publiquei a primeira edição do livro “Sobrevivi... Posso Contar”, no qual constavam todas as contradições do réu (o livro foi reeditado em 2022). Em 1996, o meu agressor foi novamente julgado e condenado e novamente a sua defesa solicitou anulação desse segundo julgamento. Em 1997, o Centro pela Justiça e o Direito Internacional e o Comitê Latino-Americano e do Caribe passaram para a Defesa dos Direitos da Mulher uma cópia do processo e denunciaram o meu caso na Comissão Interamericana de Direitos Humanos da organização dos Estados Americanos (OEA), que encaminhou ofícios ao Brasil que se manteve em silêncio. Em 2001, faltando seis meses para o crime prescrever, a Comissão enviou ao Brasil o “Relatório nº 54/01 — Caso Maria da Penha Fernandes”, determinando a conclusão do processo, a prisão do agressor entre outras recomendações.

■ *Por que é importante denunciar casos de violência contra as mulheres, mesmo que você não seja a vítima direta?*

É muitíssimo importante que qualquer pessoa, ao identificar sinais de que uma mulher está sendo agredida, quer seja no seu condomínio, na vizinhança ou outro local, ligue para o 190, que enviará uma viatura. Prender o agressor em flagrante preservando assim a vida da vítima é fundamental. Também é importante ressaltar que, nesse caso, o autor da denúncia não precisa se identificar. Em algumas cidades, as Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deams) já funcionam 24 horas, inclusive nos feriados e fins de semana.

“Concordo plenamente com o aumento da pena para os autores de feminicídios. Entendo, também, ser de suma importância a desconstrução do machismo por meio da educação, a partir do Ensino Fundamental

■ *Quais são os impactos sociais e psicológicos da violência doméstica na vida das mulheres e de suas famílias?*

Vários são os impactos para a vítima, a partir da perda da autoestima, crises de depressão, além da alteração da saúde hormonal da mulher. Afinal, a violência doméstica deixa a vítima tensa durante dias, meses e anos da sua vida. Essas sequelas podem estar presentes nas crianças e jovens que convivem, diariamente, nesse ambiente hostil. Inclusive, acredito que o comportamento das crianças nas escolas poderia ser um ponto de partida para um levantamento psicossocial-pedagógico, a fim de identificar se há correlação entre a agressividade, ou outros comportamentos, com a violência doméstica vivenciada no espaço familiar dos alunos.

■ *Quais são as suas maiores esperanças para o futuro em relação à luta contra a violência doméstica no Brasil?*

Que a lei Maria da Penha seja devidamente implementada em todos os municípios brasileiros. Que os operadores do Direito cumpram o seu papel de fazer justiça, atendendo a máxima que, há mais de 2024 anos, nos foi ensinado por Jesus: “Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus”. Que as vítimas procurem esclarecimentos sobre os seus direitos, por meio do número 180.

“A violência doméstica deixa a vítima tensa durante dias, meses e anos da sua vida. Essas sequelas podem estar presentes nas crianças e jovens que convivem, diariamente, nesse ambiente hostil

MOBILIDADE URBANA

Alta da frota requer novos projetos

Número de veículos em João Pessoa aumentou de 355.132 unidades em 2016 para 473.154 no ano passado

João Pedro Ramalho
joaopramalhom@gmail.com

Nas redes sociais, um assunto que se tornou frequente entre os pessoenses é a mobilidade urbana. É comum viralizarem vídeos que mostram carros em longas filas, seja na estrada em direção ao Litoral paraibano ou ao interior do estado, em avenidas da capital ou em vias da Região Metropolitana de João Pessoa. Esse aumento no fluxo do trânsito é comumente atribuído à alta do turismo, tendência que deve seguir neste ano, e ao crescimento da frota veicular. De acordo com dados do Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB), até novembro de 2024, João Pessoa possuía uma frota de 473.154 veículos, dos quais cerca da metade (49,6%) são de automóveis. Já em 2016, primeiro ano da série histórica do Detran-PB, havia 355.132 veículos na capital, o que representa uma alta de 33,2%, no intervalo de oito anos.

O burburinho em torno do aumento de veículos que circulam pela cidade levou até a cantora e ex-BBB Juliette a se manifestar nas redes sociais, em dezembro do ano passado. Em um vídeo, ela assumiu ser responsável por aumentar a visibilidade de João Pessoa, atraindo mais turistas, e pediu desculpas aos moradores da capital. Tudo em tom de brincadeira, claro. "Eu estou 'cansada' de vocês me culparem pelo trânsito da cidade, pela quantidade de gente e de turistas. Eu errei tentando acertar. E juro que só quis mostrar para todo mundo o quanto nossa cidade é maravilhosa, porque de fato é", comentou.

Projetos

Para tornar o trânsito da capital e da Região Metropolitana mais fluido, o Governo do Estado tem executado diversas obras de mobilidade urbana, com investimentos totais de, aproximadamente, R$ 1,5 bilhão. Uma delas é o Arco Metropolitano de João Pessoa, que vai interligar a BR-230 e a BR-101. Outro empreendimento de destaque é o complexo rodoviário da Ponte do Futuro, entre as cidades de Cabedelo, Santa Rita e Lucena. O projeto consiste na construção de duas pontes e de um viaduto, além do prolongamento da PB-011 e da adequação da PB-025 até o entroncamento da BR-101.

O titular da Secretaria de Estado do Planejamento, Orçamento e Gestão (Seplag), Gilmar Martins, explica o impacto que as duas obras devem trazer para o tráfego urbano. "Um transporte de cargas só vai entrar em João Pessoa se o destino final não for o Porto de Cabedelo. Se é uma empresa estabelecida aqui na cidade, que está comprando determinado produto para o seu estoque, é natural que o caminhão entre para fazer a entrega. Mas, se eu estou falando de um produto que vem de Pernambuco, do Rio Grande do Norte ou de outros estados, com destino ao Porto de Cabedelo, ou vice-versa, naturalmente esses caminhões vão percorrer o Arco Metropolitano e a Ponte do Futuro, porque vai ser mais rápido e o trânsito é muito mais leve. E, à medida que você diminui o fluxo de veículos pesados [na cidade], sobra mais espaço para veículos de passeio", aponta o secretário.

Ainda segundo Gilmar, a preocupação dos moradores com a intensificação do tráfego, por causa do turismo, é válida, mas o aumento relacionado à vinda de visitantes é sazonal. "A gente tem que separar os momentos de pressão no serviço de transporte, no período de alta estação, do período que não tem o turismo mais intenso. Isso é natural, independentemente do local no mundo a que você vá. Contudo, eu acredito que nós estamos vivenciando essa transformação [da alta do turismo] e temos que entender como um impacto positivo, porque traz dividendos, gera empregos e melhora a renda das pessoas. Por isso, as obras [do governo] têm mais preocupação com o cotidiano da população", defende o gestor.

Recursos

Investimentos do Governo do Estado na área chegam a, aproximadamente, R$ 1,5 bilhão

Foto: Divulgação DER

Ponte do Futuro será construída entre as cidades de Cabedelo, Santa Rita e Lucena; projeto inclui um viaduto e duas pontes

Capital se prepara para atender a demanda

A infraestrutura viária na área urbana de João Pessoa também é alvo de investimentos estaduais que buscam prepará-la para o aumento da frota veicular. Alguns exemplos listados pelo titular da Seplag são o Viaduto de Água Fria, que deve facilitar o trânsito entre os bairros do Cristo e José Américo e melhorar o fluxo na BR-230; o viaduto entre o Bairro das Indústrias e o Costa e Silva, no cruzamento com a BR-101; e a ponte interligando o Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW) e o bairro Altiplano Cabo Branco. Ainda há a Ponte das Três Ruas, entregue no fim do ano passado, que desafoga o tráfego nos Bancários, conectando o bairro à Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Foto: Roberto Guedes

Ponte das Três Ruas desafoga o trânsito nos Bancários

A construção da ponte entre o Bancários e a UFPB, aliás, foi acompanhada pelo Parque Linear das Três Ruas, obra conduzida pela Prefeitura de João Pessoa. Também sob responsabilidade do Governo Municipal, está a requalificação da Avenida Hilton Souto Maior, cuja capacidade viária será ampliada em 50%, além de haver a inclusão de novas ciclovias. Segundo Ayrton Falcão, titular da Secretaria de Planejamento (Seplan) da capital, a gestão ainda deve requalificar a Avenida Juscelino Kubitscheck, no bairro Ernesto Geisel, e trabalha com projetos de implantação de viadutos na Avenida Ministro José Américo de Almeida, conhecida como Beira Rio, a fim de melhorar o acesso aos bairros Miramar, Altiplano e Cabo Branco.

Outro empreendimento em curso é o Projeto Orla Sul, que busca requalificar e duplicar os acessos para as praias do Sol e Barra de Gramame. "[A obra] está com ritmo avançado e estará brevemente estabelecendo, em definitivo, uma grande melhoria em termos de mobilidade naquela região, com a duplicação de sua carga viária, novas ciclovias e calçadas, iluminação e urbanismo. Esse sistema viário será fundamental para o desenvolvimento turístico e econômico da orla sul de nossa cidade", comentou Ayrton, em entrevista concedida na última quinta-feira.

Uma das iniciativas em curso é o Arco Metropolitano de João Pessoa, que interligará a BR-230 e a BR-101

Gestores planejam melhoria no transporte coletivo

As soluções para a mobilidade urbana de João Pessoa não abarcam apenas o tráfego de veículos de passeio, mas contemplam o transporte público como uma opção para o deslocamento interno. Por isso, os Executivos estadual e municipal, em conjunto com a Agência Francesa de Desenvolvimento, executarão o projeto de BRS (sigla, em inglês, para Serviço Rápido de Ônibus), que deve contar com ônibus elétricos, com *wi-fi* e de menor impacto ambiental.

Com um orçamento de R$ 400 milhões, as obras devem incidir sobre 550 mil viagens diárias, por meio da construção de quatro corredores exclusivos de transporte. Eles serão instalados nas avenidas Epitácio Pessoa e Dois de Fevereiro — ambos sob responsabilidade da Prefeitura de João Pessoa — e nas avenidas Pedro II e Cruz das Armas — esses, a cargo do Governo do Estado. Cada trajeto contará com um terminal de integração, e a administração estadual ainda vai construir uma quinta estrutura, o Terminal Metropolitano, localizado no Varadouro.

Foto: Roberto Guedes

Com o investimento em transporte de massa, a gente reduz o trânsito de veículos em João Pessoa e na Região Metropolitana

Gilmar Martins

Os impactos do BRS sobre o trânsito tendem a ser positivos, já que podem tornar o transporte público uma alternativa mais atraente aos moradores do que o embarque em carros de aplicativo ou mesmo o uso de veículos próprios. É o que explica Gilmar Martins. "Com o investimento em transportes de massa, a gente tem a expectativa de que as pessoas pensem: 'eu tenho um sistema de transporte na região urbana de João Pessoa, que me permite deslocar rapidamente, por vias exclusivas, de um bairro para outro'. Assim, o pessoal vai fazer as contas e concluir que é melhor pegar esse ônibus, que vai ofertar um serviço de qualidade, do que buscar um carro de aplicativo, e a gente reduz o trânsito de veículos nas ruas de João Pessoa e na Região Metropolitana", antevê.

De acordo com o gestor da Seplan, as iniciativas voltadas à mobilidade urbana são elaboradas a partir das projeções de crescimento populacional constantes no Plano Diretor. Outro desafio enfrentado é tornar as vias mais acessíveis e estimular outras formas de transporte na cidade. "Buscamos criar soluções que incentivem a mobilidade ativa, como o uso de bicicletas e o deslocamento a pé. Além disso, é fundamental melhorar a acessibilidade em todas as regiões da cidade, com atenção especial aos bairros em expansão. O programa Minha Rua Calçada, que deverá pavimentar 100% das ruas até o fim da gestão e é capitaneado pela Seinfra [Secretaria de Infraestrutura], tem sido fundamental para melhorar essa acessibilidade, pois entrega à população ruas pavimentadas, com iluminação e calçadas acessíveis", afirma Ayrton.

JANEIRO BRANCO

Tempo de cuidar da saúde mental

Em um país líder em casos de ansiedade, campanha busca conscientizar população e combater estigmas

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Ilustração: Bruno Chiossi

O ano mal começou, e muita gente já está empenhada em colocar em prática o "Projeto Verão 2025". Mas, e a mente? A campanha Janeiro Branco entra em cena justamente para nos lembrar de que saúde mental é tão importante quanto cuidar do corpo, com o claro objetivo de derrubar estigmas e ampliar a conscientização em torno disso. Em um país como o Brasil, líder mundial em casos de ansiedade, com 9,3% dos brasileiros adoecidos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), esse alerta é mais que necessário.

Na Paraíba, os números também impressionam. A última Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), realizada em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou que 7,6% dos paraibanos, o equivalente a 226 mil pessoas, conviviam com a depressão — um salto de 2,8 pontos percentuais em relação a 2013. E esse cenário só piorou nos últimos anos, agravado pela pandemia e por uma realidade em que muitos ansiosos ainda ficam fora das estatísticas, seja pela falta de diagnóstico ou pelo preconceito em buscar ajuda.

Resistência

Embora a saúde mental venha ganhando espaço entre os temas mais debatidos pela sociedade, ainda há muita gente que prefere lidar sozinho com "suas questões" a procurar ajuda especializada. Mas, afinal, por que, ainda hoje, o preconceito afasta tantas pessoas dos consultórios? Segundo Pedro Lucas dos Santos, especialista em Neuropsicologia e psicólogo do Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita, as barreiras variam conforme a geração e a classe social. "Pessoas mais velhas têm mais resistência, enquanto as mais jovens são mais abertas. Já entre as classes com menor poder aquisitivo, a questão é a dificuldade de priorizar a saúde mental, diante de necessidades básicas", analisa.

Essa resistência, no entanto, não anula o impacto que as questões emocionais podem ter sobre qualquer pessoa, independentemente da origem ou situação. A psicóloga Juliana Beco, mestranda em Psicologia da Saúde pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), reforça que os estigmas precisam ser superados, até porque "tudo pode afetar a saúde mental", desde uma complicação financeira até o luto por um ente querido. "Por isso, nunca podemos dizer que o problema de alguém é frescura ou que aquela pessoa não tem problemas", completa.

Para ela, campanhas como o Janeiro Branco são fundamentais para abrir o diálogo e incentivar quem ainda não deu o primeiro passo, por achar que "é apenas o seu jeito de ser", a buscar ajuda. "É um momento de lembrar que cada pessoa tem sua história, sua singularidade. Saúde mental é sobre buscar o que funciona para cada um", finaliza.

Sinais de alerta

Não basta apenas falar a respeito, como muitos fazem. É preciso ter empatia e sensibilidade para identificar se alguém próximo precisa de ajuda. Normalmente, quem está com a saúde mental abalada apresenta alguns comportamentos atípicos que demandam atenção. De acordo com Pedro Lucas, familiares e amigos desempenham um papel crucial nesse processo. "As pessoas mais próximas são as melhores para notar mudanças, como irritabilidade, isolamento, letargia ou hiperatividade mental", explica o psicólogo, destacando que alterações no comportamento cotidiano podem indicar que algo não vai bem.

Esses sinais, segundo ele, são os mais comuns em casos de ansiedade e depressão, mas não são os únicos. Embora essas condições sejam as principais razões que levam os pacientes aos consultórios, há outros transtornos mentais que, muitas vezes, passam despercebidos por serem mais complexos, exigindo uma avaliação profissional. "De 100 pessoas atendidas, eu digo, sem medo de errar, que dois terços delas apresentam ansiedade e depressão", explica o psicólogo. O restante dos casos, acrescenta Pedro, engloba diagnósticos como o de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e de Transtorno do Espectro Autista (TEA), entre outras questões que também demandam atenção especializada.

Foto: Arquivo pessoal

"Falar de saúde mental é falar sobre a relatividade das coisas que nos afetam. Tem coisa que vai afetar você, mas não a mim

Juliana Beco

Quando se fala em saúde mental, também é fundamental considerar a individualidade de cada um. A psicóloga Juliana Beco explica que a forma como lidamos com os desafios está diretamente ligada aos recursos psíquicos que possuímos. Situações que parecem pequenas para uns podem representar gatilhos significativos para outros, dependendo de suas vivências. "Falar de saúde mental é falar sobre a relatividade das coisas que nos afetam. Tem coisa que vai afetar você, mas não a mim, e vice-versa". Nesse contexto, ela considera o autoconhecimento um instrumento indispensável para gerir problemas e sentimentos de forma eficiente. "Nada o substitui", afirma a especialista.

Foto: Arquivo pessoal

"Entre as classes com menor poder aquisitivo, a questão é a dificuldade de priorizar a saúde mental diante de necessidades básicas

Pedro Lucas dos Santos

Por isso, ela acredita que uma abordagem holística, integrando fatores físicos, sociais e psicológicos, é mais eficaz para promover o tão valioso bem-estar. Em outras palavras, cuidar da saúde mental vai muito além de fazer terapia e envolve diversas formas de cuidado, como a prática de exercícios físicos, a leitura de um bom livro ou até mesmo uma conversa acolhedora. "A saúde mental precisa estar atrelada a várias outras formas de bem-estar. Atividades físicas, por exemplo, liberam neurotransmissores que ajudam na atenção, memória e motivação. Já a prática de um *hobby* pode fazer toda a diferença", conclui.

Manter equilíbrio emocional é desafio em ambientes adversos

Imagine a rotina de um hospital, onde cada minuto pode ser decisivo. No Metropolitano, referência em Cardiologia e Neurologia, casos de alta complexidade são atendidos diariamente, desde uma cirurgia cardíaca de emergência até um acidente vascular cerebral (AVC) que precisa de intervenção imediata. O peso emocional de cada situação não afeta apenas os pacientes e seus familiares, mas também os profissionais de saúde, que precisam manter a calma e a precisão enquanto salvam vidas.

"O hospital é um lugar que carrega uma carga emocional muito grande. Quando uma pessoa está hospitalizada, ela é retirada do seu contexto: fica longe da família, dos amigos, do trabalho. Isso gera ansiedade e nervosismo", explica o psicólogo Pedro Lucas, que atua no hospital.

No caso dos familiares, a pressão vem de diferentes lados. Além do medo de perder um ente querido, há também a insegurança em relação ao futuro da família, especialmente quando o paciente é o provedor da casa. Já para os profissionais de saúde, a pressão não é menor: dupla jornada, precisão técnica e estresse contínuo. "A equipe de saúde é muito afetada pelo excesso de trabalho, pelo desgaste emocional de lidar com perdas inesperadas e pela pressão constante do ambiente hospitalar", pontua Pedro.

Nesse cenário desafiador, o papel do psicólogo se torna imprescindível para garantir que todos os envolvidos — pacientes, familiares e equipe de saúde — tenham o devido suporte.

Acolhimento

Todos os anos, o Hospital Metropolitano aproveita a campanha Janeiro Branco para reforçar a importância do cuidado com a saúde mental. A iniciativa busca oferecer acolhimento a pacientes, familiares e profissionais, ajudando-os a lidar de maneira mais saudável com as pressões do dia a dia hospitalar.

Durante a programação, são realizadas palestras, tanto para a equipe da unidade quanto para o público externo. "Também promovemos atividades de *endomarketing*, indo aos setores com fôlderes e panfletos, para conscientizar colaboradores e pacientes sobre os cuidados com a saúde mental", explica o psicólogo Pedro Lucas.

Acesso

É importante lembrar que o Metropolitano não é um hospital de porta aberta — ou seja, não é possível chegar lá diretamente para uma consulta psicológica. Mas isso não significa que não existam opções de atendimento gratuito. Então, como devo buscar ajuda? O psicólogo da unidade destaca que o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece alternativas como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e as policlínicas, mas o problema é que, muitas vezes, as pessoas não sabem como acessar esses serviços. Portanto, o primeiro passo é sempre buscar informações nos postos de saúde da sua cidade. "Isso ajuda a direcionar as pessoas para o local certo", finaliza.

Foto: Divulgação/Secom-PB

Hospital Metropolitano, localizado em Santa Rita, realiza ações de acolhimento e palestras para profissionais e público externo

VIDA EM CONDOMÍNIO

Aluguel de verão é foco de conflitos

Locações por curta temporada colocam em lados opostos moradores e proprietários de imóveis vagos

Marcelo Lima
marcelolimanatal@yahoo.com.br

A sombra e a água fresca que se busca, em meio ao sol e ao calor do mês de janeiro, podem não ser sinônimos de tranquilidade — sobretudo, se têm a ver com passar férias ou, simplesmente, morar em um condomínio residencial de uma cidade turística. De fato, a locação de apartamentos por curta ou curtíssima temporada, modalidade popularizada por plataformas de anúncios on-line, como o Airbnb, é uma das maiores causas de conflitos em propriedades da categoria.

Em João Pessoa, quem testemunha a alta ocorrência desse tipo de problema é o advogado Vladimir Miná, especialista em Direito Imobiliário e Condominial. "Na maioria dos condomínios residenciais, [essa prática] causa muitos problemas de convivência, uma rotatividade muito grande de pessoas. Esse seria, hoje, um dos principais focos de discussão e judicialização", destaca Vladimir.

Como ressalta o advogado, uma decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ) possibilita que condomínios residenciais possam proibir o aluguel por curtíssima temporada (com duração de dias a semanas), a depender da sua tipologia.

"A locação por curta temporada ou diária pode ser proibida, mas essa decisão precisa passar por uma assembleia", explica Vladimir. Vale salientar que essa determinação não vale, por exemplo, para *flats* e "condo-hotéis" (como são conhecidos os edifícios que unem empreendimento imobiliário com estrutura hoteleira), visto que eles não se enquadram na categoria residencial.

Na prática, a orientação do especialista em Direito Imobiliário e Condominial para apaziguar ou minimizar os conflitos a respeito da questão é que os condomínios estabeleçam um período mínimo para a locação (30 dias, por exemplo) e uma quantidade máxima de pessoas permitidas por unidade habitacional.

■ Advogado sugere que se estabeleça um período mínimo para locação e um número máximo de pessoas por habitação

Ilustração: Bruno Chiossi

Este é um dos principais temas de discussão e judicialização nas áreas imobiliária e condominial

Resolução de impasses deve considerar regras e diálogo

As disputas sobre o aluguel por curtos períodos de tempo costumam envolver, de um lado, condôminos que se sentem inseguros com a grande circulação de diferentes locatários em áreas comuns de sua propriedade residencial; e, de outro, os proprietários dos imóveis disponíveis para locação, interessados em gerar renda por meio destes — seja com o auxílio de aplicativos ou não.

"Isso atrapalha muito o cotidiano do condomínio", avalia Vladimir Miná, observando que muitos inquilinos por curta temporada acabam usando os espaços compartilhados "de maneira menos cuidadosa e põem em risco a segurança do local pelo aumento do fluxo nessas áreas".

A síndica profissional Eden Rose Dinoá reconhece que a questão é polêmica. Com 17 anos de experiência à frente da administração condominial, ela elaborou uma espécie de fórmula para tratar desse tipo de situação. "A chave principal para se lidar com o assunto em condomínios é a elaboração de regras claras e a cobrança dessas regras — independentemente de a pessoa ser hóspede ou proprietário —, a criação de sistemas de segurança e muito diálogo com a comunidade", aponta.

Formada em Turismo e Hotelaria, Eden acredita que a nova modalidade de locação por curtíssima temporada faz parte de uma tendência que não se pode neutralizar, embora ambas as partes comumente envolvidas nos conflitos relacionados ao tema devam ter o direito de opinar sobre como essa prática deverá ser aplicada. Além disso, a ação mais importante para a resolução desses impasses, conforme a especialista, é apelar para a empatia de todos. "Quando você está comprando um imóvel em uma comunidade, não o está comprando somente para você; afinal, está compartilhando as outras áreas", frisa.

■ Síndica profissional ressalta ainda o valor da empatia para com toda a comunidade condominial

Carros elétricos também representam desafio às comunidades

Entre outros típicos focos de contenda identificados nos condomínios residenciais brasileiros e paraibanos, Vladimir Miná menciona casos de taxas condominiais desproporcionais, perturbação do sossego da vizinhança, desvios das pautas das assembleias e decisões tomadas sem o consentimento do número mínimo de condôminos. Todos esses tipos de problema, de acordo com o advogado, são frequentemente levados à Justiça.

Mas, em meio aos embates mais recorrentes, Eden Rose Dinoá tem visto surgir um novo desafio, para a gestão condominial, relacionado aos carros elétricos. Isso porque, segundo a síndica profissional, muitos proprietários de automóveis da categoria querem contar com a possibilidade de recarregá-los na própria garagem de seus condomínios. Entretanto, até o momento, ainda não há legislação local ou nacional sobre a questão.

"A bateria desses veículos é idêntica à bateria do celular. É um material muito inflamável. A única cidade que tem legislação sobre isso é São Paulo", alerta a especialista. Ela detalha que a inserção dos módulos de recarga em garagens de edifícios exige espaços de 5 m entre cada vaga que possua uma dessas estações, além de estudos técnicos de Engenharia Civil e Elétrica para garantir a adequada adaptação dos imóveis. Esse procedimento também deve seguir as diretrizes de qualidade e segurança estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), em 2022, para a instalação de carregadores elétricos.

Dos três condomínios que administra atualmente, Eden revela que um deles já apresentava estações de recarga quando ela assumiu a gestão. "Já tinha carregadores instalados no subsolo. Mandamos um comunicado para esclarecer para todo mundo, porque é preciso entender que [a instalação dos módulos em edifícios] também é uma tendência, mas precisamos fazer isso de modo seguro", relata. Em São Paulo, a orientação do Corpo de Bombeiros é que a implantação desses aparelhos em áreas subterrâneas seja acompanhada de chuveiros automáticos e um sistema de ventilação mecânica, para a dissipação de gases tóxicos oriundos de um eventual incêndio.

Gestão e conciliação

Eden Rose Dinoá, de 46 anos, começou a conduzir e mediar comunidades condominiais em 2008, no seu próprio condomínio. Oito anos depois, uma construtora a contratou para atuar profissionalmente em um condomínio *resort* com 286 apartamentos.

De acordo com a síndica, muito do seu jeito de gerir todas essas comunidades provém de sua formação em Turismo e Hotelaria. "A gente uniu o estilo de administração hoteleira com o estilo tradicional", indica a especialista, que, além de atuar profissionalmente no ramo, ainda reserva tempo para continuar liderando a comunidade onde mora.

Ela reforça que não apenas o conhecimento técnico, mas a capacidade de escuta e diálogo são pilares importantes para a carreira na área. "Síndico profissional vai muito além de ser algo administrativo; a construtora entende que é algo relacionado ao atendimento, à mediação, para entender a necessidade dos clientes", finaliza.

Foto: José Cruz/Agencia Brasil

Ainda não há legislação local ou nacional sobre a implantação de carregadores nas garagens

Cuidados

Instalação de módulos de recarga em edifícios residenciais exige estudos técnicos e conformidade com normas de segurança definidas pela ABNT

SEIS ANOS DE EPC

Expansão e modernização em 2025

Aniversariante do mês, Empresa Paraibana de Comunicação prepara um ano repleto de novidades para o público

Lílian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Comemorando seis anos de criação neste mês, a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) inicia 2025 com um leque de ações voltadas para a modernização e a expansão de sua atuação, trazendo novidades significativas para a audiência. Entre elas, estão alterações na programação da Rádio Tabajara, a partir de amanhã; a modernização do parque industrial de sua gráfica; e um novo projeto gráfico editorial para o suplemento literário Correio das Artes, periódico cultural mais antigo do país ainda em vigência, com quase 76 anos.

A Rádio Parahyba FM, que fez seu primeiro aniversário em dezembro de 2024, continuará a expandir sua produção autoral nos próximos 12 meses. Um dos principais marcos desse crescimento será a inauguração de um estúdio próprio, que fortalecerá sua capacidade de criação de conteúdos. A emissora tem conquistado cada vez mais espaço no estado, consolidando-se como um canal de comunicação relevante para o público paraibano.

Já na sede do Jornal **A União**, as revistas especiais, em parceria com a Editora A União, e os impressos temáticos seguirão a todo vapor, com temas de grande relevância histórica e social, buscando sempre engajar seus leitores com informações de impacto. Em 2024, revistas como Vivências Femininas (em comemoração ao Dia Internacional da Mulher) e Lembrar para não Esquecer (em memória aos 60 anos do golpe civil-militar de 1964), além do suplemento Quebra-Quilos, ampliaram a cobertura do jornal e revigoraram a atuação da empresa como produtora de conteúdo relevante. Entre os lançamentos deste ano, destaca-se o primeiro livro da coleção A União, que trará à tona a literatura paraibana, focando em autores locais e erradicados no estado.

> Conglomerado mantém processo contínuo de adaptação e de empenho com conteúdos de qualidade

Para Naná Garcez, diretora-presidente da EPC, essas iniciativas fazem parte de um processo contínuo de adaptação e de compromisso com a informação de qualidade. "A modernização é uma necessidade, e estamos sempre prontos para nos adaptar à realidade do nosso público e do mercado de comunicação", ressalta Naná, frisando que a transcrição de obras literárias para o sistema Braille permanecerá como outro destaque da empresa. "Atualmente, estamos no processo de análise para a escolha da próxima obra que será transcrita", complementa o diretor de Mídia Impressa da EPC, William Costa. Em 2024, o livro selecionado para transcrição foi "Eu", de Augusto dos Anjos, em homenagem aos 140 anos de nascimento e aos 110 anos de falecimento do poeta.

Fotos: Edson Matos

Além da produção de revistas e suplementos especiais no Jornal A União, EPC lançará um novo projeto gráfico editorial para o Correio das Artes, mais antigo periódico cultural do país

Eventos literários reforçam compromisso com autores do estado

Além das inovações institucionais, a EPC adentra o novo ano com a meta de fomentar iniciativas culturais e de valorizar autores paraibanos, mobilizando um conglomerado diversificado que inclui, ainda, a Livraria A União — Poeta Juca Pontes. Estabelecendo-se como um ponto de cultura local, com lançamento de livros, mesas de debates e exibição de documentários, a livraria — situada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, na capital — será palco dos encontros do Clube de Leitura Literar, criado em julho de 2024, com a proposta de estimular a produção literária do estado, por meio da criação de uma comunidade de leitores engajados, em um ambiente dinâmico e propício para a construção de diálogos.

Em 2025, a ideia também é aumentar a presença da livraria e da editora A União em feiras literárias; só no ano passado, a empresa envolveu-se em 13 eventos do gênero. "A participação ativa em feiras literárias, como a FliParaíba, e a parceria na realização de concursos literários, com o Concurso José Lins do Rêgo e o Concurso Juventude das Letras, realizados junto a algumas secretarias do Estado, são formas de incentivar e promover o talento dos paraibanos", explica Naná.

A Editora A União também deve impulsionar sua operação neste ano, com a aquisição de uma impressora digital e de novos equipamentos para acabamento de livros e revistas, "o que permitirá à gráfica ampliar ainda mais sua capacidade de produção e atender a um mercado crescente de publicações", como prevê William.

Foto: Roberto Guedes

A Livraria A União seguirá sediando lançamentos, mesas de debate e clube de leitura

Integração entre os meios renova missão e tradição na área

Prestar serviços de comunicação pública, entendendo a informação como um direito humano. Essa é a missão da EPC, elaborada pouco antes da sua criação, em 2019. Na prática, contudo, a empresa vai muito além: apenas seis anos depois, levou a comunicação pública a um novo patamar na Paraíba, fortalecendo a democracia e garantindo o direito à informação de qualidade e à pluralidade de vozes.

Para Naná Garcez, "o conjunto de atividades entre os meios de comunicação dentro do conglomerado da EPC tem sido um fator fundamental para o fortalecimento da nossa atuação. Hoje, a empresa tem presença em todo o estado, oferecendo conteúdo relevante e abrangente por meio da rádio, do jornal impresso e de plataformas digitais".

Com duas emissoras de rádio FM — a Tabajara 105.5 e a Parahyba 103.9 —, cada uma com uma programação distinta, a EPC tem expandido seu selo de qualidade e credibilidade no cenário radiofônico paraibano. Além disso, o Jornal **A União**, já conhecido como um nome de referência, agora integra um complexo industrial de comunicação, composto por diversas estruturas e iniciativas, reunindo gráfica, editora e livraria.

Audiência

A EPC também tem se destacado por uma constante interação com o público, refletida no engajamento em suas redes sociais. Só no último ano, suas páginas do Facebook e do Instagram somaram mais de 1,5 milhão de contas alcançadas, e os perfis do Jornal **A União** receberam mais de 35 mil visitas. Em seus primeiros seis meses de operação, a Rádio Parahyba FM atingiu 140,5 mil contas no Instagram, marcando presença nas pesquisas de audiência da Kantar Ibope. Já a Rádio Tabajara FM consolidou-se como um dos principais meios de cobertura esportiva na Paraíba, alcançando a liderança em várias transmissões no ano passado.

Essa aproximação com o público é um dos fatores-chave para a expansão da EPC, que investe continuamente em novas tecnologias e produtos para garantir sua relevância no mercado. "Além dos investimentos em mídia e comunicação, a empresa também comemora o primeiro ano de efetivação dos concursados, refletindo a crescente profissionalização e o fortalecimento institucional da EPC, que continua a apostar na inovação e na qualidade", reforça Naná.

De acordo com William Costa, a empresa chega a 2025 com uma visão clara de crescimento, com atenção às demandas da audiência: "Nossa proposta é oferecer uma combinação de plataformas que atendam às diferentes necessidades do público, com um portfólio diversificado e de soluções integradas".

> Plataformas da EPC se combinam para atender às demandas do público

Foto: Evandro Pereira

Foto: Edson Matos

Com duas difusoras, a Tabajara FM e a Parahyba FM, empresa consolida seu selo de qualidade e credibilidade no cenário radiofônico

Saiba Mais

Inspirada no modelo da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), de caráter público e vinculada ao Governo Federal, a criação da EPC foi iniciada em 2 de janeiro de 2019, com a Medida Provisória (MP) nº 276. O documento alterou a denominação da Empresa Rádio Tabajara da Paraíba S.A. para Empresa Paraibana de Comunicação S.A., que absorveu A União — Superintendência de Imprensa e Editora. No dia 4 de abril do mesmo ano, a MP foi convertida na Lei nº 11.306.

Adeildo Vieira (no centro) e a Alamiré: apresentação após turnê no Centro-Oeste

Foto: Nivea Maria/Divulgação

MÚSICA

Encontro musical em família

Adeildo Vieira e a banda Alamiré, que tem dois filhos seus como membros, fazem show, hoje, no Cherimbom

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Alamiré é um dos nomes dados ao diapasão, objeto utilizado para afinação de outros instrumentos. A palavra também pode ser utilizada como expressão para se fornecer determinado tom numa orquestra ou banda. Para os paraibanos Rudá e Uaná Barreto, o vocábulo dá o nome atual do projeto gestado por eles, em 2010. O conjunto junta-se a Adeildo Vieira, pai da dupla, para uma apresentação hoje, às 18h, na capital: será no restaurante Cherimbom, situado no bairro Jardim Cidade Universitária. Os ingressos custam R$ 15 e podem ser adquiridos no local.

Com 40 anos de trajetória na arte, completados no ano passado, Adeildo Vieira chegou à capital no início da década de 1980 para fazer faculdade, mas a música o conquistou antes que pudesse se tornar engenheiro mecânico. "Eu avalio 2024 como um ano que mostrou como fazer uma carreira independente e de sucesso. Participei de 29 festivais, fiz dezenas de shows em João Pessoa, viajando também pelo interior do estado, fui à França, visitar amigos, e ao Senegal, para buscar a africanidade que rege o meu trabalho", rememora.

Ainda que a Alamiré tenha agenda própria, Adeildo ressalta que adotou a banda como seu conjunto oficial, sendo agora um "único corpo". O pai celebra o fato de, a cada apresentação, poder olhar para trás e enxergar os filhos no palco.

"Eu também os acompanho nas apresentações deles e isso acaba se tornando um rito de consagração da nossa música. E para os próximos 40 anos, minha perspectiva é continuar trabalhando, no mundo que for possível fazer isso", conclui.

Adeildo e a Alamiré acabam de voltar de uma turnê bem sucedida na Região Centro-Oeste. Tocaram, por exemplo, no Clube do Choro de Brasília, com a participação do bandolinista Victor Angeleas. A volta à Paraíba deu fôlego aos artistas para os projetos que pretendem realizar nos próximos meses – dentre eles, um show em parceria com a Orquestra Sinfônica da UFPB.

Proximidades

Uaná, na língua tupi, significa "vagalume" — não à toa, a palavra, em português, foi utilizada para dar título ao primeiro álbum solo de Uaná Barreto, lançado este ano. O pianista assevera que recebeu do pai não apenas seu nome de batismo, mas a inspiração do músico para trabalhar intuitivamente.

"Ele se alimenta da música do mundo para construir sua própria história. São muitas as canções dele que me emocionam, mas como músico tendo a me divertir mais tocando temas que exigem ritmicamente, como 'Que bom que fui', uma música de métrica irregular; e 'João Balula', inspirada na música afro-brasileira", revela.

Ainda que mantenha essa proximidade artística com o pai, Uaná busca construir junto com a Alamiré uma identidade própria — o som do grupo, sendo a definição dele, se aproxima do *jazz* e da música de câmara, alternado com momentos de improvisação e de rigor em relação aos instrumentos.

"As nossas composições também têm inspirações diversas, desde a música nordestina ao rock progressivo; e os arranjos são concebidos quase sempre de forma coletiva, trazendo a identidade de cada integrante", afirma.

Inquietações

Rudá Barreto também carrega um nome de origem tupi — designa alguém valente, forte. Assim como o irmão, viveu muito próximo de Adeildo Vieira das coxias dos palcos e nos ensaios para os shows.

Mas além da inspiração paterna, o músico elenca outros artistas locais cuja presença foi determinante para a sua formação. "Nosso pai colocava Gilberto, Milton Nascimento e Djavan para gente escutar. Além deles, tínhamos Paulo Ró, Pedro Osmar, Cátia de França... Desde muito cedo, nós assistimos a essas figuras de camarote, de perto, absorvendo essa efervescência criativa, nos ajudando a 'riscar' nossas primeiras composições", recorda.

Foi justamente a partir da inquietação provocada pelo exercício da escrita musical que Rudá e Uaná decidiram montar a Alamiré, quando constataram que tinham um número considerável de composições próprias. "Por termos sido criados nos mesmos ambientes, partilhamos das mesmas referências, então, tínhamos ali músicas que dialogavam umas com as outras e que provocavam atmosferas sonoras e rítmicas muito particulares, dando ao grupo uma identidade muito própria", aponta.

A idade adulta também forneceu aos músicos criadores da Alamiré o amadurecimento profissional. O contato diário com o trabalho de outros colegas adicionou à sonoridade particular da banda novos contornos, num ambiente dinâmico e não estagnado, de acordo com Rudá, prática facilitada com o fato de todos os membros da música também serem criadores do material autoral.

"Temos dois discos gravados considerando essa jornada enquanto grupo. Nós temos a intenção de criar um circuito que se estenda para além da Paraíba e desenvolver novas pontes", resume.

Presente

Ilder Santos, à frente do baixo na Alamiré, seguiu a sugestão do cantor Titá Moura (ex-membro do grupo), que propôs que reduzir o nome de batismo, Ilderson. Está desde a formação da banda (chamada originalmente de Pôr do Som) e acumula também 23 anos de estrada na música.

"Alamiré foi, com toda certeza, o melhor presente que a música me proporcionou. Cada encontro é um aprendizado novo, absorvendo o conhecimento dos meninos e contribuindo um pouco com o meu som", pontua.

No outro extremo está Saulo Soares, mais recente aquisição da banda que carrega um nome de origem hebraica — aquele que foi desejado ou pedido a Deus. Músico profissional há 13 anos, ele divide o tempo dado à Alamiré com outros conjuntos, a exemplo de Banda Funkeria, Banda Acoustic Music, Sexteto Brasil e Orquestra Sanhauá.

"As experiências com Alamiré e Adeildo Vieira têm sido desafiadoras e enriquecedoras na minha vida profissional. São artistas que sempre admirei como pessoas e músicos, e poder dividir o palco com eles está sendo um divisor de águas nas minhas questões técnicas", declara.

ADEILDO VIEIRA E ALAMIRÉ

- Hoje, às 18h
- No Cherimbom (R. Rosa Lima dos Santos, nº 621, Jardim Cidade Universitária, João Pessoa)
- Ingressos: R$ 15

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

"O Auto da Compadecida 2"

Fui ao cinema assistir a *O Auto da Compadecida 2* com a expectativa lá em cima e saí decepcionado. Uma prova de que a realidade pode ser cruel com a imaginação. O sentimento era de que não valeu nem o ingresso. O roteiro é um dos pontos negativos do filme. As piadas são ruins, as sessões da história estão mal articuladas e as soluções narrativas se apoiam demais no primeiro filme, são previsíveis e não acrescentam nada de especial e novo.

A opção de gravar em estúdio empobreceu visualmente o filme. Os efeitos de computação gráfica criaram um ambiente, muitas vezes, soturno, distante do Sertão nordestino. Em alguns momentos, parece que a história se passa em algum lugar sitiado do oriente médio. Não em Taperoá. Podemos ver ainda uma assincronia entre o som das falas das personagens e o movimento de suas bocas, passado a sensação que o filme foi dublado.

As performances dos atores também deixam a desejar. Selton Melo está longe de sua brilhante atuação no primeiro filme, assim como Matheus Nachtergaele. Mas não são tão ruins como Eduardo Sterblitch e Humberto Martins. O primeiro interpreta Arlindo, dono da rádio da cidade. Um sujeito ganancioso e arrivista que tem a pretensão de se tornar prefeito. Sterblitch é um ator limitado, com poucos recursos dramáticos. Uma péssima escolha da produção. A atuação é caricata e o personagem não acrescenta nada de bom a história. Tudo que foi dito sobre as qualidades de Sterblitch, podem ser estendidas a Humberto Martins e sua interpretação do coronel Ernani. Existe um fosso ontológico entre ela e a atuação de Paulo Goulart, como major Antônio Morais, no primeiro filme.

É lamentável que não encontremos atores e atrizes nordestinos no elenco. Temos alguns dos melhores artistas cênicos do país, portanto, não há justificativa convincente para essa ausência. Ela reforça a lógica de dominação cultural entre as regiões brasileiras e a desvalorização dos nossos artistas. O contraditório é que *O Auto da Compadecida* é criação de um paraibano e a história se passa em Taperoá.

O Auto da Compadecida 2 entrará para história com uma dos piores continuações já feitas no cinema. Por um lado, economicamente lucrativa; por outro, culturalmente irrelevante.

Foto: Laura Campanella/Divulgação

Matheus Nachtergaele volta a interpretar João Grilo em "O Auto da Compadecida 2", continuação que não agradou ao colunista

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Autoempatia e a comunicação não-violenta

O ser humano, em algum momento, se frustra por não alcançar um objetivo ou por cometer um erro. Consequentemente, o fracasso é uma parte inevitável da existência. É nessa situação que a autocompaixão surge para aliviar o sofrimento. A autocompreensão deve ser uma prática para o bem-estar emocional e psicológico. Autoempatia é a prática de tratar a si com a mesma compaixão, cuidado e compreensão que a pessoa oferece aos outros em momentos de sofrimento.

A autocompaixão é uma resposta à experiência humana, a qual todos passam por momentos desafiadores. Pode ser estável, pois baseia-se na aceitação de si mesmo como um ser humano imperfeito. Uma das pesquisadoras que estuda esse processo é a psicóloga e professora estadunidense Kristin Neff, nascida na Califórnia no ano de 1966. Em seu livro *Autocompaixão*, publicado em 2017, a pesquisadora mostra o caminho para as pessoas libertarem-se do sentimento de frustração, culpa e inadequação. Para Kristin, a autocompaixão impulsiona a compaixão pelos outros. Ela defende que autoempatia deve apresentar estas características: manter a bondade para consigo mesmo ao invés de autocriticar-se de forma bruta; aceitar que todos os seres humanos falham e cometem erros. Isso faz com que a pessoa não se isole, unindo o próprio mal-estar ao sofrimento dos outros e compreendendo que a angústia é uma característica da existência humana; preservar uma atitude consciente e com resiliência em relação às próprias emoções, sem diminuir ou exagerar seu sofrimento sem se deixar levar por pensamentos de apequenamentos ou sentimentos tóxicos. Para isso, deve-se envolver ativamente com o momento presente para reconstruir novos sentidos de vida.

Foto: Reprodução

Kristin Neff escreveu "Autocompaixão"

A prática da autocomplacência está associada ao bem-estar mental e físico. Isso inclui: evitar sentimento de culpa e vergonha; aceitar os próprios defeitos, a fim de cultivar a confiança nas próprias habilidades intelectuais e cognitivas; ser mais empático e compassivo com os outros e melhorar as relações interpessoais. Nesse processo, a resiliência ajuda a manejar o estresse de forma mais criativa e rápida para as novas experiências desafiadoras.

Marshall Bertram Rosenberg foi um psicólogo e educador americano. Ele nasceu em 1934 e morreu em 2015. Autor do livro *Comunicação Não-Violenta – Técnicas para Aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais*, publicado no ano de 2006. Seu método está focado na resolução de conflitos e na promoção da empatia, fundamental para a construção de relacionamentos saudáveis, os quais criam a capacidade de entender o que o outro sente e necessita, também para compreender as ações e as palavras de uma pessoa.

A importância da empatia na comunicação não-violenta é criar o acolhimento para que as pessoas se sintam ouvidas e compreendidas, com a finalidade de fortalecer os laços entre elas. Para isso, a resolução de conflitos deve suprir as necessidades de todos os envolvidos. O autoconhecimento induz as pessoas a tornarem-se mais conscientes das próprias emoções e a expressar suas necessidades de forma objetiva e assertiva, assim, evitando mal-entendidos. A prática da empatia apresenta quatro etapas, segundo Rosenberg: ouvir com máxima atenção não apenas às palavras, mas também o tom de voz, a linguagem corporal e as emoções do outro; identificar os sentimentos que estão expressos nas palavras do outro; perguntar sobre o que a pessoa precisa no determinado momento; comunicar ao outro que é possível compreender seus sentimentos e necessidades. Assim, cria-se um mundo mais compassivo quando a empatia desdobra-se na autoempatia.

Sinta-se convidado à audição do 503º Domingo Sinfônico, *que ocorrerá neste dia 13, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br ou através do* link *https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante a transmissão, comentarei os Concertos de Brandenburgo ,do compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685– 1750).*

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Perdão, Descartes

Eu nunca vi discos voadores, mas eles existem e, certamente, são muito importantes para quem ainda não acredita que o homem foi à lua. Hoje, quem vive "no mundo da lua" tem Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, o novo TDAH. Antes, era bobeira mesmo.

É importante também alertar para o racionalismo, o cartesiano que emperra qualquer visão da realidade. São tantos e tão poucos métodos da dúvida, gente que consiste em duvidar de tudo, principalmente do que já se tem estabelecido como verdade. Absoluta? Absoluto? Alguma dúvida metódica, René Descartes?

Por essas bandas, apenas o visionário e saudoso jornalista Carlos Aranha disse ter visto os extraterrestres, mas não chegou a entrevistá-los. Talvez, fosse o seu plano de fuga da civilização dos cartesianos.

Sou um deles? Não, sou nem um pouco infeliz. Só é possível ser feliz quando se está longe da corrente de mediocridade. Daí a realidade fica mais aceitável, mais dionisíaca. O que me faz mais feliz é a leitura de um bom livro, o amor, sair para caminhar no mar, namorar.

Vamos imaginar que a única doença que pega é a burrice, que vai além dos anti-depressivos, que fazem parte de uma conspiração flagrada há anos por Wilhelm Reich. Sim, foi o primeiro a falar da indústria do câncer. Tá assustado, tá? Tá assustado?

Reich escancarou que a cura do câncer é quase impossível porque há uma indústria que lucra com a doença. Isso faz tempo. Lacrou, né? Ninguém enfrenta impunemente a máfia dos doutores, a máfia de branco. Por isso, estamos sempre vivendo a industrialização do medo. Tá assustado, tá?

A imaginação é um vício, talvez o melhor vício, que está ligado ao realismo mágico de Garcia Márquez, em meio a vacas que falam e porcos com asas. É incrível, né? E não é apenas uma ideologia. O sexo também é um vício, vício bom, bom demais.

No mundo em disputa, se ligar na observação, ficar atento é fundamental, no sentido de entender o que está se passando, já passou e detectar as coisas interessantes, os pontos em que algo começa a funcionar – do velho ponto G ao novo "encaixou", mas muita gente não observa nada. Vai e volta de cabeça baixa.

É importante o desejo intenso pela linguagem. Eu tenho. Uma selva de linguagem como está na canção de Arnaldo Antunes. Não se pode pensar em escrever se não se tem uma relação muito dentro do infinito particular com as palavras. Quem leu *As Palavras*, de Sartre, sabe o que é o bom.

Os escritores de hoje, e são milhares, veem a linguagem como algo material, como um escultor vê a madeira, ou o bronze, e têm essa relação equivocada de desejo, de luta, de desafio.

O antigo "maluco beleza" que ainda passa pelas plenárias vazias, não é dionisíaco, mas sim programático e programado, sabe cada dia menos das coisas. Os robôs estão com tudo — cortam cabelos, fazem *strogonoff* e rodam a baiana.

Por mais que isso, a felicidade é sempre individual, nunca coletiva. Mas o coletivo não passa de um grande arrastão para se ganhar dinheiro. E o pranto, qual o lugar dele na vida?

Crianças são *influencers* digitais para que os papais ganhem dinheiro, muito dinheiro, já a moça que vende milho assado na calçada da praia, é sobrevivente da carteira de clientes, que hoje chamam de Pix.

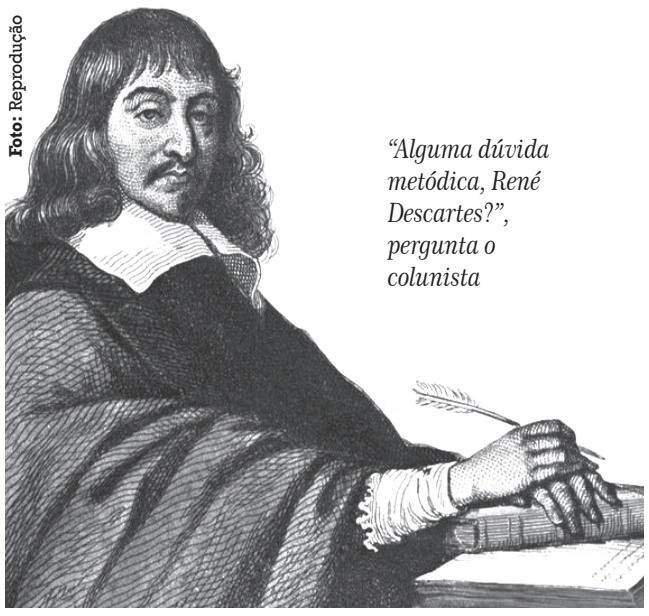
Se eu penso, não existo, né, Descartes?

Kapetadas

1 – Pessoas sem princípios são o fim.

2 – Sabe a pressa? É inimiga da refeição. Num prazo demasiado prolongado é fatal.

Foto: Reprodução



"Alguma dúvida metódica, René Descartes?", pergunta o colunista

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

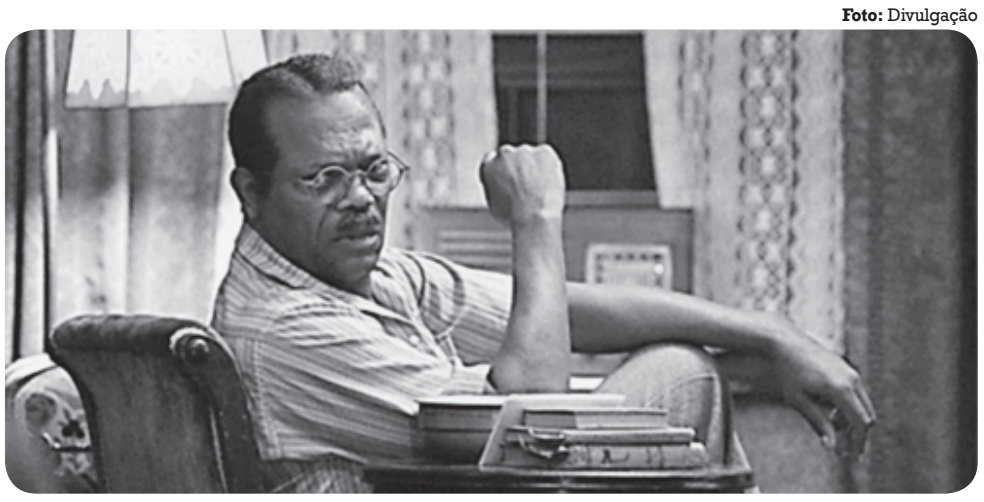
Um piano de estirpe na saga de um ator

A possível indicação ao Oscar de Samuel L. Jackson, ator do filme *Piano de Família*, tem tudo a ver com a possibilidade de um resgate honroso à própria carreira do ator, que protagonizou tantos filmes. Pelo menos é o que se apreende das inúmeras especulações existentes, atualmente, sobre ele, além do mercado, em torno de sua indicação ao prêmio de melhor ator.

L. Jackson, apesar de ter uma longa atuação no cinema, apenas uma vez foi indicado ao Oscar, sobre o que ele mesmo desdenha: "As indicações ao Oscar não são um grande problema". Mas reconhece a importância de *Pulp Fiction*, filme pelo qual recebeu a indicação de Melhor Ator Coadjuvante, em 1995, além de um justo Oscar honorário em 2022.

Em *Piano de Família*, sua atuação é sobre um personagem que vive uma situação peculiar em família, cuja ação se passa na cidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, em 1936, durante a Grande Depressão americana. A história toda gira em torno de um velho piano, herança ancestral de família, que é disputado pelos herdeiros. E, segundo a narrativa do filme, inscrições foram deixadas à família Charles, pelos seus antepassados, escravos de um tempo de intensos conflitos sociais, também de disputas entre os irmãos e um tio sobre o que fazer com tal herança patrimonial, que traz os fantasmas de um passado distante em busca de uma decisão final aos dias atuais.

Foto: Divulgação



Samuel L. Jackson em cena de "Piano de Família", adaptação da peça de August Wilson

As expectativas atuais ao Oscar, sobre *Piano de Família*, trazem uma base fundamentada em outras bem-sucedidas adaptações. Foram duas adaptações bem-sucedidas e que conquistaram três Oscars. Uma evidência que traz de volta renomados atores — John David Washington e Samuel L. Jackson sendo protagonistas. O filme marca a estreia de Malcolm Washington na direção e é baseado na peça vencedora do prêmio Pulitzer descrita por August Wilson.

Interessante do ponto de vista de remontagem de época, o filme mostra-se bem conduzido, mas tem uma narrativa arrastada, com mais de duas horas de duração, tornando-o muito cansativo. O papel de Samuel L. Jackson é bastante sóbrio e nos leva a um ator de outros papéis do gênero, como o que interpretou em recente montagem na Broadway ("*The Mountain Top*"), sobre o reverendo Martin Luther King Jr. Já disponível na plataforma de *streaming*, havia algum tempo, *Piano de Família* deve ser uma premiação certa para o ator L.Jackson, ao próximo Oscar, no dia 2 de março, que acontecerá no Teatro Dolby, Los Angeles, Califórnia, EUA. Pelo menos é o que se prevê. — *Para mais Coisas de Cinema, acesse nosso* blog*: www.alexsantos.com.br.*

APC celebra a semana do cinema

A Academia Paraibana de Cinema, representada pelo seu presidente, prof. João de Lima, e demais integrantes da entidade, celebrou, nesta semana, dois eventos dedicados à sétima arte: no Cine Aruanda, na UFPB, um debate sobre o cinema paraibano, inclusive com a participação do historiador José Otávio de Arruda Mello e da atriz Zezita Matos, que, oportunamente, recitou o *Molduras Poéticas*. Já na Fundação Casa de José Américo, durante atividades do Cineclube O Homem de Areia, na quarta-feira passada, o titular da APC se fez presente ao debate sobre o documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra*.

GAMES

Wheel World é uma aventura sobre bicicletas

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Para um país como o Brasil, entusiasta da indústria automobilística e de um modelo urbanístico centrado muito mais nos veículos do que nas pessoas, um jogo eletrônico dedicado a bicicletas soa como uma experiência, antes de mais nada, pedagógica. O estúdio independente californiano Meshof, conhecido por títulos *arcade* em estilo retrô, como o jogo de batalhas de espada *Nidhogg* (2014), explora agora novos territórios criativos com *Wheel World*, uma aventura de mundo aberto que combina as mecânicas do ciclismo com uma narrativa peculiar e elementos de exploração. O *game* deve ser lançado ainda nesse ano e estará disponível para os formatos PC, PS5 e Xbox Series.

Em entrevista à revista britânica *Edge*, o cofundador e diretor criativo do estúdio, o *designer* Mark Essen, afirmou que a transição para o formato 3D trouxe desafios criativos. A princípio, os desenvolvedores queriam um jogo mais focado na narrativa, quase um *serious game* — definição (pueril e contraditória) própria dos jogos de simulação com propósitos estritamente educacionais —, mas perceberam no caminho que realmente funcionava melhor em abordagens mais leves e cômicas.

O resultado é uma experiência que mistura uma história de apostas altas, já que a protagonista Kat precisa recuperar peças e lutar contra forças demoníacas para salvar o mundo.

Cidadãos excêntricos, como Ramp Man e Component Dave, além da presença de portais que funcionam como pontos de viagem rápida, reforçam o tom descontraído do título. A interação com os elementos do cenário inclui até um botão dedicado à campainha da *bike*, permitindo ao jogador causar pequenos incômodos enquanto pedala pelo mapa.

A jogabilidade busca incentivar o tempo inteiro a exploração. Com isso, os jogadores terão a liberdade para seguir seu próprio ritmo, explorando um mundo surrealista enquanto personalizam suas bicicletas com componentes que afetam atributos como potência, aerodinâmica, manuseio e estabilidade.

De qualquer forma, a complexidade técnica parece não sobrecarregar a jogatina. Essen explica que as mudanças no desempenho da bicicleta são apresentadas de forma intuitiva, permitindo que os usuários aproveitem a experiência sem se prender a cálculos. A alternância entre corridas, duelos contra chefes e exploração proporciona uma variedade de desafios, mantendo o ritmo dinâmico.

Gráficos, trilha e jogabilidade

O visual do jogo reflete a busca por um ambiente único. Inspirado por pôsteres de viagem de meados do século 20 e sinalização *vintage*, o cenário combina elementos da arquitetura europeia com uma paleta outonal cartunesca. Os jogadores passam por vinhedos, terras agrícolas e cidades que evocam um paraíso idealizado para ciclistas.

Os Santuários de Sinos, estruturas antigas espalhadas pelo mapa, acrescentam um elemento místico. Localizá-los revela marcadores que guiam os jogadores a tesouros e novos desafios, além de carregar o medidor de impulso de ciclismo.

Já a trilha sonora, criada em colaboração com a gravadora independente (e também californiana) Italians Do It Better, equilibra *synth-pop* e batidas rítmicas que acompanham a pedalada. Durante momentos de tensão, como corridas ou batalhas contra chefões, a música ganha camadas mais complexas, aumentando a imersão.

Com mecânicas que equilibram realismo e simplicidade, *Wheel World* oferece uma experiência envolvente tanto para aficionados por simulação quanto para jogadores casuais. A liberdade exploratória parece ser tão destacada no *game* que chega a ser difícil para alguns usuários entenderem plenamente o que devem fazer no jogo, como atesta o fórum de discussão do título, na plataforma Steam.

Para uma legião de *players* acostumados com o ritmo frenético de tiros e telas sujas de sangue, é natural que a proposta de *Wheel World* desperte confusão e até mesmo a ojeriza inicial do público. Afinal, bicicletas (tanto quanto pedestres), são vistas geralmente como grandes inimigas, quer seja no trânsito das ruas ou na replicante realidade virtual dos mundos diversionais.

Foto: Reprodução

Jogabilidade incentiva o tempo inteiro a exploração em mundo surrealista

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Ed Porto passeando poeticamente

Vejo-me diante do 11º livro de poemas do campinense Ed Porto, intitulado *Passeante*. Substantivo que o *Aurélio* registra como aquele que passeia ou aquele que se dedica à vadiagem. Acrescentaria: ao ócio, à contemplação, ao caminhar, à meditação, entre outros atos ou ações que mobilizam o desejo humano.

Posso imaginar que a poesia também se prefigura como um passeio. Um passeio pela pele das palavras, pelos novelos do mundo, pela substância dos sentimentos e das emoções que os poemas podem expressar na configuração especial de sua linguagem.

É exatamente este "passeio" que Ed Porto se permite, na esfera de sua liberdade criadora, com esta nova coletânea. Nova, porém, inteiramente ajustada aos critérios estéticos que o identificam como autor, vistas as matrizes formais e perceptivas que materializam a identidade de sua poética individual, reconhecidas por alguns nomes de sua fortuna crítica.

Um Amador Ribeiro Neto, principalmente um Amador Ribeiro Neto que prefaciou alguns de seus títulos; um Lau Siqueira, um Gilberto Lucena, um Gustavo Felicíssimo, um Astier Basílio, um Antônio Mariano, um Linaldo Guedes, uma Vitória Lima, entre outros, falam, por exemplo, de um poeta irrequieto, antiacadêmico, irônico, coloquial, sintético, atento às nuances do dia a dia e à matéria informe e inesperada do cotidiano, tanto na sua composição objetiva quanto subjetiva.

Um poeta que, a meu ver, soube e sabe caldear bem a oferta de signos e símbolos que a poesia moderna tem legado, em suas variadas vertentes, sobretudo naquela que concerne aos desvios radicais e à ruptura técnica face aos modelos estratificados da tradição literária. Se me debruço sobre as páginas de *Anônimo* (2003), seu livro de estreia, passando por alguns títulos como *Aria Literária* (2006), *Mosaico* (2009), *Tex-Mix* (2013), *Múltiplos* (2016), *Poema Azul* (2022), até este *Passeante*, observo, sem quase nenhuma modificação, a mesma unidade de tom e perspectiva a consumar a arquitetura do verso.

Diria, portanto, que, em 20 anos de lavor poético, Ed Porto vem elaborando uma dicção lírica calcada numa metodologia própria, demarcada, principalmente, pelo olhar sensível sobre a urgência das coisas essenciais, dos fenômenos concretos, das vivências instantâneas, expectativas, conflitos e angústias do homem, no seu corpo a corpo com a vida. O trivial e o antipoético, traço sempre recorrente na geografia de suas motivações, também integram a tessitura verbal de muitos poemas, a caracterizar o viés de uma retórica comprometida com o factual, o presente, o aqui e agora.

Leia-se, nesta clave, um texto como "Carpe diem", que traz versos como estes: "Day by day tenho aprendido/que o dia de hoje é tudo /e não há mais tempo de errar". Ou mesmo poemas da linhagem de "A casa", "Cíclico", "Esses", "Zarabatana", "Colágeno", "Nobre ócio" e "Ziguezira".

A indignação política e social reaparece num poema como "Nação", em que me deparo com a eloquência destes versos: "Temos um bocado de coisas que não existem/do outro lado: rimas, sonhos e selvas/festas, santos e velas e a fé de que um dia/seremos iguais, sem os desertos que nos/separam". A reflexão metalinguística volta num poema como "Quiçá", sobretudo nos versos "Quer riscar uns versos? Mude o trajeto/ e veja mais de perto outros movimentos". O tom aforismático e de sabor filosófico é retomado em "Sinergia", quando a voz poética enuncia que louva "a troca que é da vida" e que "fazer o bem é bom".

Se existe algo que se acentua na poesia de Ed Porto, com a publicação de mais este volume, parece ser certa postura cética, mas de um ceticismo sereno, maduro, quase complacente para com certas frivolidades e mesquinharias da existência. Neste sentido, sua poesia como que vem consolidar, a par das ingerências lúdicas e do esforço às vezes previsível da desclicherização vocabular, certa tonalidade meditativa que lhe confere, a seu turno, solidez e autonomia. Quer na ordem do pensamento poético, quer na natureza da forma artística.

Colunista colaborador

EDIÇÃO: Renato Félix
EDITORAÇÃO: Débora Borges

Foto: Reprodução/TV Globo

CINEMA E TV

Um trapalhão de nove décadas

Renato Aragão completa 90 anos amanhã; o programa "Tributo" vai contar sua história na próxima quarta

Aragão como Maria Bethânia no antológico esquete de "Terezinha"

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Seu nome e rosto viraram sinônimo de trapalhão ao longo de uma carreira de mais de 50 anos no humor. Renato Aragão, que entrou para a história da TV e do cinema brasileiros a bordo do personagem Didi e do grupo Os Trapalhões, completa 90 anos amanhã.

Com eles, Aragão liderou um dos programas humorísticos mais populares da história da TV no Brasil: *Os Trapalhões* foi exibido de 1974 a 1977, na Rede Tupi, e de 1977 a 1995, na Rede Globo, depois que foram contratados a peso de ouro pela rival. E o grupo ainda é protagonista de 15 dos 40 maiores públicos do cinema brasileiro, começando por *O Trapalhão nas Minas do Rei Salomão* (1977), o 10º da lista, com 5,7 milhões de espectadores.

Deles, nada menos que 17 levaram mais de 3 milhões de espectadores ao cinema, marca alcançada e festejada recentemente por *Ainda Estou Aqui* (2024). Cinco chegaram ou passaram de 5 milhões. Até o final do século 20, eram sete filmes entre os 10 brasileiros mais vistos.

Aragão formou-se em Direito na Universidade Federal do Ceará, em 1961, mas seu caminho seguiu pelo humor na TV Ceará. Em 1964, mudou-se para o Rio, passou a trabalhar nas emissoras do Sudeste e emplacou o próprio programa com *Adoráveis Trapalhões,* na TV Excelsior, de 1966 a 1968, ao lado de Wanderley Cardoso, Ivon Curi e Ted Boy Marino.

De 1971 a 1974, foi a vez de *Os Insociáveis,* na Record, com Dedé Santana e o sambista Mussum. Daí a fórmula de malandros e suas desventuras em diversos esquetes se consagrou com *Os Trapalhões* — acrescido na Tupi do mineiro Mauro Gonçalves, o Zacarias.

O sucesso dos Trapalhões fez a marca se expandir para shows ao vivo, discos e revistas em quadrinhos. Mas, as mortes de Zacarias, em 1990, e de Mussum, em 1994, levaram ao fim do programa em 1995. Aragão voltou com outro elenco em *A Turma do Didi*, de 1998 a 2010 (Dedé voltou ao elenco em 2008). Depois *Aventuras do Didi* ficou no ar de 2010 a 2013.

A imagem do humorista, no entanto, anda arranhada depois de algumas situações controversas tornarem-se públicas, como o hábito de escolher as melhores piadas para si nos programas e de receber muito mais dinheiro que os parceiros trapalhões (ele era o produtor dos filmes, enquanto Dedé, Mussum e Zacarias eram apenas atores). Esse processo de antipatia levou a uma ideia difundida e equivocada de que ele "não tem graça", o que está muito longe da verdade.

Homenagens

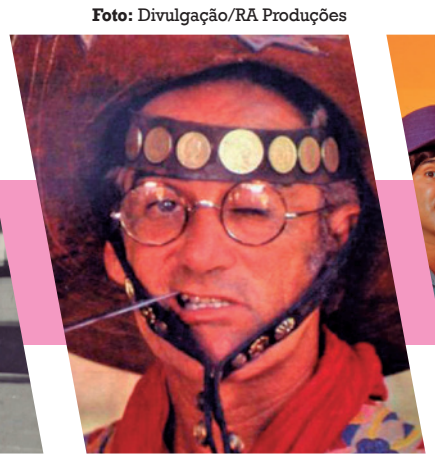
Para celebrar os 90 anos do humorista, a Globo exibe hoje o filme *Simão, o Fantasma Trapalhão* (1998) na *Sessão da Tarde* — infelizmente uma produção muito aquém de clássicos como *Os Saltimbancos Trapalhões* (1981).

Outra homenagem será uma edição do *Tributo* dedicada a Aragão, que vai ao ar na quarta à noite, após o *Big Brother Brasil*, revisitando sua carreira.

Foto: Reprodução/Arquivo Nacional

"Bonga, o Vagabundo" (1971) foi um de seus primeiros filmes

Foto: Divulgação/RA Produções



"O Cangaceiro Trapalhão" (1983) levou 5 milhões de espectadores ao cinema

Foto: Divulgação/TV Globo

Com Zacarias, Mussum e Dedé, "Os Trapalhões" foi um imenso sucesso

Foto: Reprodução

No disco "O Forró dos Trapalhões" (1981), ele canta com Sivuca

Foto: Reprodução

"Didi Volta para o Futuro" (1991) é hoje um clássico dos quadrinhos

Fotos: Divulgação/Downtown

"Os Saltimbancos Trapalhões – Rumo a Hollywood" (2017)

Em Cartaz

Cinema

*Programação de **9 a 15 de janeiro**, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.*

** Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento não haviam divulgado suas programações.*

ESTREIAS

BABYGIRL (*Babygirl*). Holanda/EUA, 2024. Dir.: Halina Reijn. Elenco: Nicole Kidman, Harris Dickinson, Antonio Banderas. Drama/erótico. CEO poderosa arrisca família e carreira por um tórrido caso com jovem estagiário. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 17h. CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h45.

CHICO BENTO E A GOIABEIRA MARAVIÓSA. Brasil, 2025. Dir.: Fernando Fraiha. Elenco: Isaac Amendoim, Anna Julia Dias, Luís Lobianco, Débora Falabella, Taís Araújo, Augusto Madeira. Comédia/infantil. Chico Bento precisa enfrentar os interesses comerciais que querem derrubar sua querida goiabeira. 1h30. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 13h, 15h15, 17h30, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 12h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINESERCLA TAMBIÁ 4: 14h, 16h, 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: qui. a dom.: 14h15, 16h15; seg. a qua.: 14h15, 16h15, 18h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: 19h10. CINE GUEDES 3: 15h, 17h. MULTICINE PATOS 4: 17h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: 19h. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: 14h40, 16h40. **Remígio:** CINE RT: dom. e ter.: 15h20.

RM RIGHT PEOPLE – WRONG PLACE (*RM Right People – Wrong Place*). Coreia do Sul, 2024. Dir.: Lee Seokjun. Documentário/show. Registro da turnê do segundo álbum solo de RM, líder do BTS. 1h20. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: leg.: 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: qui. a dom.: leg.: 18h15.

REAPRESENTAÇÃO

INTERESTELAR (*Interestellar*). EUA/Reino Unido/Canadá, 2014. Dir.: Christopher Nolan. Elenco: Matthew McConaughey, Anne Hathaway, Jessica Chastain, Matt Damon, Timothée Chalamet, John Lithgow, Ellen Burstyn. Ficção científica. Piloto é convocado e precisa deixar a família para levar cientistas em uma expedição espacial em busca de um novo lar para a humanidade. 2h49. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 20h. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h. **Patos:** MULTICINE PATOS 3: dub.: 20h30.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Selton Mello, Valentina Herszage, Fernanda Montenegro, Humberto Carrão, Dan Stulbach, Daniel Dantas, Marjorie Estiano, Camila Márdila, Maeve Jinkings. Drama. Família precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da ditadura. Vencedor do Globo de Ouro de melhor atriz/drama (Fernanda Torres). 2h16. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 20h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 17h15. CINESERCLA TAMBIÁ 1: 18h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 18h15.

O AUTO DA COMPADECIDA 2. Brasil, 2024. Dir.: Guel Arraes e Flávia Lacerda. Elenco: Matheus Nachtergaele, Sélton Mello, Virginia Cavendish, Fabiula Nascimento, Humberto Martins, Luís Miranda, Enrique Diaz, Taís Araújo, Eduardo Sterblitch, Luísa Arraes, Juliano Cazarré. Comédia. Após 20 anos, João Grilo retorna a Taperoá e reencontra Chicó para viverem novas aventuras durante uma campanha eleitoral. 1h44. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 19h25, 21h50. CENTERPLEX MAG 3 (atmos): 13h45, 16h15, 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 15h, 17h40, 20h, 22h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-xe): 14h, 16h45, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 13h20, 15h45, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 13h15, 15h50, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 16h, 18h45, 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 3: 14h, 16h10, 18h20, 20h40. CINESERCLA TAMBIÁ 6: 14h20, 16h30, 18h40, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: 14h20, 16h30, 18h40, 20h50. **Patos:** CINE GUEDES 2: 14h40, 16h50, 19h, 21h15. MULTICINE PATOS 1: 14h, 16h25, 19h, 21h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: 14h10, 16h30, 18h50, 21h10. **Remígio:** CINE RT: 13h20, 19h10.

MOANA 2 (*Moana 2*). EUA/Canadá, 2024. Dir.: David G. Derrick Jr., Jason Hand e Dana Ledoux Miller. Vozes na dublagem brasileira: Any Gabrielly, Saulo Vasconcelos. Infantil/musical/animação. Jovem navegadora enfrenta mares desconhecidos para livrar uma das ilhas de seu povo de uma maldição. 1h40. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 14h30, 17h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h45. CINESERCLA TAMBIÁ 1: dub.: 14h15, 16h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h15, 16h15.

MUFASA, O REI LEÃO (*Mufasa, the Lion King*). EUA, 2024. Dir.: Barry Jenkins. Aventura/animação/infantil. Filhote de leão órfão é acolhido por semelhante de linhagem real. Prelúdio de *O Rei Leão* (2019). 2h. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 12h, 14h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h10, 15h50, 18h40, 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h30, 16h15. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 15h30, 17h50, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h30, 17h50, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 17h, 21h. MULTICINE PATOS 3: dub.: 3D: 17h55. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: 14h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 16h40, 21h. **Remígio:** CINE RT: dub.: 17h10.

NOSFERATU. (*Nosferatu*). EUA/Reino Unido/Hungria, 2024. Dir.: Robert Eggers. Elenco: Bill Skarsgard, Lily-Rose Depp, Nicholas Hoult, Willem Dafoe, Aaron-Taylor Johnson, Emma Corrin. Terror. Vampiro viaja ao encontro de sua amada reencarnada, causando horror a uma cidade. 2h12. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (atmos): leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 13h30, 16h30, 19h20, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 21h. CINESERCLA TAMBIÁ 1: dub.: 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 20h50.

SONIC 3 – O FILME (*Sonic the Hedgehog 3*). EUA/Japão, 2024. Dir.: Jeff Fowler. Elenco: Manolo Rey (voz na dublagem brasileira), Jim Carrey, James Mardsen. Aventura/animação/infantil. O ouriço veloz e seus amigos precisam enfrentar um poderoso novo adversário. 1h50. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 13h15, 15h45, 18h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h15, 16h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 12h45, 15h20, 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h40, 16h, 18h30, 21h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 12h15, 14h30, 17h, 19h30, 22h. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 14h10, 16h20, 18h30, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h10, 16h20, 18h30, 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h. CINE GUEDES 3: dub.: 19h. MULTICINE PATOS 3: dub.: 15h10. MULTICINE PATOS 4: dub.: 19h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 14h30. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 18h40. **Remígio:** CINE RT: sab. seg. e qua.: dub.: 15h20.

CONTATO

CENTERPLEX: (MAG Shopping, JP - https://www.centerplex.com.br/cinema/mag). **CINE BANGÜÊ**: (Espaço Cultural, JP - Instagram: @cinebangue). **CINÉPOLIS**: (Manaíra Shopping e Mangabeira Shopping, JP - https://www.cinepolis.com.br/programacao/joao-pessoa.html). **CINESERCLA**: (Tambiá Shopping, JP, e Partage Shopping, CG - https://www.cinesercla.com.br). **CINE GUEDES**: (Guedes Shopping, Patos - https://www.guedesshopping.com.br/entretenimento/cinema). **MULTICINE**: (Patos Shopping, Patos - https://www.multicinecinemas.com.br/).

Teatro

HOJE

A BUTIJA DO PASTORIL PROFANO. Da Trupe de Comédia da Paraíba. Duração: 1h30. 12 anos.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Sexta a domingo, de 10/1 a 25/1, 20h. Ingressos: R$ 50 (inteira), R$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (solidário) e R$ 25 (meia), antecipado na plataforma Outgo.

Música

HOJE

ADEILDO VIEIRA E ALAMIRÉ. Cantor e banda fazem show juntos.

João Pessoa: CHERIMBOM (R. Rosa Lima dos Santos, nº 621, Bancários). Domingo, 18h. Ingressos: R$ 15.

NATTAN + FELIPE AMORIM + LOCOS. Show de atrações populares.

Cabedelo: LOVINA BEACH CLUB (Via Litorânea, Ponta de Campina). Domingo. Ingressos: R$ 300 (inteira), R$ 160 + 1 kg de alimento (social) e R$ 150 (meia), antecipado na plataforma Ingresso Nacional.

Exposições

CONTINUAÇÃO

CADA CABEÇA, UM MUNDO. Coletiva com João Neto, Daniel da Hora, Odegine Graça e João Peregrino.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO ((Avenida João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até março de 2025. Entrada franca.

LUP DANTAS. Artista mostra quadros na exposição *Olhar em Cores*.

João Pessoa: ESPAÇO ARTE BRASIL (Liv Mall, Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, nº 500, Jardim Oceania). Entrada franca.

SALÃO MUNICIPAL DE ARTES PLÁSTICAS (SAMAP). 18ª edição do evento, com obras de 15 artistas.

João Pessoa: CASARÃO 34 (Praça Dom Adauto, nº 34, Centro). Visitação de segunda a sexta, das 9h às 17h, até 31 de janeiro. Entrada franca.

CONTRADIÇÕES DEMOCRÁTICAS

Mulheres ainda à margem da política

Maioria da população, elas chegam a 51,7% dos habitantes na PB, mas poucas são lideranças no processo eleitoral

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A falta de equidade de gênero na política ainda é uma das contradições da democracia brasileira que deve ser enfrentada. Segundo dados do último censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o Brasil possui 203.080.756 habitantes, sendo 51% mulheres. Na Paraíba, de um total de 3.974.687 habitantes, 2.055.832 são mulheres, representando 51,7%.

De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 53% do eleitorado brasileiro é composto por mulheres. Contudo, a representação feminina na política e em espaço de poder ainda não condiz com sua hegemonia em números. Conforme a Campanha Mais Mulheres no Poder, Mais Democracia, do Ministério das Mulheres, dos 513 parlamentares, apenas 17,7%, ou seja, 91 são mulheres. No Senado, a representatividade é ainda menor, com 15 mulheres entre 81 parlamentares, o que equivale a 12,3%.

Para Lídia Moura, secretária da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh), a participação das mulheres é fundamental para uma democracia completa, visto que elas representam quase 52% da população paraibana, destacando que, historicamente, as mulheres foram relegadas a um papel secundário na sociedade, enquanto o espaço público, onde se decidem os rumos da sociedade, era reservado aos homens.

Foto: Leonardo Ariel

De acordo com o TSE, 53% dos eleitores são mulheres

"A participação das mulheres em cargos de comando, de chefia ou de liderança é boa para toda a sociedade", destacou a secretária.

A prefeita eleita de Bayeux, cidade da Região Metropolitana de João Pessoa, Tacyana Leitão (PSB), reforça a ausência das mulheres nos "debates importantes, na tomada de decisões, em cargos de lideranças e no meio político", mas, que esse cenário tem se alterado com o tempo. Segundo a prefeita, "essas áreas eram, predominantemente, ocupadas por homens.

De acordo com o Sistema de Monitoramento sobre Mulheres na Política, do Observatório Nacional da Mulher na Política da Câmara dos Deputados, a Paraíba possui 13 deputados eleitos, todos homens. Além da Paraíba, Alagoas, Amazonas, Piauí e Tocantins também não possuem nenhuma deputada eleita. No Senado, das três cadeiras para a Paraíba, uma é ocupada por uma mulher, a senadora Daniella Ribeiro. Nas eleições municipais de 2024, a Paraíba registrou 8.774 candidaturas para o cargo de vereador, sendo 34,92% femininas. Proporcionalmente, o estado ficou em 21º lugar, em candidaturas femininas, estando à frente de Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Alagoas e Rio de Janeiro. Para o cargo de prefeito, foram 512 candidaturas, sendo 21,88% femininas. Com isso, o estado ficou, proporcionalmente, em 4º lugar em candidaturas femininas, ficando atrás de Sergipe, Rio Grande do Norte e Roraima.

Em João Pessoa, das 29 cadeiras disponíveis na Câmara de Vereadores, somente duas são ocupadas por mulheres, com as vereadoras Jailma Carvalho (PSB) e Elízia Vírginia (Progressistas). A vereadora obteve 10.127 votos, sendo a segunda parlamentar mais votada. Durante sua posse, realizada em 1º de janeiro, a vereadora destacou que o "espaço da mulher é onde ela quiser e a política também é nosso espaço". Ela reconheceu ainda que a participação feminina é pequena, mas espera que a atuação dela e da outra vereadora eleita possa fortalecer e empoderar as mulheres, aumentando a participação feminina nas próximas eleições.

No Judiciário, o Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba empossou, na última terça-feira, de maneira inédita, duas mulheres para compor a Mesa Diretora da Corte no biênio 2025-2026, com a desembargadora Herminegilda Leite Machado, como presidente, e a desembargadora Rita Leite Brito Rolim, como vice-presidente e corregedora. Na ocasião da posse, a presidente salientou que a presença feminina na gestão trará um olhar diferenciado para a administração pública, sem, no entanto, desconsiderar os princípios da legalidade, moralidade e impessoalidade.

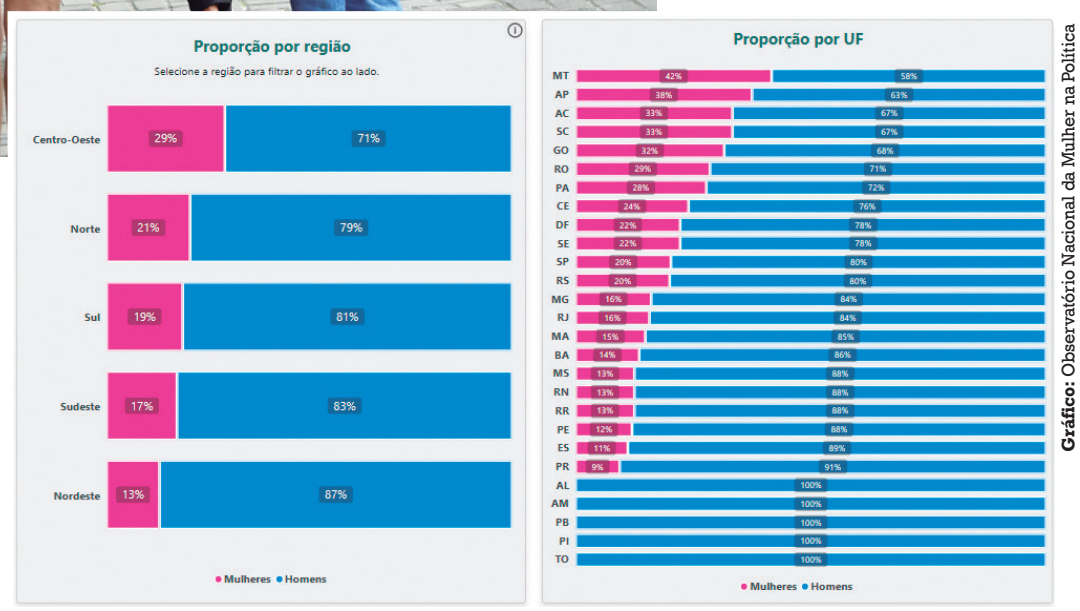


Gráfico: Observatório Nacional da Mulher na Política

Gráficos mostram a proporcionalidade de atuação das mulheres na Câmara dos Deputados

> Na Câmara Federal, dos 513 deputados, apenas 91 (ou seja 17,7%) são mulheres. No Senado, a representatividade é ainda menor, com 15 mulheres entre 81 senadores

Foto: Instagram

Jailma Carvalho (PSB) é vereadora eleita em João Pessoa

Foto: Arquivo Pessoal

Taty: mulher tem olhar mais humanizado na política

Foto: Divulgação

Tacyana lamenta a ausência de mulheres nos debates

Pensamento no coletivo é uma das características femininas

Para Taty Valéria, editora do Paraíba Feminina, portal de notícias com foco em questões de gênero, quando mulheres assumem cargos de gestão tendem a ter um olhar mais humanizado e focado no coletivo. Para ela, "a mulher sempre pensa no coletivo, não pensa só numa situação específica, ela pensa em como essa situação específica pode ser direcionada para o coletivo, para a comunidade e para a sociedade de modo geral".

Para ela, o machismo estrutural é apontado como um dos principais desafios enfrentados pelas mulheres, exemplificando com a diferença de tratamento que homens e mulheres recebem em cargos políticos. "O machismo estrutural está embutido em todo mundo, está em mim, em você, está em todo mundo. A gente nasce, cresce, estuda e convive em ambientes machistas e o que acontece é que algumas pessoas, algumas famílias e instituições se propõem a desconstruir isso, mas não é uma coisa que é abrangente como deveria ser. [...] É um problema estrutural e a gente vê muito que quando as mulheres estão nesses cargos de poder e tentam impor sua ordem, que deve ser imposta, elas são acusadas de histéricas, loucas, autoritárias ou mal amadas, todo tipo de apelido pejorativo quando na verdade ela está apenas reproduzindo um comportamento que é considerado normal nos homens", afirmou Taty Valéria.

Para Lídia Moura, secretária da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh), a longa trajetória de exclusão das mulheres na sociedade, desde a impossibilidade de acesso à educação e ao voto, é indício do machismo estrutural, que impede a participação feminina em espaços de poder e perpetua a violência contra as mulheres.

Para a secretária, "esse machismo de subjugar as mulheres, da palavra final ser dos homens, de estruturas machistas em que a mulher tem que esperar a vez dela, que ela não pode naturalmente ocupar os espaços. Eu vou te dar um exemplo sobre o Parlamento, que são poucas mulheres no poder. Esse machismo estrutural [é percebido com] os partidos, que decidem a estrutura partidária e decidem quando e como se pode participar. Então, quando as mulheres não participam da vida partidária, nas decisões, quando chega o processo de eleição, para ela só cumprir uma cota, ela não vai querer também. Nós precisamos democratizar as estruturas para que caia essa estrutura machista que exclui as mulheres".

Mulheres na política

A trajetória da participação política das mulheres no Brasil é marcada por pioneirismos que ecoaram dentro e fora do país.

Segundo o portal TSE Mulheres, desenvolvido pela Comissão Gestora de Política de Gênero do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o marco inicial foi a professora Celina Guimarães, do Rio Grande do Norte. Em 1927, ela foi a primeira eleitora do Brasil e da América Latina. Sua inscrição foi possível graças à Lei Estadual nº 660, que eliminou a distinção de sexo para o exercício do voto no estado. O feito repercutiu mundialmente, colocando o Rio Grande do Norte como símbolo de avanço no reconhecimento dos direitos políticos das mulheres.

Em 1928, outro marco histórico ocorreu também no Rio Grande do Norte com a eleição de Alzira Soriano, do Partido Republicano, como prefeita da cidade de Lajes. Com 60% dos votos, Alzira foi a primeira mulher a ocupar tal posição no Brasil e na América Latina. Sua candidatura foi incentivada pela advogada e feminista Bertha Lutz, figura central no movimento pelos direitos das mulheres no Brasil.

Giovanni Meirelles

Da Filosofia à História, o caminho até a Redação para fazer jornalismo

De repórter a editor, a trajetória de "um rapaz latino-americano", que enfrentou a desconhecida capital em busca do sonho de escrever e contar histórias do dia a dia sem abrir mão do texto de qualidade e da busca pela verdade

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Giovanni Meirelles não se tornou jornalista por acaso. Veio da História e da Filosofia. Começou correspondente em Sapé. Chegou a João Pessoa sem conhecer a cidade e aprendeu como chegar a cada recanto da capital, "no carro da reportagem de **A União**", como gosta de dizer. Foi repórter, editor e não faz questão de dizer que fez o curso de Comunicação, na habilitação Jornalismo; é diplomado, mas foi na prática diária da Redação que aprendeu a ser jornalista, a fazer títulos e o lide da manchete. Nessa conversa com o Memórias A União, Giovanni Meirelles cita os nomes de Agnaldo Almeida e José Maranhão como referências em sua vida profissional e diz que "não se pode perder a essência do que existe aqui". Uma das primeiras matérias que fez foi sobre o fechamento do Banco do Estado da Paraíba (Paraiban), do qual havia pedido demissão para ser jornalista.

A entrevista

■ *Você chegou vindo do curso de Comunicação, tinha um pendor literário e o jornal sempre abraçou essas pessoas. Como começou a sua história aqui com* ***A União****?*

Se eu cometer o ato falho de chamar de Lula, é porque a amizade que nos une é de muito tempo, com certeza, mas, Luiz Carlos Nascimento Sousa, meu primeiro chefe de reportagem na Redação, eu entrei em 1986. Morava na cidade de Sapé e estudava em Guarabira, fazia o curso História. Tinha essa tendência para rádio — meu pai tinha sido locutor e minha mãe escreveu romances até hoje inéditos, não publicados. Então já tinha aquela coisa no gene, mas o que me fez entrar mesmo no Jornalismo foi porque havia Jório de Lira Machado, que tinha sido secretário de Comunicação.

■ *E o curso de Comunicação?*

Eu tinha feito Comunicação em 83, na turma de Hermes Luna, Fábia Carolino e Carla Almeida — você trabalhou na televisão com ela, foi minha colega. Só que eu passei no concurso do banco e, entre o dinheiro do banco e a falta de "paitrocínio", tive que trabalhar no banco. Deixei o curso e voltei 11 anos depois para terminar. E aí é quando eu topo com um rapaz chamado Luiz Carlos Sousa, Lula, meu primeiro chefe de reportagem nesse tempo. Eu resolvi, já que tinha matrícula de 83.1, fazer um novo vestibular para não ser jubilado e peguei uma nova matrícula. Aproveitei algumas matérias que eu tinha feito no curso e também algumas optativas do curso de Filosofia em Guarabira, então isso me deu um certo adiantamento.

■ *Lembra de quem mais do período?*

Convivi com pessoas como Carmélio Reynaldo, Jomar Muniz de Brito, Alarico Correia Neto… Otinaldo Lourenço Francelino Pereira era o professor de Português. Eleonora Montenegro, do teatro.

■ *Lembro, Giovanni, de você na redação redigindo, e havia semanas que você tinha que terminar no horário mais cedo porque tem uma história de umas performances, interpretando Raul Seixas...*

Era por aí, você lembrou muito bem. A minha paixão da época. O jornalismo era paixão de fazer e de ganhar dinheiro. Como eu vinha depois de Filosofia e História, fui escrever a história no Jornalismo, onde a gente está escrevendo sobre o nosso tempo. E a performance era o que eu gostava de fazer, tocava violão. Não tinha o Festival da Canção Paraibana...

■ *Eu lembro você de preto...*

Aquela metamorfose ambulante, cabelo, que eu não tenho mais hoje. Você estava na TV e eu participei do primeiro Forró Fest, no Espaço Cultural. Depois ainda participei daquela performance, mas sem mudar residência definitiva para João Pessoa. Eu fazia essas exceções, vinha aqui no distrito entregar as matérias e não era ainda repórter. Mas, em 88, 90, aí eu vim de vez para João Pessoa e fui muito bem recebido por você e tive colegas como Eloise Elane, Lilian Moraes e Anette Leal. O Wellington Farias também trabalhou na mesma época, o Carlos Vieira, e tínhamos ainda a dupla da reportagem Joel de Brito e Zé de Souza, que, quando chegavam na Redação, tinham que ser entrevistados por um redator. Uma figura dessa época, Tamara Duarte… tinha o Rogério Vidal, que hoje é pastor, está na Alemanha, e o diagramador da capa era Mike, que pegava no sono, dormia com o estilete, régua de paica, porque ele passava a madrugada desenhando Mulher Maravilha, Super-Homem, Batman, com o fuso horário lá com os Estados Unidos, para mandar para o Fedex. Não tinha a facilidade de hoje, quando você faz o desenho no *tablet* ou no computador, não. Era nanquim no papel manteiga.

■ *Hoje você manda o arquivo na hora que termina...*

A inteligência artificial faz a grama, faz as árvores. Ajuda muito. Na época era o diagramador, o Wellington Seixas, que morreu, e outros tantos. Depois disso, fui para a Secom, porque foi o Governo José Maranhão, e passei um tempo na Secom, numa época que não tinha a EPC; era só Rádio Tabajara, o Jornal **A União** e a Secom. A Secom era a ordenadora de despesa, mandava fazer, mas não pagava. O dinheiro ficava na Casa Civil. Graças a Deus, hoje o governador João Azevêdo teve essa visibilidade de que **A União** é autossustentável, a Rádio Tabajara é autossustentável, mas precisava de um guarda-chuva para tomar conta dos dois. Na época não tinha, então era direto. É como se não tivesse Naná e o William Costa e você tivesse que falar direto com o Nonato Bandeira. Era assim no meu tempo. Hoje está muito mais organizado, muito melhor.

■ *Apesar das polêmicas?*

Fecha, não fecha; acaba, não acaba. Eu acho que agora encontrou um formato definitivo para permanecer por mais mil anos.

■ *Que assim seja, porque a gente vê, Giovanni… é a história do dia a dia, e* ***A União*** *é o único jornal impresso, e veja que a gente tinha um veículo… O Norte era um dos mais velhos jornais privados do país: é de 1908; mais de 100 anos. O Diário da Borborema tinha sido o único jornal da cadeia dos Associados, fundado por Assis Chateaubriand...*

Ele montou e inaugurou… foi o Diário da Borborema… perfeito. E a gente já perdeu tudo isso. Só resta **A União**. Eu acho que é o seguinte: os arquivos são recortes de um tempo. **A União** tem tudo preservado. O Correio da Paraíba tem uma parte, fechou e eu não sei como é que está a conservação. E O Norte hoje é uma comunidade de sem-tetos. A coleção foi toda perdida. Não foi para o arquivo do Estado, não foi para o Espaço Cultural, não foi para lugar nenhum.

■ ***A União*** *tem o arquivo preservado, o fotográfico e o de texto. Há os livros de memória, o Diário Oficial disponibilizado na internet, digitalizado...*

Lembro que houve um esforço com a Fundação Joaquim Nabuco para fazer microfilme, mas microfilme já era uma tecnologia ultrapassada e hoje ninguém nem fala mais. Então eu acho que está no caminho certo, e esse registro das pessoas que passaram por aqui é muito interessante. É necessário fazer o registro. Como Cecília Meireles dizia: "Eu sou irmão das coisas fugidias. Amanhã estarei morto e mudo. Eu não digo mais nada". Então é necessário que, inclusive, alguns colegas que têm certa resistência em vir mudem de ideia e venham. Não é por mim, não, é por Luiz Carlos. Não é pel'**A União**, não, é pela Paraíba. Mas pela nova geração, que vem, no futuro, que há de vir, em honra ao passado de Carlos Dias Fernandes, de tanta gente que deu a vida. Recuperei agora alguns arquivos de **A União** e que falam sobre a inauguração da cidade de Sapé. A festa em 31 de dezembro de 1925 e terminou em 1º de janeiro de 26, com a presença do repórter Rui Carneiro, do Jornal **A União**.

"O jornalismo era paixão de fazer e de ganhar dinheiro, onde a gente está escrevendo sobre o nosso tempo"

Fotos: Carlos Rodrigo

O jornalista Giovanni Meirelles diz que A União tem alma, é um ser vivo e faz parte hoje da história de todos os paraibanos

■ *Que honra, não é?*

Que honra, jovem. João Dantas, que, quatro anos depois — 26 para 30 —, iria matar João Pessoa, foi como repórter do Correio da Manhã. O governador João Suassuna dançou a noite inteira.

■ *Quer dizer que Sapé vai completar 100 anos?*

Vai completar 100 anos. Então, devido ao centenário — agora, ano que vem —, recuperei esse material. Aonde? Nos arquivos de **A União**. Detalhe: não tem foto, era todo composto em tipo manual, porque ainda não tinha a linotipo de chumbo. Então está lá só letrinha, só narrativa. Mas conta até o dó-ré-mi-fá-sol-lá-si da banda de música. Até o governador João Suassuna em pessoa estava lá. Não tinha estrada de terra de carro. Foram de trem, um comboio especial com as madames, as autoridades. Isso só quem tem, como diz a história, somos nós. É o registro que pode ser acessado pelo mundo inteiro hoje e por nós mesmo, que temos o registro físico e agora digitalizado.

■ *Giovanni, alguma lembrança ainda alimenta sua memória sobre sua chegada n'****A União****? Você começou n'****A União*** *como correspondente, depois foi repórter, mas chegou um dia que você foi desafiado a editar, e antes de terminar o curso?*

Antes de terminar o curso. Eu fui teimoso, porque eu tinha aquele registro provisório que hoje nem é mais obrigatório, porque a jurisprudência hoje já disse que não é preciso formação acadêmica para ser jornalista, mas eu fiz questão de terminar o curso. Carmélio Reynaldo, dizia assim… Walter Galvão, de saudosa memória… Sílvio Osias também… Eu assisti uma palestra no curso: "Olha, um bom curso de português com Francelino ou Zarinha e uns 20 bons livros de jornalistas dão o peso necessário para você fazer". O resto tinha que ter a história da vontade, de gostar e do talento.

■ *Mas e a lembrança?*

O que me marcou profundamente foi o seguinte: quando eu disse a você que era correspondente do interior e quando vim de vez para João Pessoa fazer o curso, aí virei repórter. Uma das minhas primeiras reportagens foi cruel, porque eu tinha saído do Banco do Estado da Paraíba, um ano antes de fechar, e tinha entrado n'**A União**. Uma das primeiras reportagens que eu tive que fazer foi o fechamento do Banco do Estado, no qual eu tinha trabalhado. Lula, eu chegar lá e olhar para você, você foi caixa e eu escriturário, hoje você demitido e eu aqui como repórter, contando a sua história. Era como se eu tivesse contando a minha própria história.

■ *É algo realmente marcante...*

Isso me marcou profundamente. E quero agradecer ao Jornal **A União** o fato de eu ter desarnado, deixado de ser "um rapaz latino-americano", que de João Pessoa só conhecia a rodoviária, que eu vinha de ônibus, a Lagoa e a praia. Se você me tirasse do itinerário, eu não conseguia voltar. A reportagem de **A União**, com Dadá, nosso fotógrafo Ernani Bola, Lilian Moraes, Sandra Vieira, Heloíse Elane, Ortilo Antonio. **A União** foi quem me deu compasso e régua. Foi minha professora, me fez conhecer João Pessoa. Eu conheci João Pessoa graças ao carro de reportagem de **A União**. Passei a não me perder mais.

■ *Quer dizer que o Carnaval fez você conhecer João Pessoa?*

Eu não sabia, rapaz: ensaio do Índio Papo Amarelo em Mandacaru. Eu sabia onde era Mandacaru?

■ *Ubirajara da Torre?*

O Ubirajara eu sabia lá onde era. Na Torre, só conhecia o campo de futebol, onde hoje é a Unimed. Então, **A União** foi quem me ensinou a entrar e sair nos cantos de João Pessoa. "Costa e Silva"... "Vai fazer uma matéria"... "Um despejo em Jacarapé"... **A União** foi quem me fez conhecer João Pessoa e não me perder mais. Se me tirasse do Bairro dos Estados, não saberia voltar para a Epitácio Pessoa.

■ *Como é que você faz a leitura desses recursos todos que estão à disposição da gente que trabalha com informação, não só para apurar, para checar a veracidade, para ouvir mais de uma fonte, para ter um retorno, quase que imediato? Que comparação você faz, por exemplo, com o tempo em que a gente tinha que, às vezes, fazer as matérias a pé, porque não tinha nem carro?*

Luiz Carlos, é o seguinte: hoje está mais fácil tecnicamente de fazer, mas, intelectualmente, eu acho que, às vezes, as máquinas atrapalham um pouco. Eu tenho tido algumas polêmicas, porque agora eu virei blogueiro, não sou mais de jornalismo impresso; aliás, não tem nem jornais impressos. Ou você vai com *podcast* ou vai para o YouTube. Eu estou me dedicando ao *blog*, me adaptei, mas me lembro que eu não peguei computador n'**A União**; eu fui pegar computador em outro veículo, que foi o Correio da Paraíba, e, de um dia para outro, tiraram, por exemplo, de Carlos Aranha a máquina de datilografia e colocaram no computador. Aranha olhou para mim e perguntou: "Liga onde?". Inclusive, foi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): "Os focas digitais". Todos nós poderíamos ter 20 anos de jornalismo e tornamo-nos focas. A gente dominava o meio, sabia apurar as matérias, tinha talento, tinha juízo, porque isso aqui não se transfere.

■ *Não tem como substituir?*

Não veio da farmácia, não tem e não se aprende também na escola, não. Tem um tal de um "salvar como"... salvou onde? No inferno, não sei. Na nuvem… ninguém falava nisso. Então, resultado: o cara tinha que começar a escrever tudo novamente. Isso foi um aprendizado meio assim na pancada, porque lembro também que os diagramadores tinham aquelas folhas grandes, os diagramas. Todos os diagramas quadriculados com a régua, fazia o desenho, a boneca da página. E de repente tinha que fazer direto no computador, aí o cara chega: "É o CorelDRAW? É o PageMaker?". E um olhar para a cara do outro assim: "O que é isso? É peixe mesmo?".

■ *Mas você acha que, intelectualmente, houve um certo, digamos assim, desserviço?*

Houve e há. A partir do momento que você abandona a condição de ser humano, que você se absorve da condição de filósofo, esquece o cérebro e pensa só na máquina, porque tem alguns registros prontos — não tenho nada contra o Chat GPT —, mas às vezes a gente nota que falta a criatividade, entendeu? Falta conhecimento, e nada que um bom livro, que um bom papo… você tinha papos ótimos com pessoas que já se foram, entendeu? Que deixaram muito em você, e essas lições estão na sua cabeça. Então não vai ser Chat GPT, não vai ser doutor Google. Hoje qualquer coisa é assim. Lembro que a gente tinha um livro preto desse tamanho, que a gente chamava "pai dos burros". Era o dicionário. Você falava uma palavra "neurológica", ninguém sabia o que era; vamos para o "pai dos burros". Minha mãe adorava ler dicionário para aprender palavras novas. Hoje em dia não: doutor Google. Está lá, muito fácil, é verdade. Então eu fico lamentando quando encontro numa mesa de uma pizzaria o casalzinho, pai e mãe, outro casalzinho, filho e filha, cada um num *site* diferente. A pizza chega, eles pegam cada um, bota na sua mesa e não trocam uma palavra, ou seja, a relação humana…

"Sou da geração da Guerra do Vietnã. Eu tinha oito, 10 anos, e ficava torcendo por um jornal"

■ *A gente mudou a técnica de como conseguir a informação, de como apurar, de como checar, de como contrapor sempre a outra versão, mas, para descrever isso tudo, eu falei em apuração, checagem, versão que são princípios do jornalismo, desde que ele foi inventado…*

Ad aeternum e hão de continuar. Vou dar um exemplo: eu sou da geração da Guerra do Vietnã. Eu tinha oito, 10 anos, e ficava torcendo para chegar um jornal qualquer para saber o que é que estava acontecendo no Vietnã. A Revista Cruzeiro, a Revista Manchete.

■ *Seleções?*

Seleções… para ver como é que estava a Guerra do Vietnã. Hoje em dia, meu amigo, Israel está bombardeando a Faixa de Gaza e você está vendo na hora. O correspondente está lá, a bomba caindo. Então eu acho que, desse ponto de vista, avançamos muito, vamos avançar ainda mais.

■ *Alguma lição desse tempo de* ***A União****, de, por exemplo, cuidado com a coisa pública, ou uma lição de que é muito importante a gente fazer amigos, é muito importante ter fonte? Enfim, eu não sei como é que, no seu caso, essa coisa funcionou, mas o que é que você traz desse tempo de* ***A União*** *ainda hoje em você?*

Vou citar duas pessoas: Agnaldo Almeida, nosso mestre, que Deus tenha num bom lugar sempre. Para mim, Agnaldo está ali na esquina; qualquer dia, qualquer hora, a gente se encontra. E José Maranhão. Como eu disse, na época que eu fui para a Secom, a EPC não existia e muitas vezes de madrugada eu recebi um telefonema do superintendente dizendo que faltou tinta, faltou o papel… meia-noite de um sábado ou domingo, o que é que eu faço? Hoje a EPC resolve isso, planeja. Eu não tinha condição de tomar conta da imagem do governo, das secretarias, do governador e ainda gerir **A União** e a Tabajara, que tinham seus superintendentes, mas, em determinado momento, tinha que vir o cheque maior, e era eu que tinha que dar satisfação ao governador se o jornal não saísse no dia seguinte. Então Maranhão me deu a seguinte lição: "Não roube nem deixe roubar. Eu sei que você é um jornalista que entende muito de letra, mas os jornalistas, colegas seus, entendem pouco de números. Porém, você, como veio de um banco, deve ter feito um monte de matemática, então não roube nem deixe roubar". De Almeida foi o seguinte: conversando, ele me disse: "Giovanni, existe vida inteligente no universo, no planeta, em todo lugar, e o governo, às vezes, cria uma redoma e acredita que só há vida inteligente nele". Cria uma bolha, o governador, às vezes, não sabe o que se passa fora e isso eu falo o governador da Paraíba. Mas acontece com o prefeito de uma cidade grande, com o presidente da República, acontece com o secretário-geral da ONU, acontece com Biden. Agora, uma coisa, recuperando a história das mídias, acho o seguinte: a popularização das técnicas é perigosa, porque permite as *fake news*, a notícia falsa, o fato que não é checado, que não é apurado e não se ouve a outra versão. A gente sabia assim: "Eita, tá na hora do Repórter Esso". Você ligava a televisão para ouvir as notícias e tinha credibilidade. O que se dissesse ali podia ser a maior mentira do mundo, mas se passava por verdade. Hoje em dia, não, com a disseminação das notícias falsas. Rapaz, você vê um portal, está dando de um jeito, no outro, está de outro jeito. E todo mundo sabe que em todo fato tem a versão de um lado, a versão do outro, e a verdade é a primeira que morre na guerra. O Hamas tem sua verdade, Israel pensou a sua verdade, mas tem a verdade do palestino que está lá no meio dos dois. Então isso a gente não pode perder; não pode perder a condição humana, por mais recursos técnicos que a gente tenha.

■ *Como é que você avalia um projeto de um jornal impresso que já está chegando aos 132 anos de vida, que resiste, que se misturou, em algum momento, com a própria história da Paraíba? E que ainda hoje está oferecendo ao telespectador, ao cidadão, uma versão da história…*

Você acertou no telespectador, porque hoje, no caso do YouTube, há também a versão das redes sociais, o Instagram do jornal. Na época, quem era de rádio era de rádio. Não se misturava. Mas hoje não. A gente aprendeu a fazer de tudo um pouco e fazer mais. Não podemos jamais abrir mão disso aqui. E isso aqui, que eu falo, é **A União**, que já foi órgão do Partido Republicano. Por mais que você tente ser neutro, é a sua opinião. É o ser humano Luiz Carlos, é o ser humano Giovanni. No caso de **A União**, há vida própria. O passado já está consolidado, o presente mais ainda, e eu acho que o futuro deve permanecer.

■ *Você acha que há espaço para o jornal impresso no futuro?*

Em papel, não sei te dizer, porque não tenho o poder de adivinhar. Queria eu ser um Nostradamus da vida, um Leonardo da Vinci, para inventar o helicóptero, o paraquedas, mas eu acho que **A União** tem esse papel. Se um dia não tiver mais um impresso, deve ser preservado o que se tem, nem que seja numa versão digital.

■ *Que leitura você faz, por exemplo, do patrimônio de como* ***A União*** *se encaixou na cultura paraibana e deu essa contribuição que ainda hoje você vê no Correio das Artes?*

Eu participo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e do Instituto Paraibano de Genealogia Geral, que são entidades coirmãs e, às vezes, até se fundem, e muitos dos sócios de uma são sócios da outra, tanto é que a reunião é no mesmo lugar. Nós temos, na nossa principal estante, as coleções de **A União** e depois tem os demais jornais. Mas há páginas faltando, porque alguém levou para casa. Deixou as páginas 10 e 12 e a 11 sumiu.

■ *Você não testemunhou isso, era muito jovem, mas a história lhe ensinou:* ***A União*** *anunciou que o presidente seria Orlando Geisel e, no entanto, o presidente era Ernesto Geisel; eram irmãos, ambos generais do Exército, e na Ditadura, e você veja que, nesse projeto de Memórias d'****A União****, algumas vezes a gente grava e mostra um fato histórico. Pois essa página tinha sumido do Arquivo, essa página de Orlando no lugar de Ernesto, exatamente como num passe de mágica. Quem tinha uma cópia em casa, que tinha mandado fazer porque gostava e depois repassou para* ***A União****, novamente, foi Agnaldo Almeida.*

Então, são essas coisas que você não pode apagar. A gente tem histórias aí… Se for puxar a Mesopotâmia, Babilônia, até a Bíblia mesmo tem lacunas, pedaços que faltam e não se pode ter um bom futuro. Se a gente não tiver um bom presente e, melhor ainda, um lastro firme no passado… Nossos pais nos ensinaram muito. Nós somos frutos de uma geração que não tinha televisão e não tinha creche, que não tinha escola inclusive.

■ *Você teria algo a acrescentar, algum registro que me esqueci de abordar?*

Você não sabe como pra mim foi prazeroso. Eu tenho um curso de Comunicação, eu tenho o diploma, mas a minha escola foi o Jornal **A União**. Foi aqui que eu aprendi a fazer as coisas na prática. Hoje a distância diminuiu, devido às mídias, devido às técnicas, mas na época a universidade era uma ilha de excelência. A gente aprendia a Nova Ordem Mundial da Comunicação, aprendia a Escola de Frankfurt, Adorno, mas não sabia escrever o lide de uma manchete, não sabia fazer um título, que era contado — hoje em dia, não; você faz e o computador ajusta. Não se pode perder a essência do que existe aqui. **A União** tem alma, é um ser vivo. Faz parte hoje da história de todos nós.

Acesse o *QR Code* para assistir à entrevista no YouTube

EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Paulo Sergio

ALÉM DA PARAÍBA

Maranhão tem salários de até R$ 6,2 mil

Certames selecionam mais de 900 profissionais para cargos de níveis fundamental, médio/técnico e superior

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com
João Pedro Ramalho
joaopramalhom@gmail.com

Foto: Divulgação/Secom-JP

Editais oferecem oportunidades para as áreas administrativa, de Saúde e de Educação e representam alternativa promissora aos concurseiros paraibanos

Para os paraibanos que desejam começar 2025 com novas perspectivas profissionais, há oportunidades interessantes para além do estado. Enquanto a Paraíba conta com quatro concursos em andamento — Nazarezinho, Pedras de Fogo, Alagoa Grande e Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) —, o Maranhão surge como uma alternativa promissora para os concurseiros daqui. Três prefeituras, incluindo a de São Luís, estão com editais abertos, oferecendo mais de 900 vagas nas áreas administrativa, de Saúde e de Educação. E o melhor: os salários chegam a R$ 6,2 mil.

Capital

Com 600 vagas, o concurso promovido pela Secretaria Municipal de Administração (Semad), vinculada à Prefeitura de São Luís, está em busca de profissionais de nível superior. As oportunidades são para professor e contemplam profissionais das áreas de Artes, Ciência, Educação Física, Religião, Filosofia, Português, Matemática, História, Geografia e Língua Inglesa. Há, ainda, vagas para professor de Educação Infantil, de Ensino Fundamental — anos iniciais e anos finais — e de Atendimento Educacional Especializado.

Com jornadas de 20 a 40 horas semanais, os futuros professores da Semad receberão de R$ 3.121,19 a R$ 6.242,40, de acordo com o edital.

As inscrições seguem abertas até 4 de fevereiro e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo *site* do Instituto AOCP, mediante pagamento de taxa no valor de R$ 100. Quanto à avaliação, os candidatos farão provas objetiva e discursiva, previstas para o dia 23 de fevereiro, e passarão por análise de títulos.

Sul maranhanse

Enquanto isso, no Sul do Maranhão, a Prefeitura de São Raimundo das Mangabeiras abriu 152 vagas para candidatos de níveis fundamental, médio/técnico e superior. Com remunerações que variam de R$ 1.412 a R$ 5.050 e carga horária de 20 a 40 horas semanais, o certame oferece oportunidades para diversos profissionais, com destaque para os cargos de analista e fiscal ambiental, engenheiro agrônomo, fisioterapeuta, professor, farmacêutico, terapeuta ocupacional, guarda municipal e gari. As inscrições terminam em 20 de janeiro e podem ser feitas pelo *site* do Instituto Social da Cidadania Juscelino Kubitschek (Instituto JK). Dependendo do cargo pretendido, a taxa de inscrição varia de R$ 48 a R$ 87.

As provas objetivas estão previstas para 9 de fevereiro, com questões de conhecimentos gerais, específicos e pedagógicos. Para guardas municipais e professores, o concurso também prevê a aplicação de teste de aptidão física e análise de títulos, respectivamente.

Norte do estado

Já em Morros, município localizado no Norte maranhense, a prefeitura oferece 162 vagas para profissionais de níveis fundamental, médio/técnico e superior, com salários de até R$ 5 mil. Entre os cargos disponíveis, estão os de professor, enfermeiro, fisioterapeuta, técnico em Enfermagem e agente de combate a endemias. Os candidatos interessados têm até 6 de fevereiro para efetuar a inscrição no *site* do Instituto JK, com taxas de R$ 69 a R$ 116. A seleção, por sua vez, será realizada por meio de prova objetiva, agendada para 16 de março, além de etapas específicas para algumas funções, como provas discursivas e de títulos.

Engenheiro agrônomo atua no campo, no escritório e no mercado

Foto: Divulgação/Secom-PB

Atividade exige leque variado de conhecimentos, como cálculos de adubação, manejo de culturas e rebanhos e análise de mercado

"O pré-requisito para ser um bom engenheiro agrônomo é ter competência, habilidade, vocação e gostar do campo. É ser uma pessoa afeita a estar no campo e a melar as botas de terra e de lama", garante Jailson Lopes da Penha, doutor em Engenharia Agrícola e engenheiro agrônomo da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer-PB).

Segundo ele, a centralidade da vivência rural na Engenharia Agronômica, marcada pelo manejo de culturas e rebanhos, alia-se, ainda, a outras habilidades. Essas estão relacionadas às demandas de escritório — como cálculos de adubação e usos de sistemas de georreferenciamento — e de mercado — como a busca por viabilizar comercialmente um negócio.

As habilidades de um engenheiro agrônomo podem ser aplicadas em quatro cenários: o desenvolvimento de um empreendimento pessoal; a orientação a agricultores familiares, produtores rurais, grandes empresas e usinas, para a produção de alimentos; a representação de empresas de adubos e defensivos agrícolas; e a atuação nos setores públicos, como universidades e órgãos de extensão e pesquisa.

A variedade de caminhos possíveis é sinal de uma profissão eclética. "Esse é um profissional que entende da matéria mineral do solo e que estuda a parte fisiológica vegetal da planta e os aspectos zootécnicos da criação animal. Temos ainda a construção civil, já que o engenheiro agrônomo tem habilitação para a construção de estruturas na zona rural, tipo aviários e estábulos, bem como a área de irrigação e drenagem, em que se estuda o dimensionamento de água, condutos e reservatórios, para a água poder chegar à planta", explica Jailson. Em todos os casos, ele acredita que é necessário manter a humildade e a disposição para o constante aprendizado, que vem das interações com outras pessoas do meio.

Para o engenheiro agrônomo da Empaer-PB, um dos principais desafios da profissão é reduzir os impactos ambientais na produção de alimentos. Uma forma de se alcançar esse objetivo é investindo mais nas técnicas ofertadas pela natureza. "A própria cobertura do solo, a interação com algumas bactérias, a diversificação de espécies e a rotação de culturas são dinâmicas já bem conhecidas da natureza, que devem ser cada vez mais usadas, na medida do possível, em substituição aos insumos químicos e agrotóxicos. Eu acredito muito que, nesses próximos anos, a Engenharia Agronômica vai ter uma nova roupagem, ao avançar em termos de adoção de práticas agrícolas, de tecnologia e de mecanização, para que a gente consiga transformar o Nordeste e o Semiárido em segmentos cada vez mais produtivos do ponto de vista de alimentação saudável, que é o que todo mundo almeja", projeta Jailson.

> Profissionais podem concorrer à vaga em São Raimundo das Mangabeiras

Cargo

Engenheiros agrônomos interessados em se tornar servidores públicos podem concorrer ao cargo da Prefeitura de São Raimundo das Mangabeiras. O concurso oferta uma vaga, com carga horária de 40h e remuneração inicial de R$ 2.500. Para assumir a função, o candidato aprovado deve possuir um diploma de graduação em Engenharia Agronômica ou Agronomia e registro no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea).

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina
Fixado em 11 de dezembro de 2024	R$ 1.518	+1,00%	+0,46%	+0,36%
12,25%		R$ 6,102	R$ 6,250	R$ 7,452

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

Novembro/2024	0,39
Outubro/2024	0,56
Setembro/2024	0,44
Agosto/2024	-0,02
Julho/2024	0,38

PREÇO DA SAÚDE

Vida *fitness* pode ter preço alto, mas há alternativas

Assessorias, roupas e equipamentos encarecem a rotina de exercícios

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Os benefícios da prática de exercícios físicos para a saúde já são conhecidos pela maior parte das pessoas, sendo que todos os profissionais de saúde ressaltam a importância da atividade, em todas as faixas etárias. Quem inicia um esporte, no entanto, muitas vezes não imagina que é necessário também um planejamento financeiro. Academia, *personal trainer*, nutricionista, suplementos, tênis, roupa adequada, equipamentos. É fácil gastar mais do que se deve, mas a atividade física não precisa ficar restrita a quem tem muito dinheiro.

Para o educador físico Flávio Cavalcante, proprietário da academia Sbelt Gym, em João Pessoa, os custos vão depender muito do objetivo. Se a ideia é só levar uma vida mais saudável, fugindo do sedentarismo, fazer alguns exercícios em casa, por conta própria, ou até mesmo caminhadas, pode funcionar, e o custo é baixíssimo. Para quem busca alguma modificação corporal, porém, o acompanhamento de um profissional de educação física e um nutricionista torna-se importante para alcançar o resultado almejado.

Uma opção para tornar o investimento menos pesado, segundo ele, é optar por academias que ofereçam o acompanhamento de educadores físicos. "Hoje tem academias que tratam de alugar o espaço, como academias de rede, e tem academias que te oferecem um serviço um pouco mais completo. E aí, deixa menos oneroso o produto, academias como estúdios e espaços mais personalizados vão entregar mais por um custo menor, porque eles juntam dois serviços. Então, tu não tem que pagar um *personal* e pagar a academia", comentou.

"Agora, outra questão meio que inevitável é o nutricionista, né? Tem que procurar um profissional capacitado para poder fazer essa orientação. Então, eu resumiria um pouquinho esses custos em uma academia personalizada e um bom acompanhamento do nutricionista que possa fazer uma dieta com qualidade", completou Flávio, para quem se você tem um bom nutricionista, uma dieta equilibrada, provavelmente vai ter todo o aporte nutricional na alimentação. "Esse custo-benefício pode ser distinguido pelo profissional da nutrição, que vai poder realmente balancear a sua alimentação e deixar o suplemento para casos específicos", explicou.

O nutricionista Celso Costa da Silva Júnior afirmou que há casos em que a suplementação é necessária e vai fazer com que o cliente consiga alcançar o resultado desejado. Mas, segundo ele, em muitas ocasiões, a suplementação não é necessária.

"Sem o acompanhamento do nutricionista, a maioria das pessoas não vai ter a compreensão das condutas relacionadas às suas demandas. Às vezes, elas vão cair em algumas ciladas, por exemplo, em algumas dietas da moda ou dietas restritivas, que podem trazer mais prejuízos do que benefícios", disse Celso.

Ele destacou, porém, que o gasto com nutricionista não é para sempre. "A gente faz um trabalho de educação nutricional para aquela pessoa não ficar dependente do nutricionista, e comece a entender sobre hábitos alimentares, costumes que podem ajudar nessa aquisição de novos hábitos alimentares e novas rotinas de vida", explicou.

Outro gasto desnecessário envolve os tênis muito caros que, por vezes, as pessoas se convencem de que precisam comprar. "Antes da pandemia, a gente raramente via tênis de mais de R$ 1 mil. Na pandemia, com essa vontade das pessoas praticarem atividade realmente houve um crescimento. Só que aí, como todo bom mercado, ele cria as necessidades. Então assim, você tem tênis de ótima qualidade que não custam R$ 1 mil. Na maioria das vezes, você se supre muito bem com um de R$ 200 ou R$ 300", destacou Flávio.

Foto: Arquivo pessoal/Ronaldo Sales

Ronaldo Sales aponta alto preço das bicicletas no triatlo

Despesa alta

O professor universitário Ronaldo Sales, de Campina Grande, começou a se exercitar no início de 2020, e acabou progredindo em meio à pandemia de Covid-19, que se deu na mesma época, já que também era uma forma de se manter ocupado. Pela impossibilidade de estar na rua, ele comprou equipamentos para fazer musculação em casa e contratou uma assessoria on-line. Já para exercícios aeróbicos, com intenção de perder gordura, ele começou a praticar corrida e natação.

Não demorou muito para Ronaldo perceber que estava a apenas um passo de praticar triatlo: só faltava o ciclismo. Ele resolveu, então, se dedicar ao esporte, acabou gostando, e hoje participa de competições. O professor admite, no entanto, que há um peso no orçamento. "Acho que o custo maior é a bicicleta. Quando a gente vai competir, esse equipamento faz muita diferença", afirmou.

Independente disso, ele contou que tem como custos fixos mensais a assessoria esportiva específica para triatlo e a mensalidade da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), da qual é sócio e onde treina musculação e natação. Também há alguns suplementos alimentares que ele toma com frequência.

"O resto vai variando", contou ele, que também citou a necessidade de um relógio esportivo para monitorar os tempos dos treinos e, ocasionalmente, de fisioterapia para ajudar com lesões. "Faço massagem esportiva uma ou duas vezes por mês", revelou.

Além disso, também há o custo das competições, que muitas vezes ocorrem em outras cidades, gerando a necessidade de passagens e hospedagem. "Campina Grande não tem mar, então preciso viajar para competir em triatlo. Aqui só consigo participar de corridas de rua", explicou.

Custos

Uma opção para tornar o investimento mais leve é optar por academias que ofereçam o acompanhamento de educadores físicos e nutricionistas

Sem custo

O jornalista aposentado José Alves não gasta nada para fazer exercícios. Ele contou que costuma alternar caminhadas, que faz na orla de João Pessoa, com exercícios que faz em casa, usando alguns pesos que ganhou de um colega anos atrás.

Ele disse que já frequentou academias no passado, mas desde 2007 resolveu treinar sozinho, principalmente pela comodidade e praticidade. "Faço meus próprios horários, não me preocupo com troca de roupa, escuto minhas músicas". Apesar de sentir falta de alguns equipamentos, de modo geral ele está satisfeito com os resultados. "Porque eu só quero manter o meu peso e a minha saúde".

Dicas de economia

É possível buscar alternativas disponibilizadas gratuitamente pelas prefeituras. "Diversas prefeituras inserem programas de práticas para a população. Nesses programas existem equipes multidisciplinares que fazem testes básicos e questionários que minimizam riscos para os praticantes", afirmou.

Foto: João Pedrosa

"Só quero manter meu peso e minha saúde", diz José Alves

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O ano turbulento de 2024 e os desafios futuros

O ano de 2024 foi marcado por acontecimentos intensos em várias frentes, desde guerras e mudanças climáticas até transformações políticas e tecnológicas. Na política global, Donald Trump voltou à presidência dos Estados Unidos em meio a controvérsias, enquanto o Reino Unido viu o Partido Trabalhista assumir o poder após 14 anos de domínio conservador. Ao mesmo tempo, conflitos como o avanço da Rússia na Ucrânia e as tensões no Oriente Médio continuaram a dominar as manchetes.

No Oriente Médio, Israel intensificou ações militares contra o Hizbullah, no Líbano; além de enfrentar conflitos prolongados em Gaza. A morte do presidente iraniano Ebrahim Raisi trouxe mudanças potenciais na política da região, enquanto a guerra civil na Síria resultou na queda do regime de Bashar al-Assad, encerrando 53 anos de dinastia autoritária.

Na Europa, a política enfrentou divisões. A Alemanha, liderada por Olaf Scholz, perdeu confiança no parlamento, levando a eleições antecipadas. A França também enfrentou instabilidade após eleições parlamentares, enquanto a União Europeia lutou para manter influência, especialmente em regiões como o Cáucaso, onde a Geórgia cedeu à pressão russa.

O ano trouxe sinais mistos para a economia global. Enquanto os bancos centrais, como o Federal Reserve e o Banco Central Europeu, começaram a reduzir taxas de juros após anos de alta, a economia dos Estados Unidos destacou-se com crescimento superior ao de outras nações do G7. Entretanto, a desaceleração econômica da China revelou as limitações de seu modelo autoritário, com queda no PIB nominal e aumento de controles internos.

No setor tecnológico, a inteligência artificial continuou a moldar mercados, com empresas como Nvidia liderando avanços. Porém, desafios como questões éticas e disputas antitruste, especialmente envolvendo o Google, mostraram a necessidade de regulamentação. No espaço, 2024 viu avanços significativos, incluindo o retorno da NASA à Lua e o progresso do programa Starship, da SpaceX.

Crises sociais e ambientais. As mudanças climáticas se intensificaram, com aumento da temperatura global e eventos extremos, como o furacão Helene, na Flórida, e inundações devastadoras, em Valência. Discussões sobre geoengenharia para mitigar o aquecimento global ganharam força, mas continuam controversas.

Socialmente, a crise dos opioides, nos Estados Unidos, apresentou sinais de melhora, com redução nas mortes por overdose. No entanto, desafios permanecem, incluindo a dependência de substâncias como metanfetamina.

Avanços democráticos e retrocessos autoritários. Embora 2024 tenha sido desafiador, também trouxe progressos democráticos em diversas nações. Bangladesh foi eleito "País do Ano" pela The Economist, após a saída de Sheikh Hasina, marcando o fim de um regime autoritário. Na África do Sul, o Congresso Nacional Africano perdeu sua maioria parlamentar pela primeira vez desde o *apartheid*, e a formação de coalizões trouxe esperança de melhor governança.

Por outro lado, autocracias como a Rússia e a Venezuela mantiveram controle rígido, com eleições fraudulentas e repressão aos opositores.

Olhando para o futuro, o mundo enfrenta desafios significativos. A intensificação das rivalidades entre grandes potências, como EUA e China, testará a estabilidade global. Ao mesmo tempo, a busca por soluções climáticas, avanços tecnológicos e maior inclusão democrática será essencial para enfrentar as desigualdades crescentes e assegurar progresso sustentável.

CANA-DE-AÇÚCAR

Produtores têm direito a créditos

Biocombustível garante a participação nas receitas obtidas com a negociação dos valores referentes à descarbonização

Foto: Divulgação/Agência Brasil

Foto: José Marques/Secom-PB

Nova lei reforça a regulação do setor com medidas como o aumento de multas para os agentes que não cumprirem as metas de descarbonização estabelecidas

Já está em vigor a Lei nº 15.082/24 que garante ao produtor de cana-de-açúcar destinada à produção de biocombustível a participação nas receitas obtidas com a negociação de créditos de descarbonização (CBios). Antes da sanção da lei, a remuneração era exclusiva das usinas produtoras de etanol. A nova norma altera a Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio) para incluir os produtores independentes. "É uma vitória merecida que repara uma injustiça com os produtores que, há mais de cinco anos, vinham lutando para serem incluídos no Renovabio", afirma o presidente da Associação dos Plantadores de Cana da Paraíba (Asplan), José Inácio de Morais.

O dirigente canavieiro lembra que a Lei nº 15.082/24 teve origem no Projeto de Lei (PL) nº 3.149/20, de autoria do então deputado e atual senador paraibano Efraim Filho. "Efraim, como a gente diz aqui, cabeceou e chutou para o gol, pois foi o autor do Projeto de Lei, defendeu sua aprovação na Câmara no Senado e também foi relator da matéria no Senado. Ele nos deu uma ajuda imensurável, participou de várias reuniões e foi fundamental para obtermos êxito nesse nosso pleito", afirmou José Inácio. Em função de sua atuação parlamentar, o senador paraibano foi homenageado pela Asplan, em dezembro passado, recebendo o Prêmio Canasplan que é destinado a políticos e personalidades que se destacam na defesa do setor produtivo.

Além de incluir os produtores no RenovaBio, a nova lei também reforça a regulação do setor com medidas como o aumento de multas para os agentes que não cumprirem as metas de descarbonização estabelecidas. O não cumprimento das metas passa a ser tipificado como crime ambiental e a comercialização de combustíveis será proibida para distribuidores inadimplentes com sua meta individual. A legislação ainda revoga a autorização dada pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) em casos de reincidência de descumprimento das metas.

De acordo com a lei, sancionada com dois vetos pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, os produtores de cana-de-açúcar deverão receber parcelas de, no mínimo, 60% das receitas oriundas da comercialização dos CBios gerados a partir do processamento da cana entregue por eles às usinas. Quando o agricultor fornecer à indústria os dados primários necessários ao cálculo da nota de eficiência energético-ambiental, além desses 60%, ele deverá receber 85% da receita adicional sobre a diferença de créditos, já descontados os custos de emissão. Já os produtores das demais matérias-primas de biocombustíveis, como soja e milho, usados para a produção de biodiesel e etanol, respectivamente, poderão negociar a parcela de remuneração no âmbito privado.

Os vetos recaíram sobre uma medida que permitia a tomada de créditos de contribuições tributárias pelas distribuidoras na aquisição dos CBios. Os ministérios da Fazenda e do Planejamento e Orçamento observaram que o texto vetado "equipara os créditos de descarbonização a insumos para os distribuidores, a fim de gerar créditos para compensação no processo de não cumulatividade de tributos federais". Segundo o Executivo, "o preceito contraria o interesse público" e é inconstitucional por criar "renúncia de receita sem estimativa de impacto orçamentário e financeiro". O outro veto também foi pedido pelo Ministério da Fazenda ao trecho que equipara os CBios aos demais valores mobiliários.

RenovaBio

É a política cujo objetivo é reduzir a pegada de carbono da matriz de combustíveis de transporte por meio do aumento da produção e utilização de biocombustíveis

Gestor diz que conquista é grande vitória

"A inclusão dos produtores de cana-de-açúcar no RenovaBio é uma grande conquista e vitória do setor produtivo que passa a ter direito de ter sua participação nas receitas obtidas com a negociação de CBios", afirma o presidente da União Nordestina dos Plantadores de Cana (Unida), Pedro Campos Neto. Antes da sanção da Lei nº 15.082/24, a remuneração era exclusiva das usinas produtoras de etanol.

O dirigente canavieiro lembra que o apoio de várias entidades foi fundamental para que o acordo fosse fechado com as usinas, assim como o papel de grande articulador do autor do Projeto de Lei nº 3.149/20 que deu origem à lei sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. "É o momento de comemorar essa grande conquista, mas também de agradecer o apoio e parceria que tivemos da Feplana, Unica, CNA, BioEnergiaBrasil, SindaçúcarAL, Sindaçúcar PE e Sindálcool, além do apoio do senador da República, Efraim Filho, que sempre defendeu esse nosso pleito, sendo o autor do PL e relator da matéria no Senado", afirmou Pedro Campos Neto.

Além de incluir os produtores no RenovaBio, a nova lei também reforça a regulação do setor com medidas como o aumento de multas para os agentes que não cumprirem as metas de descarbonização estabelecidas. O não cumprimento das metas passa a ser tipificado como crime ambiental e a comercialização de combustíveis será proibida para distribuidores inadimplentes com sua meta individual. A legislação ainda revoga a autorização dada pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) em casos de reincidência de descumprimento das metas.

Entenda

A Política Nacional de Biocombustíveis, conhecida como RenovaBio, é a política de Estado cujo objetivo é reduzir a intensidade de carbono (pegada de carbono) da matriz de combustíveis de transporte por meio do aumento da produção e utilização de biocombustíveis.

O Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) estabelece, anualmente, metas nacionais de descarbonização para um período de 10 anos. As metas anuais são, então, desdobradas pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) a todos os distribuidores de combustíveis, que constituem a parte obrigada da política, com base em sua participação no mercado de combustíveis fósseis.

A geração dos CBios cabe aos produtores de biocombustíveis, que certificam sua produção de forma voluntária com base na Avaliação de Ciclo de Vida em processo auditável. As empresas certificadoras, firmas inspetoras, são credenciadas pela ANP e responsáveis pela verificação e submissão do processo de certificação do produtor de biocombustíveis.

Foto: Arquivo pessoal

Os produtores de cana-de-açúcar devem receber parcelas de, no mínimo, 60% das receitas oriundas da venda dos CBios

Pedro Campos Neto

PARA PROFESSORES

Sectie e UEPB estão ofertando curso

Levantamento feito junto à UEPB mostra que 20% dos professores das redes municipais não têm formação licenciada

Ascom Secties

Foto: Divulgação/Sectie

Formação em Licenciaturas à Distância (EAD) estabelece 11 polos em diferentes municípios do estado, com a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba

Ter um sonho adiado pode causar desgostos que não combinam com votos para o início de um ano novo. Contudo, há pessoas que enfrentam situações como a professora Ana Karla Mathias Porfírio de Sousa, com 53 anos, leciona há 28 nos Anos Iniciais da Rede Municipal de São Bentinho. Vários contratempos a impediram de fazer uma faculdade até que enfim, as portas se abriram com a oferta de cursos de graduação na modalidade de Ensino à Distância (EaD) desenhados por meio de um convênio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Até o fim do ano de 2024 haviam 819 matriculados em quatro cursos de graduação. Ana Karla é uma das estudantes.

De acordo com o secretário da Secties, Claudio Furtado, um levantamento feito junto à UEPB mostra que 20% dos professores das redes municipais ainda não têm formação licenciada. "Construímos um programa de cursos para formação em Licenciaturas à Distância (EAD), estabelecendo 11 polos em diferentes municípios no interior do estado, conjuntamente com a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, a Fapesq. Lançamos vagas dirigidas a professores de escolas municipais, estaduais, a funcionários da educação municipal e estadual", informou o secretário.

Os cursos fazem parte do Programa de Formação de Profissionais da Educação, uma política pública do governo de João Azevêdo que investe na formação de recursos humanos qualificados. Com duração de quatro anos, as graduações ofertadas nesse convênio são: História, Letras (Português e Espanhol), Filosofia e Pedagogia. Os estudantes têm aulas síncronas, que ocorrem em meio digital, em tempo real, aos sábados e devem ser assistidas no mesmo período, e aulas gravadas, as quais ficam à disposição pela internet. Prevendo a necessidade de uma assistência com proximidade física e a realização de provas, a Secties e a UEPB estabeleceram 11 polos onde essas questões são resolvidas presencialmente.

História, Letras (Português e Espanhol) e Filosofia ofertam turmas nos polos de Picuí e Piancó; enquanto o curso de Pedagogia é oferecido em Campina Grande (campus I), Guarabira (campus III), João Pessoa (campus V), Monteiro (campus VI), Itabaiana (polo Secties), Itaporanga (Polo UAB - Universidade Aberta do Brasil), Livramento (Polo UAB), Piancó e Picuí (ambos polos Secties), Pombal e São Bento (ambos polos UAB).

Todas as regiões

Os graduandos vêm de todas as regiões do Estado da Paraíba e não se restringem a residentes dos municípios mencionados. Atualmente, 625 estudam Pedagogia, 80 estão em Letras (Português e Espanhol), 71 em História e 43 em Filosofia, totalizando 819 matriculados no semestre de 2024.2.

O pró-reitor de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância da UEPB, doutor Edivan da Silva Nunes Júnior, considerou a autonomia dos estudantes na realização das atividades e no planejamento de horários e acrescentou: "Além disso, eles têm acesso para utilizar recursos e materiais modernos durante as aulas, contribuindo de forma significativa para a sua formação. Um dos pontos positivos na oferta dos cursos na modalidade a distância é a flexibilidade com que os estudantes conseguem fazer os cursos, pois permite que o aluno estude no seu próprio ritmo e adapte as teorias e as práticas de aprendizado as suas próprias agendas, eliminando até a necessidade de deslocamento, caso o curso fosse de forma presencial".

Método

Os estudantes têm aulas síncronas, que ocorrem em meio digital, em tempo real, aos sábados e devem ser assistidas no mesmo período, e aulas gravadas

Ana Karla de Sousa decidiu matricular-se porque viu a oportunidade de fazer uma universidade conceituada, credenciada pelo Ministério da Educação e Cultura, e por oferecer uma base sólida de aprendizado e vivências. "E principalmente por ser EaD".

Depoimentos dos alunos demonstram a importância do novo aprendizado

Paulo Célio Ramos Soares é professor da rede pública do Estado da Paraíba, está cursando Pedagogia na modalidade EaD pela Universidade Estadual da Paraíba. Para ele, o acesso ao conteúdo, aos materiais, às provas e especialmente aos professores, é completo. Em seu depoimento ele explica o funcionamento do processo:

Acesso à plataforma

"A gente tem o suporte da coordenadora, Soraya (Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, coordenadora de Pedagogia), dos tutores de turma, temos acesso à plataforma onde fica os materiais e as atividades. Além de dar aulas aos sábados seguindo um cronograma, os professores também ficam à disposição na plataforma e, geralmente, eles dão retorno bem rápido a nossas angústias e nossas dúvidas. Temos também suporte pelo grupo de WhatsApp com nossa tutora ou os demais tutores que possam nos dar um *feedback* mais rápido, seja aula, seja tirar dúvida, seja para fazer uma ponte para falar com professores ou com a própria coordenação".

Rever disciplinas

"Esse tempo de estudo tem ampliado muito a minha visão enquanto professor, tem melhorado a minha rotina como professor; tem me feito refletir sobre currículo, avaliação, relação professor/aluno, sobre a psicologia. Eu estou tendo a oportunidade de rever essas disciplinas e eu indico aos colegas essa parceria entre a UEPB e a Secretaria de Estado Secties, que está dando muito certo. Tem superado minhas expectativas".

Em Aroeiras, na Região Metropolitana de Campina Grande, depois de iniciar o curso em Pedagogia, o professor de Língua Portuguesa Izaias Barbosa, da EMEF Josefa Heráclio, está como coordenador pedagógico: "Foi muito relevante essa oportunidade pois ampliei a minha oportunidade, de trabalho. Antes eu trabalhava voltado ao ensino como professor e hoje desempenho a função de professor pedagogo nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como também já trabalho como coordenador pedagógico".

Conquista

Franciel dos Santos Nunes, professor de Gastronomia na Ecit Pastor João Pereira Gomes Filho em João Pessoa, comemora a possibilidade de conquistar o diploma em Pedagogia e melhorar sua atuação profissional: "Os professores são exímios no que fazem e a coordenação, além de muito eficiente e eficaz, é extremamente atenciosa às necessidades dos alunos, procurando sempre uma forma de nos ajudar a superar mais esse desafio em nossas vidas".

Aula inaugural do Programa de Formação foi em abril de 2023

Segundo o pró-reitor de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância da UEPB, doutor Edivan da Silva Nunes Júnior, a demanda pelos cursos se deu ainda em 2022, a partir de uma solicitação do secretário Cláudio Furtado: "Em audiência com a Reitoria solicitou a criação de turmas que atendessem a um público específico: professores e professoras da rede estadual de Educação da Paraíba com interesse em uma nova formação ou outros agentes públicos da Educação sem curso superior. O objetivo era formar um maior número de docentes para atender à demanda das escolas municipais e estaduais do Estado".

A aula inaugural do Programa de Formação de Profissionais da Educação realizou-se em abril de 2023, no auditório de Psicologia da UEPB, em Campina Grande.

A UEPB tem uma trajetória na modalidade do Ensino à Distância. Conforme Edivan Júnior: "Em 2006 lançou o primeiro curso na modalidade à distância, após convênio firmado com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a implantação do Polo de Apoio Presencial no Campus I (Campina Grande). Foram abertas 500 vagas para o curso de Bacharelado em Administração. Em 2007, foi aberta a primeira turma do curso de Licenciatura em Geografia. No ano de 2010 novas vagas foram para Geografia e Letras Português, ambas licenciaturas, e Bacharelado em Administração Pública. Os cursos ofertados fazem parte dos convênios firmados junto ao Governo Federal, através do Ministério da Educação, que visam contemplar o déficit de docentes na Educação Básica e agentes públicos aptos a exercerem suas funções em órgãos municipais, estaduais, federais ou terceiro setor".

"O objetivo era formar um maior número de docentes para atender à demanda das escolas municipais e estaduais do Estado

Cláudio Furtado

Atualmente a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) oferta os cursos EaD de licenciatura em Geografia, História, Letras Português Espanhol, Filosofia e Pedagogia. Além de Especialização em Gestão Pública.

EDIÇÃO: Andréa Meireles
EDITORAÇÃO: Paulo Sergio

Radar Ecológico

BRANQUEAMENTO DE CORAIS

Relatório indica intensa mortalidade da espécie no Nordeste em 2024

As cidades litorâneas Maragogi, Natal e Salvador são as mais afetadas da região

Léo Rodrigues
Agência Brasil

O balanço anual de 2024 do projeto Coral Vivo registra preocupações com os efeitos da forte onda de calor associada ao fenômeno El Niño. Conforme o relatório, os recifes do coral no Brasil sofreram o segundo grande episódio de branqueamento, processo que se desdobrou em uma intensa mortalidade. A porção norte da Região Nordeste foi o local mais afetado, sendo perceptíveis os impactos no Litoral de cidades como Maragogi (AL), Natal e Salvador.

Segundo o balanço, a onda de calor foi menos intensa e duradoura no sudeste e no sul da Bahia, gerando uma baixa mortalidade nesses locais, justamente onde estão os maiores e mais diversos recifes de coral do Brasil.

Ainda assim, os pesquisadores destacaram que as duas espécies que mais sofreram mortalidade no primeiro grande branqueamento, que foi registrado em 2019, foram novamente as mais afetadas em 2024. Trata-se do coral-de-fogo (*Millepora alcicornis*) e do coral-vela (*Mussismilia hartii*). Este último é uma espécie ameaçada de extinção encontrada somente em águas brasileiras.

O branqueamento pode ocorrer por diferentes fatores, sendo o aumento da temperatura um dos mais relevantes. Ele se configura quando os pólipos do coral expelem as zooxantelas, organismos que vivem dentro de seus tecidos e que são responsáveis pela pigmentação. Trata-se de uma relação simbiótica. O coral oferece abrigo, alimento e dióxido de carbono. Em troca, as zooxantelas fornecem nutrientes gerados por meio da fotossíntese. Ao expelir esses organismos, além de perderem a cor, muitos corais acabam morrendo.

"O aprofundamento das investigações reforça nosso esforço por políticas públicas e áreas de conservação, tornando mais efetiva a proteção de todo o ecossistema coralíneo brasileiro, sobretudo no Litoral Sul da Bahia", registra o relatório, que sintetiza os principais achados do monitoramento realizado ao longo do ano em 18 pontos estratégicos da costa do país.

Onda de calor associada ao fenômeno El Niño é responsável pelo aumento no processo que desencandeou as mortes

Fotos: Divulgação/UFPE

Levantamento constata que o aumento das temperaturas foi menos intenso no sudeste e no sul da Bahia

Branqueamento pode ser consequência de diferentes fatores e ocorre quando os pólipos expelem as zooxantelas que vivem em seus tecidos

Projeto pesquisa ciclo de vida do animal marinho

O projeto Coral Vivo surgiu a partir de estudos que se iniciaram em 1996, no Museu Nacional, instituição vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desde então, consolidou-se como um centro de pesquisa com reconhecimento nacional e internacional. Atua com foco especial na compreensão dos ciclos de vida dos corais, o que é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de conservação e recuperação de recifes degradados.

De acordo com os pesquisadores envolvidos no projeto, a morte de corais tem consequências devastadoras para a biodiversidade e a economia, já que eles não apenas protegem as praias da erosão como também fornecem abrigo, alimento e áreas de reprodução para milhares de espécies. Consequentemente, sustentam a pesca e o turismo, gerando renda para diversas comunidades costeiras.

A principal preocupação é o aumento da temperatura dos oceanos, impulsionado pelas mudanças climáticas, já que os recifes são ecossistemas vulneráveis.

Em 2024, a onda de calor foi influenciada ainda pelo fenômeno El Niño, caracterizado pelo enfraquecimento dos ventos alísios (que sopram de leste para oeste) e pelo aquecimento anormal das águas superficiais da porção leste da região equatorial do Oceano Pacífico. Essas mudanças na interação entre a superfície oceânica e a baixa atmosfera ocorrem em intervalos de tempo que variam entre três e sete anos e têm consequências no tempo e no clima em diferentes partes do planeta. Isso porque a dinâmica das massas de ar no Oceano Pacífico adota novos padrões de transporte de umidade, afetando a temperatura e a distribuição das chuvas.

Pesquisadores apontam que mortes causam consequências devastadores para a diversidade do meio ambiente

Saiba Mais

- Os corais são organismos marinhos pertencentes ao grupo dos cnidários, que vivem em colônias e formam estruturas chamadas recifes de coral. Essas estruturas são construídas por esqueletos de carbonato de cálcio, secretados pelos próprios corais ao longo do tempo.
- Os recifes de coral desempenham um papel crucial nos ecossistemas marinhos, servindo de hábitat para inúmeras espécies, além de atuar como barreira natural contra a erosão costeira. Eles também ajudam a manter o equilíbrio dos oceanos, filtrando a água e contribuindo para a biodiversidade marinha.

Pedro Resende treina diariamente no CT Cangaço, na Praia do Cabo Branco

CORPO E MENTE

Verão requer cuidado de esportistas

Orla pessoense é o local preferido de atletas, moradores e turistas em busca de uma vida mais saudável pela prática esportiva

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

O início do ano impulsiona a procura pelo estilo de vida saudável, no qual inclui-se a busca pela prática de atividades físicas. A orla pessoense parece ser o local ideal para isso, e tem atraído diversas pessoas, quer sejam iniciantes ou não, turistas ou moradores, que buscam, concomitantemente ao novo ano, ter ou dar continuidade à qualidade de vida a partir do movimento.

Seja para corrida, caminhada ou vôlei, o local reúne espaços para todos os gostos, idades e estilos de esporte desejados. Helijane Marcelino, por exemplo, caminha na orla durante as manhãs das quartas e quintas-feiras, juntamente com seu esposo, Edson Marcelino. Ela garante que as belezas naturais ali presentes trazem qualidade de vida e lhe motivam ainda mais a praticar atividade física.

"Caminhar para mim é até lento, estou indo mais devagar porque meu esposo está com um problema no joelho, mas eu gosto mesmo de correr, atividade mais rápida, adoro a adrenalina e tudo mais. Eu não tomo nenhum pré-treino, nenhum estimulante para força, eu gosto mesmo, faço por prazer", afirma a entusiasta esportiva.

Alto rendimento

É também na orla pessoense que estão localizados diversos Centros de Treinamento de vôlei de praia. Para George Wanderley, atleta olímpico e integrante do CT Cangaço, um celeiro de talentos mundiais nas areias, treinar de frente para o mar de Cabo Branco é privilégio do qual ele não abre mão.

"A gente pega a época que venta mais, a época que faz mais calor, que é agora, no verão. Então, realmente, o vôlei de praia é isso, de adaptação, mas eu acho que isso ajuda bastante, até como uma preparação física mesmo, nesse sentido de você estar mais acostumado a ambientes mais quentes, a estar cansando um pouco mais, a estar suando mais. É uma ajuda natural que a gente tem aqui de João Pessoa; realmente é bem bacana e eu acho que fica muito melhor. Porque o verão aqui, o mar fica lindo, as praias ficam cheias. É uma época que a gente fica até com inveja de não estar podendo curtir", disse o atleta pessoense.

As altas temperaturas enfrentadas no verão, no entanto, demandam atenção redobrada dos esportistas. Os atletas profissionais, por sua vez, precisam ter ainda mais cuidado para evitar lesões neste início de temporada e, mesmo os que já estão acostumados às condições climáticas da cidade, reforçam a prática de comportamentos indicados pelos especialistas, como hidratar-se frequentemente e proteger-se do sol.

"Um dos pontos principais e, claro, devido às altas temperaturas aqui do nosso Nordeste, a hidratação torna-se muito importante nesse retorno dos atletas. Desde que começamos a treinar cedo, pela manhã — sete e meia, temos um treino às nove e meia, que vai até às onze —, as altas temperaturas requerem uma atenção redobrada, além de toda a parte do treinamento, mas a hidratação é de suma importância. Já é muito importante para as pessoas que não treinam para o alto rendimento, as pessoas de uma vida social, de uma vida esportiva mais tranquila, imagina para os atletas de alto rendimento? Então hidratação é o que nós destacamos como uma das principais atenções para os nossos atletas nesse retorno de temporada. É dobrar, triplicar o que eles estavam ingerindo de água, porque eles precisam disso, graças a essa vantagem que nós temos aqui no Nordeste, que são as altas temperaturas", destaca Riceler Waske, preparador físico de George Wanderley.

Pedro Resende e Johann Dohann também treinam no CT Cangaço e voltaram aos treinos no início da semana já visando o Sul-Americano, do qual participarão no próximo mês. Dohann pontua que o reconhecimento internacional que o espaço e a cidade têm alcançado nos âmbitos esportivo e turístico não é por mero acaso.

"Eu estou aqui na Paraíba, no CT Cangaço, há um ano. Eu sou do Rio e digo que, desde que cheguei aqui, mudou a minha vida. É um nível de profissionalismo e de trabalho muito diferente do que eu tive em qualquer lugar. Isso está me ajudando demais e tenho certeza que eles vão conseguir ajudar o máximo para a gente seguir crescendo. A gente acabou o ano passado em alta, em um crescimento legal. Tenho certeza que esse início de ano não vai ser diferente; a gente vai manter o crescimento", disse o carioca.

Para Pedro, os inúmeros bônus que a capital paraibana tem superam todos os ônus que possam surgir, principalmente em meio à estação atual.

"Um banho nesse mar maravilhoso ajuda muito o pós-treino, então acho que a gente sempre tem alguma coisinha para conseguir driblar o calor. Mas, realmente, João Pessoa é muito quente; eu acho que é por isso que muita gente vem para cá, para aproveitar esse calorão, as praias que a gente tem, e a cidade está cheia, né? A gente vê que a galera gosta disso, a gente tenta aproveitar o máximo a cidade que tem, essa cidade maravilhosa, esse ambiente que traz muitos benefícios para a gente que está aqui dentro também", ressaltou o atleta.

Fotos: Roberto Guedes

Helijane Marcelino diz que gosta mesmo é de correr

CUIDADOS IMPORTANTES PARA ESPORTISTAS DURANTE O VERÃO

- **Hidratação:** beber muita água regularmente para evitar a desidratação e ajudar a reposição dos eletrólitos perdidos no suor;
- **Alimentação adequada:** manter uma alimentação equilibrada e consumir alimentos ricos em nutrientes e que forneçam energia;
- **Proteção solar:** usar protetor solar adequado como forma de evitar queimaduras solares, principalmente se a atividade física for feita ao ar livre;
- **Vestimentas:** buscar usar roupas e acessórios leves, com proteção solar e priorizar o uso de tênis confortável;
- **Horários adequados:** dar preferência a horários de manhã cedo ou no fim da tarde, quando as temperaturas são mais amenas;

LOS ANGELES

Cinco novas modalidades em 2028

Críquete, beisebol/softbol, squash, flag football *e* lacrosse *passam a ser trabalhados pelo Comitê Olímpico Brasileiro*

A família olímpica brasileira tem novos integrantes. Incluídos no programa dos Jogos Olímpicos Los Angeles 2028, críquete, beisebol/softbol, *squash*, *flag football* e *lacrosse* passam a ter suas entidades brasileiras de administração do desporto fazendo parte do Comitê Olímpico do Brasil (COB), como filiadas.

Nos últimos dois ciclos olímpicos, especialmente, outras confederações também passaram por esse processo. No caminho para os Jogos Olímpicos de Tóquio, chegaram ao movimento olímpico brasileiro as confederações de *skateboarding* (CBSK), surfe (CBS), escalada esportiva (ABEE), além da CBK (caratê) e da CBBS (beisebol e softbol), que voltaram ao *status* de vinculadas quando os respectivos esportes deixaram o programa olímpico.

No caminho para Paris, a partir de 2022, a Confederação Nacional de Dança Desportiva (CNDD), entidade de administração do *breaking* no Brasil, também se tornou uma confederação olímpica.

Agora, passam por esse processo a Cricket Brasil, a CBFA (futebol americano) e a Brasil Lacrosse, além da CBS (do *squash*) e a CBBS, que, de vinculadas, passam a ser filiadas. Todas terão, assim que regularizadas, por exemplo, direito a voto na assembleia do COB.

Das cinco novas modalidades olímpicas, três estão de volta. Uma, depois de 128 anos. Oficialmente, o críquete foi disputado nos Jogos de Paris 1900, o que até os próprios atletas só descobriram anos depois.

É que quatro países se inscreveram, mas Bélgica e Holanda desistiram. Dois clubes, um da Inglaterra e outro de ingleses que moravam em Paris, enfrentaram-se em um duelo de dois dias que terminou com medalhas de prata no peito dos ingleses e de bronze com os "franceses". Ninguém ganhou ouro.

Foto: Divulgação/COB

O críquete é um desporto que utiliza bola e tacos, cuja origem remonta ao sul da Inglaterra, durante o ano de 1566, e é bem semelhante ao beisebol

Como os Jogos Olímpicos ocorreram junto da Feira Mundial e o jogo teve só dois dias, os times entenderam que estavam jogando só um amistoso de menor importância, como exibição da Feira. Só anos depois é que o jogo passou a ser tratado como uma final olímpica. Para fins estatísticos, a Grã-Bretanha foi ouro.

Agora, o críquete entra de forma inconteste no programa olímpico, em uma versão chamada Twenty20, que tem dois *innings* de cerca de 90 minutos e um jogo completo durando entre três e quatro horas. É bem menos do que na versão jogada no popular Mundial da modalidade, cujos jogos começam depois do almoço e só terminam tarde da noite.

O futebol americano também encurtou seu jogo tradicional para entrar no programa olímpico. Em Los Angeles, será jogada a versão *flag football*, que tem campo reduzido e sete jogadores de cada lado. Os tradicionais choques físicos entre os adversários são substituídos por bandeirinhas que ficam penduradas nas cinturas (daí o '*flag*').

O beisebol e o softbol, esportes complementares entre si, voltam na versão habitual, com torneio masculino de beisebol e feminino de softbol. O beisebol já havia sido esporte de exibição em 11 edições até 1988, fazendo parte do programa, junto do softbol, em 1992, 1996, 2000, 2004, 2008, e novamente 2020.

O *lacrosse* volta ao programa olímpico no país onde é mais popular. Criado pelos povos originários da América do Norte, especialmente da costa leste dos EUA e do Canadá, o lacrosse teve três partidas nos Jogos de 1904 e 1908 e agora retorna em Los Angeles.

O esporte é semelhante ao hóquei sobre a grama, com a importante diferença de a bola ser conduzida a partir de um taco que tem uma rede na ponta. O objetivo é fazer gol. Em Los Angeles 2024, o *lacrosse* será na versão *sixes*, com seis jogadores em um campo reduzido, o que torna o jogo mais dinâmico também.

Já a quinta modalidade novata é a única que não é coletiva: o *squash*, já disputado nos Jogos Pan-Americanos. O esporte é jogado com raquetes, mas, diferente do tênis ou do tênis de mesa, não há uma rede no meio. Os adversários jogam diante de uma mesma parede e pontoam quando a bola toca duas vezes no solo antes de o rival alcançá-la.

Há ainda outras novidades nos Jogos Olímpicos, como a corrida de obstáculos, que passa a ser uma prova do pentatlo moderno, substituindo o hipismo.

No remo, em Los Angeles, pela primeira vez, será disputada a prova de praia, o costal. A prova é disputada em um circuito em um confronto direto entre dois atletas.

MEETING PARALÍMPICO

Disputas em 2025 serão realizadas em todos os estados do Brasil

O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) volta a realizar competições esportivas em todas as unidades federativas brasileiras neste ano de 2025. As disputas farão parte do Meeting Paralímpico Loterias Caixa, um dos destaques no calendário nacional do ano. O evento, assim como em 2024, vai levar competições de alto rendimento e provas para estudantes e ex-agentes das Forças de Segurança e será realizado em todos os 26 estados e no Distrito Federal.

A temporada do Meeting Paralímpico Loterias Caixa começa em Porto Alegre (RS) e Rio Branco (AC), no dia 5 de abril, e se encerra em São Paulo (SP), de 15 a 17 de agosto. O de João Pessoa será realizado no dia 7 de junho, na Vila Olímpica Parahyba.

No ano passado, o Meeting Paralímpico percorreu mais de 38 mil km pelo país, com a participação de 3.148 atletas em disputas de alto rendimento e outros 3.267 em competições escolares, universitárias, militares e intercentros (entre alunos dos Centros de Referência do CPB, com idades de sete a 10 anos).

Antes do Meeting, o primeiro evento promovido pelo CPB será o Camping Escolar Paralímpico, no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo, de 26 de janeiro a 1º de fevereiro. O Camping reúne no CT os jovens atletas que se destacaram nas Paralimpíadas Escolares para vivenciar a rotina de esportistas de alto rendimento por uma semana.

O CT também recebe no primeiro semestre deste ano competições de modalidades administradas pelo CPB, começando com a Primeira Fase Nacional do Circuito Loterias Caixa de halterofilismo, em março, e de atletismo, em maio. No mês seguinte, será a vez do Open Internacional Loterias Caixa de atletismo.

O segundo semestre contará com duas edições do Festival Paralímpico Loterias Caixa, que tem por objetivo apresentar, de forma lúdica, o esporte paralímpico para crianças com e sem deficiência. O evento, realizado simultaneamente em todas as regiões do país, acontecerá nos dias 20 de setembro e 13 de dezembro.

Também no fim do ano, haverá a etapa nacional das Paralimpíadas Escolares, no CT, de 16 a 29 de novembro.

Foto: Alessandra Cabral/CPB

Prova de natação no Meeting Paralímpico, que, em João Pessoa, será realizado no dia 7 de junho, na Vila Olímpica Parahyba

COPA DE 2026

Ano reserva vagas para 39 seleções

Nova Zelândia pode ser a primeira equipe a confirmar presença no Mundial, junto aos três países anfitriões

O ano de 2025 vai garantir a alegria de torcedores de vários continentes à medida que as eliminatórias para a Copa do Mundo da Fifa 2026 se afunilam. Qual será a primeira seleção a confirmar sua presença no torneio? Ao longo dos próximos 12 meses, a Copa do Mundo da Fifa 2026 vai simplesmente conhecer mais 39 de suas seleções participantes. Sim, o ano de 2025 terá uma corrida intensa rumo ao torneio, que será jogado na América do Norte. Uma corrida com pontos de partida espalhados por todos os continentes do planeta.

Desde 1º de março de 2023, os países-sede da competição, ou seja, Canadá, Estados Unidos e México, são as únicas seleções garantidas na disputa do Mundial, mas essa exclusividade está prestes a acabar. Uma grande pergunta paira, então, sobre os torcedores do mundo inteiro: qual será a primeira seleção a carimbar seu passaporte para a maior Copa do Mundo de todos os tempos? Será uma equipe da Oceania? Ou a Argentina na América do Sul? O Japão? Neste início de 2025, a Fifa destaca os candidatos mais promissores e explora o cenário apresentado em cada uma das seis confederações.

OFC: 24 de março é o dia

De todas as confederações, a OFC é a que está mais avançada nas eliminatórias, restando apenas três partidas a serem disputadas, com quatro seleções ainda na corrida. Assim, aconteça o que acontecer, conheceremos o nome de um classificado para a próxima Copa no próximo dia 24 de março, após a rodada final. Nesse caso, trata-se de uma final, um jogo eliminatório que que colocará frente a frente o vencedor do duelo 100% francófono Nova Caledônia x Taiti contra o vencedor da partida Nova Zelândia x Fiji. Ambos os jogos preliminares estão programados para o dia 21 de março.

Dada a superioridade que demonstra há muitos anos entre as seleções da OFC, a Nova Zelândia será a grande favorita nessa fase final de classificação e aparece, portanto, como uma forte candidata a se tornar a primeira seleção a se juntar aos países anfitriões no maior torneio de todos os tempos. No entanto, no futebol, nunca podemos descartar as surpresas. E ainda existe uma possibilidade de a primeira seleção classificada para a Copa de 2026 via eliminatórias sair de um continente não muito distante da Oceania.

Japão é favorito

Outra confederação bem avançada em suas eliminatórias é a AFC, que está em sua terceira fase. As 18 seleções asiáticas ainda na disputa foram divididas em três grupos de seis. As duas primeiras seleções de cada grupo viajarão para a América do Norte no ano que vem. A quatro jogos do fim, no Grupo C, o Japão desponta como forte candidato a ser o primeiro a se classificar, vindo em uma campanha invicta, com cinco vitórias e um empate. Eles estão a apenas três pontos — ou uma vitória — de sua oitava classificação seguida para uma Copa do Mundo.

Se os Samurais Azuis vencerem o Bahrein, quinto na classificação do grupo, em casa, eles já estarão classificados no dia 20 de março de 2025. Portanto, encontram-se em uma boa posição para se tornarem a primeira seleção a se juntar aos anfitriões. Caso isso não aconteça no dia 20, uma nova oportunidade será oferecida a eles no dia 25 de março, data na qual a República da Coreia (Coreia do Sul), o Irã, o Uzbequistão e talvez até mesmo o Iraque poderão garantir seus lugares no voo para a América do Norte, em função de diferentes resultados.

Argentina muito perto

Jogando a todo vapor nas eliminatórias sul-americanas, a campeã do mundo Argentina só não defenderá seu título em 2026 se acontecer alguma espécie de catástrofe. Lionel Messi e companheiros estão muito à frente na classificação que reúne 10 seleções. Após 12 rodadas, restando seis, eles têm cinco pontos a mais do que o segundo colocado, o Uruguai.

Os seis primeiros garantem vaga direta no Mundial. Então, na verdade, é a vantagem da Albiceleste sobre o sétimo colocado (atualmente a Bolívia) que deve ser observada. E, a seis partidas do fim das classificatórias, a diferença é de 12 pontos. Isso significa que serão necessárias ainda pelo menos duas rodadas para ver a Argentina carimbar seu passaporte para a América do Norte. Sendo assim, os campeões mundiais não poderão se classificar diante do próximo adversário, o Uruguai (em data ainda a ser determinada pela Conmebol), mas, caso vençam a Celeste, poderão garantir a classificação direta em casa simplesmente contra... o Brasil, no finzinho de março.

Fotos: Divulgação/Fifa

Nas Eliminatórias Sul-Americanas, Martinez e Messi comandam a Argentina, que segue na liderança com 25 pontos

Lamine Yamal é um dos trunfos da Espanha para carimbar a vaga para mais uma Copa do Mundo pelas Eliminatórias

Se os Samurais Azuis vencerem o Bahrein, em casa, já estarão classificados em 20 de março

pelo menos até a janela internacional de junho para conhecermos os primeiros representantes do continente na próxima Copa do Mundo. No momento, Egito, Marrocos, Tunísia e o surpreendente Sudão são as únicas equipes a terem conseguido uma diferença de pelo menos dois pontos de vantagem em seus grupos — o primeiro colocado de cada um dos nove grupos se classifica diretamente para o Mundial. Esses dois pontos, no entanto, não são suficientes para garantir uma vaga, e tudo poderá mudar no próximo mês de março.

Concacaf

As equipes da Concacaf só voltarão a disputar as eliminatórias no próximo mês de junho; sendo assim, nenhuma seleção da região poderá reivindicar a posição de primeira seleção classificada. Por ora, apenas Honduras, Suriname e Costa Rica conquistaram pelo menos dois pontos a mais em seus respectivos grupos.

CAF, Concacaf, Uefa

Apenas a OFC, a AFC e a Conmebol estão aptas a revelar suas equipes oficialmente classificadas já a partir do próximo mês de março. Para as outras confederações, será preciso um pouco mais de paciência.

África

Depois de uma pausa de nove meses, as eliminatórias africanas retornarão em março. Será preciso aguardar mente pelo fato de que a Uefa é a última confederação a iniciar suas classificatórias. O sorteio dos grupos aconteceu em dezembro, e os primeiros classificados do Velho Continente não serão conhecidos antes da janela internacional de setembro de 2025, pelo menos. E quem serão os últimos classificados? Ao fim do ano de 2025, conheceremos 42 dos 48 participantes do próximo Mundial.

Restarão então duas etapas classificatórias. De um lado, será realizado Torneio de Repescagem da Copa do Mundo da Fifa 2026, o qual reunirá as equipes de cinco das seis confederações: uma da OFC, uma da AFC, uma da Conmebol, uma da CAF e duas da Concacaf. Ao fim desse torneio, duas equipes garantem vaga no Mundial.

Por fim, restará a repescagem específica da Uefa, que envolverá 16 seleções lutando pelas últimas quatro vagas europeias em disputa.

Distribuição de vagas

Pela primeira vez, a Copa do Mundo contará com a participação de 48 seleções, 12 a mais que nas últimas sete edições do torneio. A distribuição de vagas por confederações continentais foi definida da seguinte forma:

AFC (Ásia): 8 vagas diretas + 1 para repescagem intercontinental.

CAF (África): 9 vagas diretas + 1 para repescagem intercontinental.

Concacaf (Américas do Norte e Central e Caribe): 6 vagas diretas + 2 para repescagem.

Conmebol (América do Sul): 6 vagas diretas + 1 para repescagem intercontinental.

OFC (Oceania): 1 vaga direta + 1 para repescagem intercontinental.

Uefa (Europa): 16 vagas.

PARAIBANO 2025

Botafogo-PB estreia contra o Nacional

Mais dois jogos acontecem neste domingo: Treze x Auto Esporte, no Amigão; e Pombal x Esporte, em Patos

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Foto: Cristiano Santos/Botafogo-PB

Depois da eliminação na Copa do Nordeste, jogadores do Botafogo-PB trabalharam intensivamente para ter uma grande estreia no Campeonato Paraibano

O Botafogo-PB recebe, hoje, o Nacional de Patos no Almeidão, às 16h. A partida marca a estreia das duas equipes no Campeonato Paraibano 2025. Neste ano, o Belo busca quebrar um jejum de cinco anos sem levantar o troféu de campeão estadual; sua última conquista ocorreu em 2019. Será o 48º confronto entre os clubes, considerando somente jogos oficiais.

Conforme o *site* ogol.com.br, foram disputados 47 jogos oficiais entre Botafogo-PB e Nacional. O histórico registra 23 vitórias do Belo, oito empates e 16 triunfos do clube de Patos. Levando em conta apenas as 23 partidas que ocorreram em João Pessoa, são contabilizadas 14 vitórias do Alvinegro, quatro empates e cinco triunfos do Canarinho do Sertão.

Foram disputados 24 jogos na cidade de Patos, sendo registradas nove vitórias do Botafogo-PB-PB, quatro empates e 11 triunfos do Nacional. Pelo Campeonato Paraibano, os dois times estiveram frente a frente em 45 oportunidades. Nos últimos três encontros, o Belo saiu vencedor; no torneio de 2024, o confronto teve o resultado de 2 a 0 para o time pessoense.

Ingressos

O torcedor que deseja comprar ingressos para o jogo desta tarde pode encontrar entradas com valores entre R$ 15 e R$ 120. No setor Sol, o ingresso custa R$ 15, a meia-entrada, e R$ 30, a inteira. A entrada no setor Sombra custa R$ 30, a meia, e R$ 60, a inteira. No setor Cadeiras, o ingresso custa R$ 60, a meia-entrada, e R$ 120, a inteira.

Arbitragem

Douglas Magno de Melo Pereira é o árbitro da partida entre Belo e Nacional. Os auxiliares são Rafael Guedes de Lima e Wlademir Cunha Mendes. O quarto árbitro é Dorgival Júnior Ferreira dos Santos. Todos compõem o quadro de arbitragem da Federação Paraibana de Futebol (FPF).

Outros jogos

Hoje, ainda ocorrem mais duas partidas da primeira rodada: Treze e Auto Esporte jogam no Amigão, em Campina Grande, às 16h; e Pombal e Esporte duelam no José Cavalcanti, em Patos, às 17h. Amanhã, Picuiense e Sousa fazem o encerramento da rodada no Amigão, às 20h15.

O Galo e o Macaco Autino farão seu 51º encontro por competições oficiais, conforme registra o *site* ogol.com.br. Nas 50 partidas anteriores, são contabilizadas nove vitórias do Auto Esporte, 15 empates e 26 triunfos do Treze. O último encontro entre os dois times ocorreu em 2023, quando o clube de Campina Grande venceu por 3 a 2, no Amigão. O jogo terá a arbitragem de Ruthyanna Camila Medeiros da Silva. Schumacher Marques Gomes e Paulo Ricardo Alves Fails serão os assistentes. O quarto árbitro é Bruno Monteiro Cunha.

O jogo entre Pombal e Esporte terá Weslley Gabriel Souza Velozo como árbitro. Cássio Emanuel da Rocha Silva e Maria Gabriella Lacerda Sales serão os assistentes. O quarto árbitro será José de Arimateia Freires da Silva. Na noite de amanhã, Josivan Matias Pereira será o responsável pelo apito da partida entre Picuiense e Sousa. Paccelli Thiago de Vasconcelos e Yan de Oliveira Cavalcanti serão os auxiliares. O quarto árbitro é Willian Cácio de Oliveira.

COMANDO DA CBF

Julgamento de Ednaldo Rodrigues pelo STF fica para o dia 14 de março

O Supremo Tribunal Federal (STF) vai retomar o julgamento que define o futuro de Ednaldo Rodrigues na CBF em 14 de março, conforme previsão do gabinete do ministro Flavio Dino, que pediu vistas dos autos em outubro. A Corte julga se mantém ou derruba uma liminar que reconduziu o dirigente ao comando da entidade, em janeiro.

A medida foi expedida por Gilmar Mendes, que foi também o único a votar antes da suspensão do julgamento. A apreciação do caso em Plenário aconteceu apenas na sexta vez em que ele entrou em pauta. O motivo para adiamentos era uma longa fila de outros casos na Corte.

Gilmar Mendes manteve a posição favorável ao mandato de Ednaldo e defendeu que o STF deve proibir a intervenção estatal em questões internas das entidades desportivas, "em particular em relação àquelas veiculadas à autonomeação e ao autogoverno" dessas instituições.

Segundo o ministro, a intervenção deve acontecer apenas quando uma entidade aprovar normas que violem a Constituição ou a legislação; ou em casos de investigação de casos penais e administrativos.

O voto de Gilmar Mendes é crítico à disputa entre Tribunal de Justiça (TJ-RJ) e Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ). Antes da eleição de Ednaldo, o MP-RJ havia questionado mudanças de regras internas da CBF. Quando Ednaldo foi eleito, um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) foi firmado entre entidade e Procuradoria, para conferir estabilidade ao pleito.

Entretanto, em dezembro de 2023, o TJ-RJ julgou a legalidade do TAC e anulou as assembleias da CBF que alteravam o formato da eleição em vigor quando Ednaldo foi eleito. Assim, o presidente foi afastado do cargo, o que gerou preocupação da Conmebol e da Fifa, que chegou a nomear um interventor.

Em um primeiro pedido, feito pelo Partido Social Democrático (PSD), o ministro do STF André Mendonça negou o retorno de Ednaldo ao cargo. Um mês depois, em janeiro de 2024, Gilmar Mendes deferiu liminarmente uma solicitação do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) para reconduzir Ednaldo à presidência da CBF, após a Procuradoria-Geral da República (PGR) e a Advocacia-Geral da União (AGU) publicarem pareceres favoráveis à suspensão da decisão judicial que o afastou.

O pedido de vistas do ministro Flavio Dino foi feito diante da complexidade do caso. "Realmente muito confuso. Uma ação civil pública de 2017, uma sentença, um TAC [Termo de Ajustamento de Conduta], uma apelação de 2023, o que remete ao primeiro problema, a validade e eficácia da decisão do TJ do Rio de Janeiro", justificou.

Estatuto modificado

Enquanto o julgamento não é retomado, a política nos bastidores da CBF continua. Recentemente, foi aprovada uma alteração do estatuto da entidade, garantindo que presidentes da confederação poderão se reeleger duas vezes, mantendo-se no cargo por três mandatos consecutivos. A regra que vigorava até então permitia que apenas dois mandatos seguidos fossem cumpridos, com somente uma reeleição.

A decisão foi aprovada por unanimidade pelas federações. A ideia é aproximar o novo estatuto da instituição de outros órgãos reguladores do futebol, como Conmebol e Fifa, que seguem a mesma regra.

Frei Caneca na Paraíba

Duzentos anos após a sua morte, detalhamos parte do itinerário, no estado, da campanha liberal e republicana do revolucionário

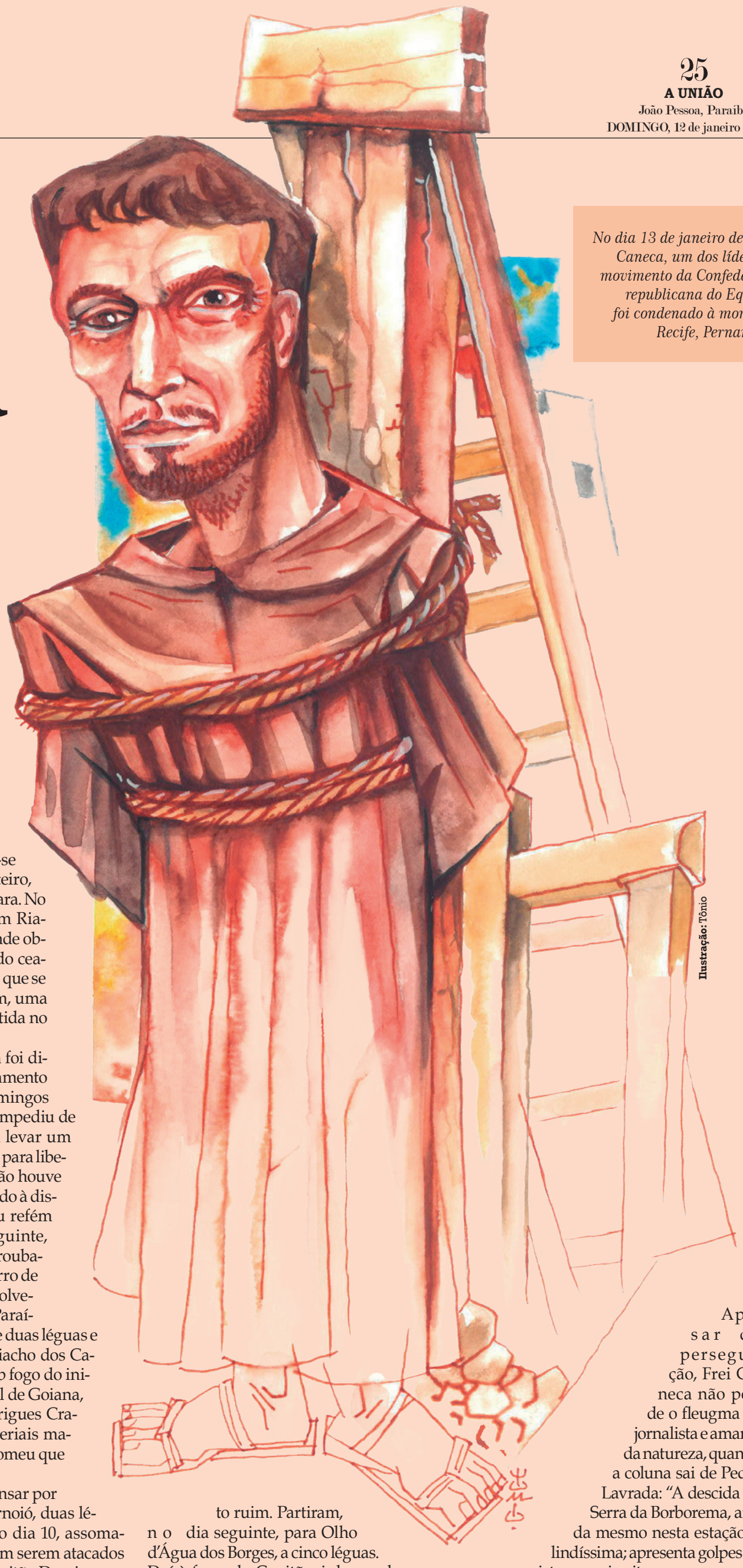


Ilustração: Tônio

No dia 13 de janeiro de 1825, Caneca, um dos líderes do movimento da Confederação republicana do Equador, foi condenado à morte, em Recife, Pernambuco

Josemir Camilo de Melo
Especial para A União

Em 13 de janeiro de 1825, Frei Caneca, um dos líderes do movimento da Confederação republicana do Equador, foi condenado à morte por enforcamento, em Recife (PE). Por recusa dos carrascos, trocaram sua condenação e ele foi arcabuzado (fuzilado, diz-se hoje). O que a Paraíba tem a ver com Frei Caneca, esse intelectual orgânico, como designou um distante confrade carmelita, Frei Tito Figueroa (*in memoriam*)? Vamos percorrer parte do seu itinerário, no estado, 200 anos depois da sua morte, em sua campanha liberal e republicana.

Em 1824, Caneca criticou duramente o imperador português, D. Pedro, pelo fechamento da Assembleia Constituinte e pela nomeação de um presidente para as províncias, em vez de ser por eleições, como vinha sendo para as juntas provinciais. Quando se proclamou a Confederação do Equador, em 2 de julho, no Recife, o imperador mandou uma frota com tropa para invadir e subjugar Pernambuco e as províncias que haviam se rebelado sobre aqueles dois itens políticos. Os republicanos não tiveram forças para resistir à invasão do Recife pelas tropas imperiais. Entre os que compunham o cérebro da revolução estava Frei Caneca, e todos tiveram que deixar o Recife. Caneca dirigiu-se para Goiana, onde esperava encontrar uma tropa paraibana para a resistência.

Os confederados pernambucanos e os paraibanos vieram a se organizar ao sair de Goiana para Limoeiro, sobre a liderança do presidente temporário da Paraíba, o pilarense Félix Antônio Ferreira de Albuquerque. Esse já havia enfrentado as tropas imperiais em Itabaiana, na célebre batalha do Riacho das Pedras, em 24 de maio daquele mesmo ano. Essa batalha foi narrada por Frei Caneca, em seu jornal, *O Typhis Pernambucano*, apenas a uma semana depois de ocorrida. E não foi a primeira vez que a Paraíba era comentada pela pena de Caneca. Em 19 de fevereiro de 1824, o frade polemista elogiou a Paraíba sobre o episódio da expulsão de portugueses da província. Mal sabia ele que, em setembro, seria acolhido pelo jovem presidente Félix Antônio para marchar, sob constantes ataques dos imperiais, até o Ceará, no seio de sua família. Caneca foi aclamado secretário daquele governo, em marcha de tropas pernambucanas e paraibanas.

Essa coluna liberal contava com cerca de três mil pessoas, entre tropas, paisanos e famílias. Saindo da vila de Limoeiro, em Pernambuco, entrou na Paraíba. Começava, aí, em 7 de outubro de 1824, a campanha de embates militares, no modo mais de guerrilhas do que de uma guerra em campo aberto. A campanha desses liberais contra a prepotência ditatorial de D. Pedro teve em Frei Caneca seu correspondente de guerra, por meio do seu texto itinerário.

A entrada dos liberais na Paraíba não se deu por opção, pois, a coluna pretendia chegar ao Ceará indo pelo Pajeú, mas foi rechaçada duramente nas alturas de Limoeiro, em Couro D'Anta. Registra o "jornalista" Caneca o ataque das forças imperiais, que deixou "o governador da Paraíba ferido de chumbo, e não podendo sustentar nas rédeas o cavalo espantado caiu pela ribeira abaixo entre os inimigos", mas teve a sorte de escapar com vida. Daí, fingiram ir em direção a Brejo da Madre de Deus, e desviaram-se em direção à Taquaritinga, percorrendo, em ziguezague, o norte de Pernambuco para despistar os imperiais. Ao deixar o Couro D'Antas, em 2 de outubro, passaram pelo arraial Topada, onde montaram acampamento. No dia seguinte, a três léguas, chegaram a Jaburu para acampar. Em 4 de outubro, depois de três léguas, deslocaram-se a Pedra d'Água do Monteiro, tendo passado por Cajuvara. No dia seguinte, alcançaram Riacho de Santo Antônio, onde obtiveram notícias do aliado cearense, general Filgueiras, que se achava em Umari, porém, uma tropa sua havia sido abatida no Rio do Peixe.

A entrada na Paraíba foi dificultada por um destacamento da gente do capitão Domingos da Costa Romeu, que o impediu de prosseguir, mas aceitou levar um ofício ao seu comandante para liberar a passagem. Como não houve resposta satisfatória devido à distância, o emissário ficou refém dos liberais. No dia seguinte, vendo que tinham sido roubados em dois bois e um carro de artilharia, os liberais resolveram forçar a entrada na Paraíba. Foi quando, depois de duas léguas e meia pernoitaram em Riacho dos Canudos (dia 7), mesmo sob fogo do inimigo que matou o liberal de Goiana, o ajudante Manuel Rodrigues Cravo. Vingaram-se os imperiais matando o emissário dos Romeu que ainda estava refém.

Dali, depois de descansar por um dia, subiram até Carnoió, duas léguas e meia adiante. No dia 10, assomaram ao lugar Gravatá, sem serem atacados pelos Costa Romeu, o capitão Domingos e o sargento-mor Amaro, devido a um trato entre os liberais e os militares caririzeiros que haviam ficado a favor do imperador. Ao deixar passar a tropa liberal, os Romeu exigiram duas mil rações para sua gente. Caneca não registra se os liberais fizeram apenas promessas ou não.

No entanto, ao descrever a paisagem do Cariri, Caneca ironiza seus adversários sobre uma passagem estreita entre duas muralhas de altos penedos, a qual com qualquer pequena força podia-se destroçar um exército de xerifes. Conclui o frade, dizendo que o inimigo não soube aproveitar a vantagem que lhe oferecia a natureza, o que era uma prova de sua estupidez. Contudo, a paz ficou ameaçada com ataques de Amaro da Costa Romeu, o que obrigou a coluna a mudar seu traçado. É que os liberais haviam matado um paisano que estava seduzindo os soldados para as tropas dos Romeu. Ao sair de Carnoió, que pertencia ao português João de Oliveira Ramos, os liberais queimaram a casa. Mas, ao chegarem a Cabaceiras, encontraram a cidade totalmente destruída, pois os imperiais não queriam deixar abrigo algum aos liberais. Não podendo pernoitar, seguiram em frente até a fazenda Bom Jesus, de José Pereira de Castro, que Caneca registrou como "homem o pior que nesta digressão temos encontrado, somítico e miserável".

De lá, foram acampar em Curral do Meio, de José da Costa Romeu, o que mostra que nem todos os Romeu estavam do mesmo lado. Em 15 de outubro, alcançaram a Caifás, a três léguas de Santa Anna. Foi onde Caneca registrou carestia de gêneros devido à seca. Daí, seguiram para Timbaúba (do Gurjão?), légua e meia de jornada pelo Sertão, encontrando a água lamosa e de gosto ruim. Partiram, no dia seguinte, para Olho d'Água dos Borges, a cinco léguas. Daí à fazenda Capitãozinho, onde prenderam e fuzilaram o português Manuel José de Almeida, que havia dado 100 mil réis em apoio às tropas imperiais.

Desse ponto, a tropa teve que deixar a estrada geral que ia de Campina Grande a Umbuzeiro, tomando à direita, buscando uma serra, onde encontraram boa água e, no dia 18, foram jantar em Ana de Oliveira e dormir na fazenda Caiana. Novamente, encontraram a água lodosa. Em 19, se passaram para Lagamar, a duas léguas de distância, onde encontraram água pouca e fétida. Registra que essa jornada ele fez a pé. Daí, foram pernoitar na fazenda Santo Antônio, a duas léguas da estrada geral do Seridó. Elogia a qualidade da água do riacho que ainda existia em cacimbas e fala do ar que é "assaz quente". No dia 20, foram para Pedra Lavrada, a três léguas, que tem uma igreja e um açude, atravessando o riacho do Tamanduateí. Depois, se adiantaram para Malacacheta, a quatro léguas, onde foram atacados por gente do capitão Romeu, que mataram dois dos liberais e tomaram seis cargas, quatro das quais eram do presidente Félix Antônio. Em revés, os liberais mataram três homens dos imperiais. Em seguida, os liberais prenderam o comandante de Malacacheta, Manuel Rodrigues, ao encontrarem uma carta detalhando a reação imperial e seus prontos estratégicos, como Santa Luzia e Rio do Peixe. Foi em Pedra Lavrada que ocorreu o maior embate armado naquela jornada, de um lado uma tropa imperial de 200 homens e "um grande número de mulatos". O batalhão liberal que estava de prontidão em Pedra Lavrada resistiu a quatro ataques dos imperiais, no entanto, perdeu um sargento, a quem Caneca não dá o nome.

Apesar da perseguição, Frei Caneca não perde o fleugma de jornalista e amante da natureza, quando a coluna sai de Pedra Lavrada: "A descida da Serra da Borborema, ainda mesmo nesta estação, é lindíssima; apresenta golpes de vista os mais pitorescos e capazes de encantar os olhos do viajante". A marcha dirigiu-se para a Fazenda das Almas, a duas léguas, onde dormiram. No dia 23, encaminharam-se à povoação de Conceição, a três léguas, onde compraram farinha, feijão milho, aguardente e queijo.

Foram acampar no lugar São João, já no Rio Grande do Norte e, em 26, a tropa foi bem acolhida, apesar de o comando da vila ser imperial. É quando o frade pacificador toma lugar de jornalista: "Aqui, depois e fazermos oração e postarem-se as tropas, deram-se vivas à religião, à grande nação brasileira, ao imperador constitucional e liberal (sic) e ao povo liberal da vila de Caicó, e deu-se uma salva de artilharia de sete tiros". Registra que o capitão Manuel de Medeiros Rocha, o cunhado de Félix Antônio, os recebeu bem e que a coluna, aí, demorou-se até o dia 2 de novembro, consertando peças e fazendo munição de boca.

Sem apoio de homens, armas e alimentos, em 29 de novembro, houve a capitulação dos confederados na fazenda Juiz, no Ceará. Felix Antônio, achando-se completamente cercado e com a notícia da morte do presidente cearense, Tristão de Alencar Araripe, entregou-se ao major Bento José Lamenha Lins, comandante das forças imperiais de Pernambuco. As tratativas foram feitas com participação de Frei Caneca, conforme ele diz em sua defesa. Os presos foram remetidos para Pernambuco.

Na passagem por Campina Grande, Caneca elogiou o comportamento dos seus visitantes locais, quando pernoitou na cadeia da vila. Hoje, o Museu Histórico de Campina Grande guarda o lugar da cela em que ficou detido Frei Caneca, na noite de 12 dezembro de 1824.

Joaquim Martins Neto

Um craque do jornalismo esportivo da Paraíba

Ilustração: Tônio

Além de redator e comentarista em rádios como a Tabajara e a Arapuan, o paraibano se dedicou à pesquisa e à organização do futebol no estado

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Para além das técnicas e habilidades na escrita jornalística, muitos profissionais possuem a capacidade de tornar a Redação um ambiente de trabalho bem mais descontraído, quebrando a tensão imposta pelas rotinas produtivas e o *deadline* (hora do fechamento) do jornal. Martins Neto, o Quati, soube dosar essas competências no rádio e no jornalismo impresso.

Joaquim Martins Neto nasceu em 31 de julho de 1940, em São Gonçalo, distrito de Sousa, no Sertão paraibano, mas seus pais, Severino José Martins e Maria Francisca Martins, mudaram-se com os filhos, quando ele ainda era criança, para João Pessoa, onde cresceu e fez seus estudos. Os relatos são de que, ainda na juventude, gostava de recolher os jornais e revistas da casa do irmão mais velho, José Martins, para fazer uma espécie de *clipping*, recortando as matérias de seu interesse e colando-as num caderno.

O jornalista Sílvio Osias lembra-se bem desse hábito cultivado por Joaquim porque suas famílias eram vizinhas, com as casas uma em frente à outra, na Avenida Conceição, no bairro de Jaguaribe. Além das brincadeiras com cinema feito de caixa de papelão, Sílvio recorda da coleção de recortes do jovem jornalista, chamado de Quati pelos colegas em razão da aparência, e a influência que aquele trabalho acabou exercendo na sua profissão. "Quati recortava fotografias de jornal e, sobretudo, de atrizes famosas do cinema das revistas dos anos 1960; e as colava em um álbum. Eu era criança e ficava encantado com aquilo. Só depois percebi que ali eu já começava a me interessar por essa coisa de cinema, que acabou me conduzindo para o jornalismo cultural. Eu lamento porque não tive a oportunidade de dizer isso a ele", confessa Osias.

Os primeiros escritos eram datilografados numa máquina de escrever alugada pela mãe, porque não dispunham do equipamento em casa. Segundo informações da família, Martins Neto começou no rádio e só depois migrou para o jornal impresso. Na Rádio Arapuan, trabalhou com Bernardo Filho na década de 1960: "Martins sempre escreveu para rádio, mas não gostava de microfone. Sua grande virtude era ser um amigo fiel, descontraído. Quando chegava na Redação era uma festa. Naquela época, ele, eu e outros amigos, como Ivan Bezerra, saíamos pelas noites e sempre era uma farra sadia; muitas vezes, pelo interior da Paraíba". Na Rádio Tabajara, trabalhou como redator do noticiário do futebol paraibano com o narrador esportivo Eudes Toscano.

O jornalista Agnaldo Almeida escreveu, em crônica para **A União**, como o companheiro de Redação, responsável pela editoria de esportes, era capaz de dosar habilidade técnica, avaliando o desempenho dos jogadores, com o bom humor, característico de sua personalidade. "Não havia tempo ruim para Quati — era assim que o chamávamos. (...) Irradiando alegria, tinha o costume de cumprimentar as pessoas, fazendo rimas com os nomes delas. '— Agnaldo, vamos tomar um caldo! — Assis, me empresta aí esse giz. — Coelhinho, me dá só um pedacinho'. Foi no seu tempo de editor de esportes que decidimos criar a edição colorida das segundas-feiras, com ênfase, claro, nos noticiários esportivo e policial do fim de semana", ressaltou o companheiro, falecido em fevereiro do ano passado.

Geraldo Varela, atual editor de *Esportes* de **A União**, recorda que iniciou no periódico sob a orientação do Quati. "Desfrutar das conversas de Martins Neto não tinha coisa melhor. Ele sempre nos fazia rir ao contar velhas histórias, sempre tendo Ivan Bezerra como testemunha. Amigo de todas as horas, tive o privilégio de trabalhar como seu auxiliar no Jornal **A União** e, mais tarde, na Federação Paraibana de Futebol, onde ocupou, inicialmente, o cargo de relações públicas e depois de diretor técnico. Uma pessoa leal e extremante fiel, um contemporizador", destacou.

Parceiro de trabalho em **A União**, mas também em *O Norte* e no *Correio da Paraíba*, o jornalista Franco Ferreira relata que publicaram, pela Federação Paraibana de Futebol, revistas comemorativas de aniversários de times paraibanos como Treze, Botafogo-PB, Auto Esporte ou quando eles conquistavam títulos. "Martins Neto me ajudou bastante na época que eu estava praticamente começando na imprensa esportiva. Ele foi uma pessoa muito importante na minha carreira, mas foi também um dos maiores cronistas esportivos da Paraíba. No texto, ele era um gigante", frisou o companheiro de profissão.

O jornalista esportivo Marcondes Brito conta que, quando chegou na Redação de *O Norte*, em 1974, foi Martins Neto que o guiou, como editor de esportes do veículo, em seus primeiros passos na imprensa. "Ele foi o meu primeiro editor na mídia impressa e foi um cara com quem eu aprendi muito, porque ele era uma pessoa superantenada com tudo que estava acontecendo, não só no futebol, como em todos os esportes. A gente vai acumulando esse tipo de sabedoria que um editor experiente como ele ia ensinando", relembra.

Profissional com passagens por importantes redações esportivas nacionais, Brito recorda que tudo começou graças a uma "mãozinha" de Martins Neto. "Ele era correspondente da revista *Placar*, na Paraíba, e, como o campeonato brasileiro crescia e tinha muitos times de João Pessoa e de Campina Grande, a revista pediu que Martins indicasse alguém para ser o correspondente de Campina Grande. Ele deu um jeitinho e, em vez de chamar alguém de Campina Grande, me escalou para ser o correspondente de Campina Grande, embora eu morasse em João Pessoa", relata, referindo-se a Martins Neto como professor e craque do jornalismo esportivo da Paraíba.

Quati trabalhou ainda em *O Momento*, periódico fundado pelo combativo jornalista Jório Machado e que circulou semanalmente durante as décadas de 1970 e 1980. Muitos foram os episódios hilários que ficaram marcados na memória de muitos colegas. Um deles diz respeito à chegada dos computadores às redações, na década de 1990. Acostumado com a máquina de datilografia, os percalços para adaptar-se ao novo equipamento não foram poucos. Um dos causos antológicos foi descrito pelo jornalista Fernando Moura, em entrevista para o projeto *Memórias* **A União**: "O Quati ainda estava n'*O Norte* e estava fazendo uma matéria e saiu para resolver alguma coisa. Quando voltou, a matéria não estava mais lá. Ele bateu em alguma parte do teclado e desapareceu. Ele pegava o computador e ficava brigando, dizendo: 'Computador, eu sou um homem doente, me ajude pelo amor de Deus!'".

Além de redator e comentarista do esporte, Martins Neto dedicou-se, com afinco, à pesquisa e à organização do futebol, atuando até seus últimos dias na Federação Paraibana de Futebol (FPF). Muitos foram os dirigentes de clubes futebolísticos que, por ocasião de sua morte, lamentaram sua partida e destacaram a contribuição dele para o desporto paraibano. "Ele era um homem firme, de decisões, sempre buscando o melhor para o futebol. Vivia 24 horas preocupado com o desporto da Paraíba. Um cidadão humilde, simples; calmo, amigo e sempre apaziguador", declarou o então presidente do Treze, Olavo Rodrigues.

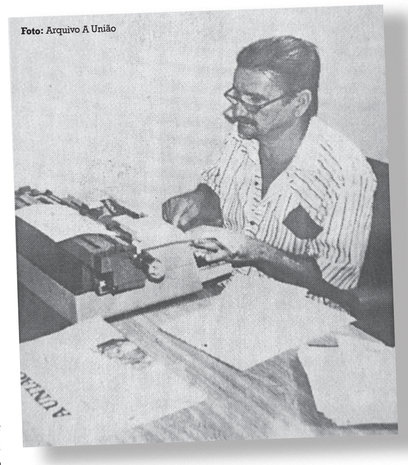


Foto: Arquivo A União

No batente do jornalismo impresso, Martins Neto — apelidado de Quati — passou por periódicos como O Norte, O Momento, Correio da Paraíba e A União (foto ao lado)

O projeto de Martins Neto era recuperar a história do futebol na Paraíba, dando continuidade à obra de Valfredo Marques, de 1975. Considerava que somente com a criação da Liga Desportiva Parahybana, em 1919, o futebol no estado teve sua primeira entidade oficial, que foi transformada em federação na década de 1940. Até hoje, a relação dos campeões adotada pela FPF tem por base a pesquisa de Martins Neto, apesar da controversa atitude de alguns clubes se autoproclamarem vencedores em determinados anos.

Sheila Martins, filha de Martins Neto, recorda que aprendeu muitas lições com o pai quando precisou divulgar os seus trabalhos como diretora de produção e assessora de imprensa. "A realidade é que tudo começou por meio do meu saudoso pai, jornalista e editor Martins Neto. Papai me ensinou a escrever o meu primeiro texto para divulgar na imprensa paraibana. Da máquina de datilografia para o computador. Cada instrução era uma realização. Passei um bom tempo visitando as redações que me deram grandes amigos", relatou. A outra filha, Shirley Martins, também enveredou pela Comunicação Social: cursou a habilitação em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, atualmente, é professora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Joaquim Martins Neto morreu no dia 6 de dezembro de 1999, vítima de infarto. Segundo a filha, Sheila, o pai teria concluído o livro sobre a história do futebol na Paraíba dias antes de seu falecimento, mas a obra não chegou a ser publicada, porque ficou sob poder da segunda esposa e até hoje permanece desconhecida.

Fábio Mozart*

mozartpe@gmail.com

Primeiro livro do ano

O enxadeco de juá foi o primeiro livro que li em 2025. Novela assinada pelo meu confrade, Wolhfagon Costa, de Solânea, no Brejo paraibano, com 110 páginas lidas em menos de duas horas. Quando você devora um livro de um fôlego só, como se diz, é sinal de que o produto é opulento e substancioso. Estilo seco, direto, sem firulas, conta a história de um pai assassinado e o desejo de vingança do filho. "A novela apresenta realidade dos que labutam a terra naquelas paragens, Sertão paraibano na divisa com os três estados: Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará", explica o autor na apresentação.

Para se escrever uma boa novela ou um bom romance, não basta entender de redação criativa e ter um bom enredo. Há que se introduzir, no processo de criação, uma pitada daquela coisa que está no subconsciente e interfere nos domínios da inteligência, suficiente para dar originalidade a um livro que, afinal, não é uma coisa morta. Existe em toda boa obra literária um poder de vida que cativa o leitor.

Estou aqui, nesse começo de ano, para confessar, na maior sinceridade, que comecei a ler *O enxadeco de juá* com um pé atrás, aquele pé que ainda não conseguiu se libertar de velhos complexos coloniais a partir da elitização do saber. Escritor novato, vindo do interior do Nordeste, aventurando-se na seara complexa da ficção, já carrega certo estigma no campo intelectual. De certa forma, dita-se um padrão de gosto compartilhado por essa elite que marginaliza, por exemplo, a poesia popular, arte destacada na novela de Wolhfagon Costa. Intelectuais orgânicos do Sistema dizem o que é bom ou ruim em termos artísticos, tomando como base seus próprios parâmetros. Depois de 20 páginas lidas, ao entrar no universo de Valdemar Cazé, o Demar de Zuca Cazé, Belizio Ayres, Zeca Flor, Joana Maria, Antonio Gago e Zezé do Caminhão, o leitor é cooptado pelo discurso narrativo. O autor está no controle, ainda que dentro do padrão estético condizente com o sistema institucionalizado da criação literária. Ele não tensiona estruturalmente sua narrativa, não se permite a presunção da liberdade de criar novas formas de dizer as coisas, vide Guimarães Rosa. Apenas conta uma história que ouviu numa bodega, guardou na memória e reproduz com seus arranjos literários. O livro exercendo sua função prática de entreter, sem a idiotização da cultura de massa.

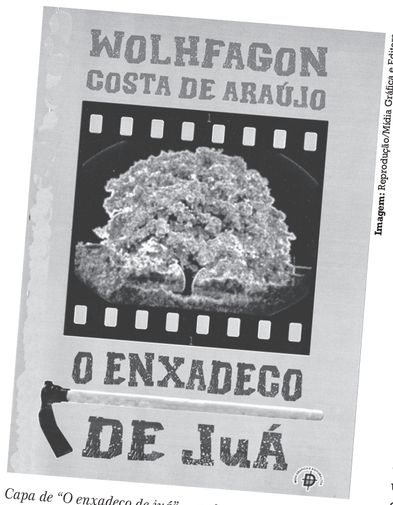


Imagem: Reprodução/Mídia Gráfica e Editora

Capa de "O enxadeco de juá", novela de Wolhfagon Costa

Na cidade de Solânea, terra de Wolhfagon Costa, o que não falta é escritor. Um deles é José Francisco de Araújo, que já escreveu mais de 100 livros, de teatro, contos e literatura infantil. Zui, como é mais conhecido, prepara o lançamento de nova obra. Ele tem uma loja onde expõe a produção dos escritores locais. Como sou morador da cidade, tenho reservado um lugar nas prateleiras da livraria do Zui. O profuso escritor não envereda pelos caminhos da poesia. Não consta, entretanto, que partilhe da imagem que tem o pensador americano H. L. Mencken sobre quem escreve poesia: "Um poeta adulto é apenas um indivíduo em estado de retardamento mental — em suma, um mentecapto. Um homem de 50 anos que escreve poesia é um bufão que finge ser aquilo que não é".

Escrever copiosamente, publicar três ou quatro livros por ano, devotar-se diariamente ao ofício da literatura, sendo editor, revisor e divulgador dos seus livros, não é tarefa de um homem comum. Zui tem pouco reconhecimento público. No Brasil, o escritor José Carlos Ryoki de Alpoim Inoue tem 78 anos e já escreveu mais de mil livros de bolso, aqueles livrinhos de faroeste que vendiam em bancas de jornais. Foi premiado pelo Guiness Book of Records como o escritor mais prolífico do mundo. Ryoki escrevia um livro em apenas um dia. Zui, no entanto, dá volume aos seus escritos. Ele tem livros com mais de 500 páginas. José Carlos Ryoki escrevia brochuras de faroeste. Vendia milhares de cópias. Um dia, aventurou-se no mundo do romance e escreveu *Vencendo o desafio de escrever um romance*. Foi um fracasso de vendas. Voltou aos livrinhos de bolso em escala industrial.

Naturalmente, os livros dos autores de Solânea estão em local privilegiado na Biblioteca Pública Padre José Fidélis, de onde sou cliente. Nos quatro anos que frequento essa biblioteca, só encontrei presumíveis leitores uma só vez. Quatro rapazes sentados nas mesas, olhando seus respectivos celulares, sem nenhum livro por perto!

■■■■

(*) Excepcionalmente nesta edição não teremos a coluna de Angélica Lúcio, que retornará no próximo domingo.

Tocando em Frente

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os instrumentistas da MPB — XIX
A saga dos Gonzaga — parte 2

Foi na Rádio Tamoio, sob a direção de Fernando Lobo, pai do futuro compositor Edu Lobo, que Luiz Gonzaga tentou enveredar pela ala de cantor, substituindo intérpretes faltosos, no que foi vetado por aquele e demitido da emissora. Anos mais tarde, o próprio Fernando se diria arrependido, afirmando que tinha sido levado a essa decisão por "arroubos de juventude e incapacidade de ser flexível".

Do repertório de Luiz Gonzaga, entre 1941 e 1945, consta um total de 32 rpm, com duas músicas cada um, um total de 64 fonogramas, com apenas quatro tendo-o como intérprete vocal. Foi nessa fase que a imprensa especializada o considerou "especialista como solista de acordeão, tocando sucessos da época", já com a sua sanfona Todeschini branca, de 180 baixos. "Era baixo demais!", como costumava dizer. A primeira música, como cantor, data de 1945, pela RCA, uma mazurca — um estilo de dança de origem polonesa que foi incorporada ao folclore brasileiro — "Dança, Mariquinha", que recebeu letra de Manuel Lima e alcançou o tão aguardado sucesso nacional. É dessa fase a gravação da amiga Carmen Costa para o sucesso dele "Vira e Mexe" que, ganhando letra de Miguel Lima, foi rebatizada de "Xamego" e virou ritmo com o mesmo nome. Daí em diante, Gonzaga começou a alternar instrumento e voz e, ainda em parceria com Miguel Lima e J. Portela, gravou a mazurca "Cortando o Pano" e, com J. Portela, o baião "Calango da Lacraia".

Decidido a se fazer cantor, buscou um amigo (Lauro Teles) que, não se sentindo à vontade para o mister, indicou o advogado cearense de Iguatu, residente no Rio, Humberto Teixeira (Iguatu-CE, 1915–Rio-RJ, 1979), que viria a se tornar o primeiro grande parceiro/letrista de Gonzaga e cuja parceria nos deixou, entre 1947 e 1952, 27 músicas com destaque para os seguintes *hits*: "Baião" (1946), uma espécie de "aula introdutória" sobre esse ritmo, cujo lançamento em disco foi feito pelo então incipiente conjunto vocálico Quatro Ases e um Coringa: "Eu vou mostrar pra vocês / como se dança o baião / e quem quiser aprender / é só prestar atenção..."; a este propósito, o termo baião, que vai muito além do que se classifica como forró, encampa outros ritmos afins, como o xaxado, o xote e o forró pé de serra, e teria a sua origem no interior da Bahia, no século 19, como uma variação do lundu, ritmo de origem africana. Sabe-se, assim, que o termo baião seria uma corruptela linguística de "baiano"; já o termo forró, segundo o folclorista potiguar Luiz da Câmara Cascudo, seria uma variação para o termo forrobodó, usado por Gonzaga.

Foto: Reprodução/TV Brasil

Cearense Humberto Teixeira e o pernambucano Luiz Gonzaga: parceria de sucessos

Em 1946, Luiz Gonzaga já começava a se tornar conhecido e festejado, quando retorna a Exu, para um sonhado reencontro com a família. É dessa época a criação de "Respeita Januário", com letra de Humberto, a partir de reminiscências de Gonzaga: "Quando eu voltei lá no Sertão / eu quis mangar de Januário / com meu fole prateado / Mas, antes de fazer bonito / de passagem por Granito / foram logo me dizendo / de Taboca a Rancharia / de Salgueiro a Bodocó / Januário é o maior".

"Asa Branca" (1947), clássico dos clássicos no gênero. Aliás, é "folclórico" o boato estampado na imprensa da época, como uma jogada de *marketing*, pelo ousado e *expert* Carlos Imperial, de que a música seria gravada pelos Beatles, quando não se sabe sequer se os garotos de Liverpool a tenham ouvido algum dia, como o fizeram Lennon e McCartney, com o bolero "Besame Mucho", da mexicana Consuelo Velásquez (Ciudad Mexico, 1916-2005).

Ainda viriam "Baião de Dois" (1950); "Xanduzinha", tema ligado ao povo de Zé Pereira, de Princesa; "No meu pé de serra", que foi a primeira parceria, que foi considerada pelo próprio Gonzaga como "acima dos inúmeros outros" sucessos da dupla.

TECNOLOGIA

Meta planeja que os seus *bots* criem "vida"

Um dos produtos vai possibilitar interagir como se fosse usuário humano nas redes

Mariana Cury
Agência Estado

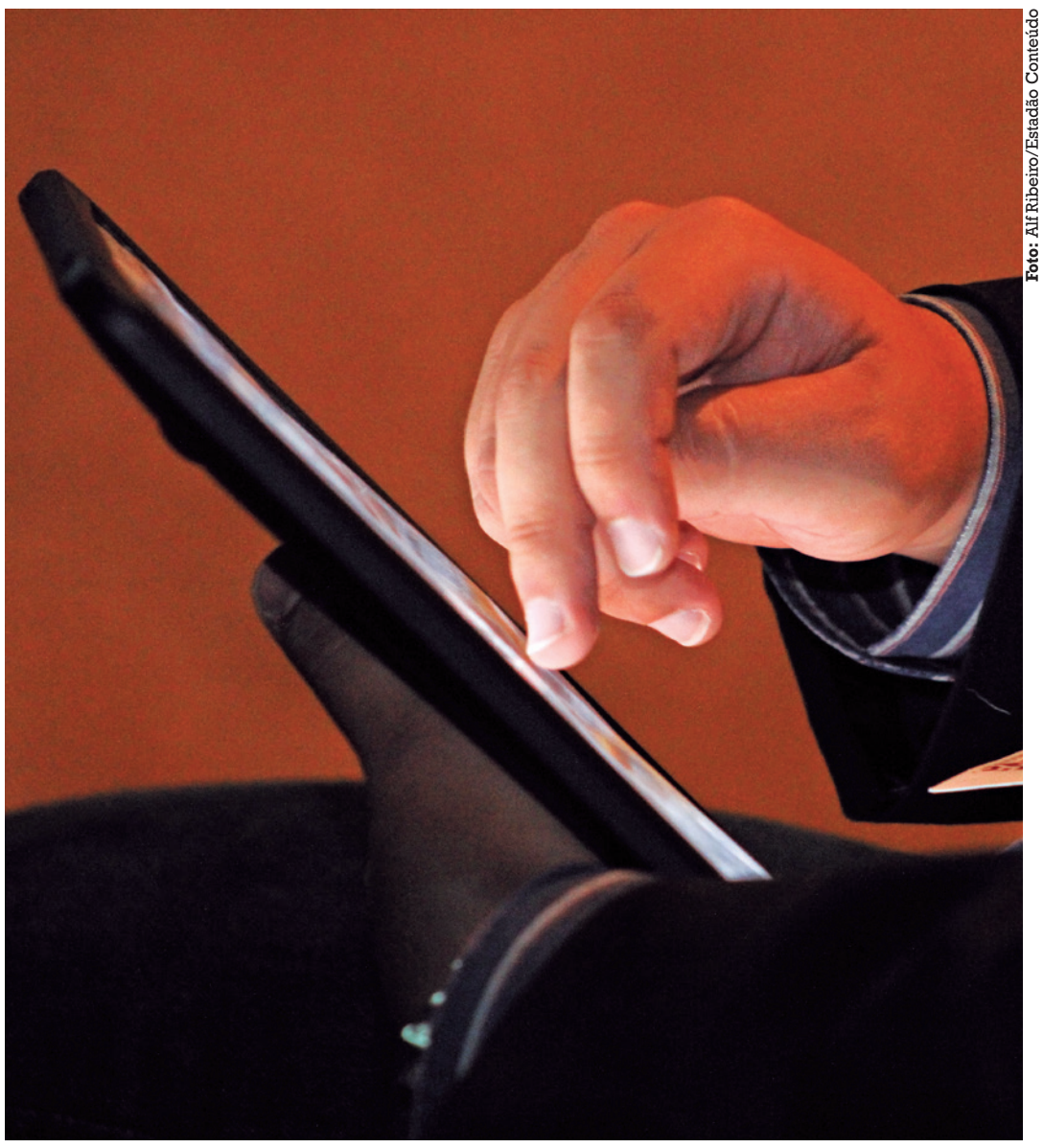


Foto: Alf Ribeiro/Estadão Conteúdo

Ainda não é possível saber se essas IAs serão convincentes o suficiente para interagir como pessoas

Um dos planos da Meta para 2025 é fazer com que a realidade aumentada em seus produtos realmente aconteça, usando *bots* de inteligência artificial (IA) para produzir, publicar e interagir com os usuários em suas plataformas. As informações foram divulgadas pelo *Financial Times*.

A empresa de Mark Zuckerberg pretende lançar uma série de produtos de inteligência artificial, até mesmo um que possibilite a criação de usuários de IA nas redes sociais, fazendo com que esses *bots* interajam como se fossem usuários humanos no Instagram e no Facebook.

Uma possível explicação dessa movimentação é que a Meta investiu muito nos modelos de IA generativa e, agora, precisa de um retorno financeiro para esses projetos. Mesmo que as plataformas da empresa já estejam sendo invadidas por "lixo" de IA — conteúdo que tem alucinação e informações incorretas —, essas publicações geram engajamento.

A novidade parece um pouco controversa depois de tanto trabalho das plataformas para denunciar conteúdos falsos e contas de *spam*. Entretanto, a possibilidade pode ser uma medida para atrair o público mais jovem de volta para as redes da Meta. Ainda não é possível saber se essas IAs serão convincentes o suficiente para interagir como seres humanos nas redes sociais, mas é uma aposta da empresa.

Diversos recursos do Instagram e Facebook já utilizam automatização por IA, mesmo que isso seja feito de forma quase oculta ao usuário. O que aconteceria agora seria um novo passo do uso da IA generativa que, talvez, possa resolver a questão das pessoas estarem postando cada vez menos nas redes e evitar que essas plataformas sejam inundadas apenas de anúncios publicitários.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Um abrigo (2) = porto + confiável (3) = seguro. **Solução:** cidade baiana (5) = Porto Seguro (5).

Charada de hoje: O movimento para trás (1), numa superfície irregularmente escavada (3), nos faz pensar numa cavidade mais profunda (4).

Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

Eita!!!!

Foto: Reprodução/Praça Filmes

Clássico do expressionismo alemão

Aproveitando o lançamento da nova versão de *Nosferatu* nos cinemas, vamos elencar algumas curiosidades sobre o clássico de 1922, dirigido por Friedrich Wilhelm Murnau (1888-1931), um dos mais importantes realizadores do cinema mudo e expressionista alemão. Inspirado no romance gótico *Drácula*, de Bram Stoker, o filme gira em torno de um corretor de imóveis chamado Hutter (Gustav von Wangenheim) que precisa vender um castelo cujo proprietário é o excêntrico conde Graf Orlock (Max Schreck, na foto acima). O conde, na verdade, é um vampiro milenar que espalha o terror na região de Bremen, na Alemanha e se interessa por Ellen (Greta Schröder), a esposa de Hutter.

Plágio

Na época de seu lançamento, todos os negativos e impressões foram destruídos sob os termos de um acordo de um proceso feito pela viúva de Bram Stoker, que alegou plágio. Entretanto, o longa-metragem iria, eventualmente, ressurgir por conta de rolos de uma segunda geração, em outros países. Assim como um vampiro encontrado em uma vila, *Nosferatu* foi banido na Suécia, em virtude do terror excessivo. Levou meio século para que a "maldição" da censura fosse retirada, apenas em 1972.

Não é uma obra em preto e branco

Por conta do processo de plágio, há um número confuso de diferentes cópias "sobreviventes", que, inclusive, têm menos dos 94 minutos da duração oficial do longa. Há inúmeros DVDs de domínio público de baixa qualidade com diferentes durações, velocidades de execução e até trilhas sonoras. Esses, geralmente, têm as cartelas em inglês e são sempre em preto e branco. Porém, originalmente o filme foi colorido por toda parte e foi feito para ser visto dessa forma, em perspectivas monocromáticas: quando a cena está azulada, é noite; as cores mais "quentes" são usadas para o dia ou o crepúsculo.

Luz do dia é mortífera

Considerado um dos primeiros representantes do gênero de terror no cinema, além de sua concepção visual ter exercido forte influência no gênero, *Nosferatu* foi o primeiro a criar o conceito de que a luz do sol é letal para os vampiros. Murnau resolveu mudar o final da produção para evitar o processo, o que não aconteceu.

Outras produções

Nosferatu já foi refilmado duas vezes, em *Nosferatu — O Vampiro da Noite* (1979), de Werner Herzog, e neste ano, com o filme de Robert Eggers. Já *A Sombra do Vampiro* (2000) é um retrato ficcionalizado acerca dos eventos que cercaram a produção do longa, baseado na lenda urbana de que Schreck era, na verdade, um vampiro.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Solução

1 – cajado; 2 – folha; 3 – cordão; 4 e 5 – cabelos das meninas (à dir. e à esq.); 6 – pedrinha; 7 – roupa do menino (no canto, à esq.); 8 – chapéu; e 9 – caneca.